



Leonardo Gonçalves da Costa

**Liturgia e Palavra:
A sacramentalidade da Palavra de Deus na
celebração eucarística**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação
em Teologia da PUC-Rio como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Ribeiro Santana

Rio de Janeiro
março de
2023



Leonardo Gonçalves da Costa

**Liturgia e Palavra:
A sacramentalidade da Palavra de Deus na
celebração eucarística**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Luiz Fernando Ribeiro Santana
Orientador
PUC-Rio

Francilaide de Queiroz Ronsi
PUC-Rio

Ademilson Tadeu Quirino
Seminário Diocesano Nossa Senhora do Rosário
Caratinga-MG

Rio de Janeiro, 22 de Março de 2023.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

Leonardo Gonçalves da Costa

Graduou-se em Teologia em 2019 pela Faculdade de São Bento – Rio de Janeiro. É Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Durante o Mestrado em Teologia Sistemático-Pastoral foi bolsista da CAPES.

Ficha Catalográfica

Costa, Leonardo Gonçalves da

Liturgia e Palavra: A sacramentalidade da Palavra de Deus na celebração eucarística / Leonardo Gonçalves da Costa; orientador: Luiz Fernando Ribeiro Santana. – 2023.

152 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2023.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Liturgia. 3. Palavra de Deus. 4. Sacramentalidade. 5. Celebração Eucarística. I. Santana, Luiz Fernando Ribeiro. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Aos meus amigos e irmãos da
paróquia de Nossa Senhora do
Brasil

Agradecimentos

Ao Bom Deus que em sua misericórdia me alcançou com Seu infinito amor. E aos meus pais que sempre me apoiaram na caminhada da fé.

Ao Professor Dr. Pe. Luiz Fernando Ribeiro Santana, meu orientador, pela diligente dedicação, zelo acadêmico e acolhida fraterna e inspiradora.

À CAPES, pois o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

À Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro por proporcionar excelente qualificação e aprofundamento da fé cristã, sem os quais este trabalho não poderia ter sido concretizado. De modo especial ao Departamento de Teologia pelo trabalho acolhedor e incansável na formação de teólogos aptos para a edificação da Igreja. Deixo especial registro de gratidão aos professores Dom Antônio Luiz Catelan, Francilaide de Queiroz Ronsi e Pe. Abimar Moraes, sempre disponíveis no acolhimento aos discentes.

Aos professores, colegas e funcionários do departamento de Teologia da PUC-Rio pela parceria, sobretudo ao caro amigo, Pe. Eufrázio Moraes.

Aos amigos, Pe. Gabriel Luís, por seu apoio incondicional e amizade verdadeira; ao Diac. Arthur José; à Elizabeth Ávila, pela revisão e acompanhamento; à Vânia Borgeth; Mateus de Castro, Lúcia Saraiva, e os muitos outros amigos de perto e de longe que sempre apoiaram esta grande empreitada acadêmica. Guardo todos em minhas orações para que o Bom Deus os acompanhe sempre com paz e bençãos.

Ao Mons. Antônio José de Moraes, diretor espiritual, pastor, pai e amigo pelo imenso coração acolhedor e por todo o suporte no desenvolvimento da minha caminhada acadêmica e de fé.

À comunidade paroquial de Nossa Senhora do Brasil pela fraternidade e constante suporte espiritual.

Aos familiares e amigos pelo apoio e orações.

Resumo

Costa, Leonardo Gonçalves; Santana, Luiz Fernando Ribeiro (orientador). **Liturgia e Palavra: A sacramentalidade da Palavra de Deus na celebração eucarística.** Rio de Janeiro, 2023. 151p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A realização do Concílio Vaticano II foi um momento privilegiado em que o Espírito de Deus repousou sobre a Igreja Católica. Este dado, carrega em si um relevo fundamental para nosso estudo, pois compreende a Palavra de Deus na celebração eucarística como um elemento essencialmente sacramental. A proclamação da Palavra na celebração eucarística não é uma simples leitura edificante da Palavra de Deus, mas sacramento da presença do Ressuscitado em diálogo vivo e dinâmico com todos aqueles que o escutam e o acolhem na fé.

No segundo capítulo nossa pesquisa percorreu um itinerário bíblico. Para tanto, este caminho percorreu o dinamismo da Palavra no Antigo e Novo Testamentos. Neles, foram considerados os principais marcos da dinâmica da Palavra de Deus na história da revelação. No terceiro seguinte, abordamos a Palavra de Deus na celebração eucarística como um elemento essencialmente sacramental a partir da ação do Cristo e do Espírito na Palavra. Ao desfecho e, portanto, quarto capítulo, apresentamos a intuição dinâmico-celebrativa em torno da Palavra a partir da assembleia litúrgica, da estrutura da Liturgia da Palavra e da ministerialidade que brota da celebração. Com isso, queremos proporcionar uma reflexão sobre esta temática para apresentar uma discreta contribuição à vida litúrgica que se estabelece ao redor da celebração eucarística, tendo como fundamento a Palavra de Deus como momento de máximo relevo sacramental.

Palavras-chave

Liturgia; Palavra de Deus; Sacramentalidade; Celebração Eucarística.

Riassunto

Costa, Leonardo Gonçalves; Santana, Luiz Fernando Ribeiro. **Liturgia e Parola: La sacramentalità della Parola di Dio nella celebrazione eucaristica.** Rio de Janeiro, 2023. 151p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

La realizzazione del Concilio Vaticano II è stato un momento privilegiato in cui lo Spirito di Dio si è posato sulla Chiesa Cattolica. Questo dato è di fondamentale importanza per il nostro studio, in quanto intende come elemento essenzialmente sacramentale la Parola di Dio nella celebrazione eucaristica. L'annuncio della Parola nella celebrazione eucaristica non è una semplice lettura edificante della Parola di Dio, ma un sacramento del Risorto in dialogo vivo e dinamico con quanti lo ascoltano e lo accolgono nella fede.

Nel secondo capitolo la nostra ricerca ha percorso un itinerario biblico. Pertanto, questo percorso ha coperto il dinamismo della Parola nell'Antico e nel Nuovo Testamento. In esse sono state considerate le principali tappe della dinamica della Parola di Dio nella storia della rivelazione. Nel terzo capitolo, affrontiamo la Parola di Dio nella celebrazione eucaristica come elemento essenzialmente sacramentale basato sull'azione di Cristo e dello Spirito nella Parola. Alla fine, e quindi al quarto capitolo, presentiamo l'intuizione dinamico-celebrativa attorno alla Parola dell'assemblea liturgica, la struttura della Liturgia della Parola e la mini-materialità che scaturisce dalla celebrazione. Con ciò si vuole offrire una riflessione su questo tema per presentare un contributo discreto alla vita liturgica che si instaura attorno alla celebrazione eucaristica, basata sulla Parola di Dio come momento di massima rilevanza sacramentale.

Parole-chiavi

Liturgia; Parola di Dio; Sacramentalità; Celebrazione Eucaristica..

Sumário

1. Introdução	11
2. Deus se revela e dá a sua Palavra	16
2.1 O dinamismo da Palavra de Deus no Antigo Testamento	18
2.2 O dinamismo da Palavra de Deus no Novo Testamento	31
2.3 A tipologia como caminho de compreensão da unidade entre a Escritura e a Liturgia da Palavra na celebração eucarística	39
3. A sacramentalidade da Palavra de Deus na celebração eucarística	53
3.1 A presença e ação de Cristo no sinal da Palavra	55
3.2 Horizonte pneumatológico da palavra de Deus na celebração eucarística	70
3.3 A Palavra de Deus na celebração eucarística	84
4. A dinâmica litúrgico-pastoral da Palavra de Deus na celebração eucarística	98
4.1 A assembleia litúrgica como lugar hermenêutico originário da Palavra de Deus	100
4.2 A estrutura da Liturgia da Palavra na celebração eucarística	114
4.3 A ministerialidade e o lugar teológico da Palavra na celebração eucarística como proposta para uma ação pastoral	126
5. Conclusão	139
6. Referências bibliográficas	139

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AM	Exortação apostólica <i>Africae Munus</i>
CEC	Catecismo da Igreja Católica
DAp	Documento de Aparecida
DD	Carta apostólica <i>Dies Domini</i>
DV	Constituição dogmática <i>Dei Verbum</i>
EG	Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i>
GS	Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i>
IGMR	Instrução Geral sobre o Missal Romano
LG	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i>
OLM	<i>Ordo Lectionum Missae</i>
PO	Decreto <i>Presbyterorum Ordinis</i>
SC	Constituição <i>Sacrosanctum Concilium</i>
RS	Instrução <i>Redemptionis Sacramentum</i>
VD	Exortação apostólica <i>Verbum Domini</i>

Vossa Palavra é luz que ilumina meu caminho.

SI 119,105

1

Introdução

O Magistério da Igreja, impulsionado pelo movimento bíblico, verdadeiro dom do Espírito Santo, encorajou a comunidade cristã a olhar para as Escrituras Sagradas como o alimento e a vitalidade que sustenta a própria Igreja. Para isso basta recordar três documentos: *Providentissimus Deus* de Leão XIII, *Spiritus Paraclitus* de Bento XV, *Divino Afflante Spiritu* de Pio XII. Esses documentos foram fundamentais para a reflexão em torno da Escritura nos últimos dois séculos.

Na esteira desse movimento bíblico o Concílio Vaticano II ao proclamar que a “Igreja sempre venerou as Divinas Escrituras da mesma forma que o próprio Corpo do Senhor”¹, não só valorizou a Palavra de Deus no contexto litúrgico, como também estimulou o acesso pessoal e comunitário às Escrituras. Tanto a *Sacrosanctum Concilium* quanto a *Dei Verbum* são os documentos basilares que fundamentam esse profundo senso bíblico-litúrgico da Palavra de Deus na vida da Igreja.

A realização do Concílio Vaticano II foi um momento privilegiado em que o Espírito de Deus repousou sobre a Igreja Católica. Mais de cinquenta anos depois, o Concílio Vaticano II é uma autoridade sobre a vida eclesial que continua sua tarefa de mantê-la na memória dos homens de hoje como motivador para responder às novas vocações e desafios.

A Igreja não se limita apenas à tradição, mas deixa-se comover de tal maneira que antes de tudo integra os fiéis no repertório litúrgico, retorna à fonte original, chega perto e longe e pede algo novo. A teologia litúrgica formou-se nas reformas conciliares do Concílio Vaticano II, que abriram novos horizontes e expectativas na vida da comunidade e ampliaram a compreensão das celebrações cristãs para diversos âmbitos.

Com efeito, tanto no Concílio quanto nos documentos pós-conciliares, fala-se reiteradamente da “revelação divina” e da centralidade da Palavra de Deus na vida da Igreja. Através da Palavra de Deus, uma das coisas mais importantes é a presença de Cristo em nós.

Verifica-se principalmente que esta centralidade é novamente enfatizada na

¹ DV 21.

celebração eucarística. Disso decorre que no centro da vida das comunidades está a Palavra do Senhor. As muitas riquezas da Única Palavra de Deus são recebidas pela fé da Igreja que a interpreta, celebra a e a proclama na celebração litúrgica dominical, ou seja, o momento por excelência da dinâmica sacramental da Palavra. Cada vez que celebramos os mistérios de Deus encontramos na Palavra o alimento interior que nutre e sustenta a fé da Igreja. Sobre isso, é possível considerarmos que a Palavra de Deus produz em nós os efeitos daquilo que ela fala.

Ao longo dos anos pós-conciliares muito tem sido publicado sobre o assunto e as nossas comunidades têm progredido nas várias modalidades de estudo e de reflexão sobre as Escrituras e a sua dinâmica celebrativa. Atualmente podemos encontrar quase todo tipo de abordagem sobre o tema da Palavra de Deus na Liturgia dos sacramentos, satisfazendo aos mais diversos gostos, interesses e utilidades pastorais e acadêmicas.

Assim, nosso trabalho pode ser incluído neste humilde esforço de promover a consciência e a reflexão de que a Palavra de Deus não se reduz a letra, escrito ou livro. Ela é, fundamentalmente, Pessoa, “Deus que se revela e dá sua Palavra”, cujo objetivo é promover o diálogo e a comunhão com criação e estabelecer uma aliança de amor e fidelidade com o ser humano.

Com efeito, este é um tema que toca tão concretamente e de forma tão abrangente a vida da Igreja que a teologia que examina seus pressupostos está intercambiada entre a teologia bíblica, patrística e litúrgica. De modo mais elementar, ela está fundamentada na experiência herdada das concepções bíblicas em torno da vida ao redor da Palavra de Deus. Em função disso, este nosso trabalho quer levar a aderir mais ativamente à fé da Igreja de que “Deus nos fala na celebração da Palavra”. Este dado, carrega em si um relevo fundamental para nosso estudo, pois compreende a Palavra de Deus na celebração eucarística como um elemento essencialmente sacramental.

A proclamação da Palavra na celebração eucarística não é uma simples leitura edificante da Palavra de Deus, mas sacramento da presença do Ressuscitado em diálogo vivo e dinâmico com todos aqueles que o escutam e o acolhem na fé. Além disso, a celebração eucarística, a seu modo, é o momento da dimensão mistérico-sacramental da ação de Deus na assembleia celebrante através da Palavra. Nela, a Palavra de Deus não se reduz ao passado, mas é Deus falando-nos, no cotidiano da vida, para atuar a mesma ação redentora em nosso presente.

Em se tratando de um tema que toca tão concreta e integralmente a vida da Igreja, nosso trabalho quer mostrar que a Liturgia da Palavra na Missa é esse momento privilegiado do encontro com Deus que vivamente nos fala. Pois, a ritualidade da Palavra na celebração é verdadeiro sacramento do colóquio de Deus com a assembleia celebrante. Desse modo a estrutura da Liturgia da Palavra está toda a serviço desse diálogo entre Deus Pai e a assembleia.

Neste contexto, a dimensão ministerial da Palavra na liturgia é pura obra do Espírito Santo. Além disso, como as ações de Deus não são automáticas, coercitivas ou mágicas, a assembleia litúrgica deve estar pronta para receber o Espírito Santo, que é o protagonista de toda a celebração. Nesse sentido, os ritos litúrgicos são completamente mistagógicos, ou seja, conduzem ao mistério que se expressa sacramentalmente em gestos e palavras.

Portanto, todos os elementos da celebração devem ser respeitados e valorizados como instrumentos do mistério simbólico-sacramental da ação do Espírito Santo. Em função disso, é tarefa da pastoral litúrgica promover uma participação mais ativa e consciente através da teologia litúrgica das nossas celebrações.

Com base nessas convicções, empenhamo-nos a escrever este trabalho dissertativo. O objetivo deste estudo é evidenciar uma teologia litúrgica da Palavra de Deus como ação mistérico-sacramental que possa revelar à consciência da Igreja contemporânea o alcance e a importância da Palavra no contexto das assembleias dominicais. Nosso intuito com isso, é fazer uma aproximação bíblico-litúrgica dessa realidade celebrativa em torno da Palavra como evento fundante da dinâmica sacramental.

No segundo capítulo de nosso trabalho procuramos mapear as principais evidências bíblicas que comprovam a dinâmica fundamental da Palavra de Deus: seu dinamismo na história da revelação. Não fazemos interpretação desses textos, mas usamos referências selecionadas entre autores de teologia bíblica e estudiosos da Liturgia para afirmar aquilo que nos propomos a elucidar neste trabalho. Eles fornecem a base para a primeira reflexão teológica sistemática no final deste capítulo.

Com base no testemunho da experiência bíblica em dois momentos, o Antigo e o Novo Testamento, evidenciamos a unidade existente entre a Escritura e a Liturgia da Palavra através da tipologia bíblico-litúrgica. Tal empreitada pode

ser apresentada como uma concepção teológica da dinâmica sacramental em torno da Palavra na celebração eucarística.

No terceiro capítulo percorremos o caminho sacramental da Palavra na celebração eucarística a partir de três elementos que indicam esse caráter sacramental da Palavra. São eles: a presença e ação de Cristo na Palavra, a dimensão pneumática da Palavra e a sacramentalidade da Palavra na celebração eucarística.

Tendo como pressuposto que a Palavra de Deus é proclamada em todas as celebrações sacramentais, nosso trabalho volta-se para a realidade da celebração da Eucaristia. Em vista disso, queremos ressaltar que os que foram batizados participam desta assembleia dominical para acolher aquilo que a Palavra transmite, ou seja, a salvação. Na verdade, é a única oportunidade para muitos crentes entrarem em contato com a Escritura. Apesar de pontuarmos neste trabalho a relação entre as “duas mesas”, a mesa da Palavra e a mesa da Eucaristia, nossa pesquisa tem como foco a Liturgia da Palavra na celebração eucarística.

Em nossa abordagem queremos afirmar que a Palavra de Deus possui um caráter sacramental. Com efeito, é Cristo que a declara com sua autoridade diante de todos os homens e traz seu poder salvífico à assembleia ali reunida, inserida no contexto das celebrações litúrgicas. Toda essa dinâmica é expressão da ação atualizadora do Espírito Santo na vida da Igreja que celebra os mistérios de Cristo.

Finalmente, no quarto capítulo queremos destacar que a Palavra que reverbera do Ambão não apenas transmite ensinamentos, mas também é veículo da salvação para aqueles que estão dispostos a ouvi-la e acolhe-la. A palavra final a ser ouvida é o próprio Redentor que participa da celebração eucarística. Assim, a assembleia se reveste de Jesus Cristo quando são performados pelo poder transformador da Palavra de Deus que é proclamada.

Em função disso, a ministerialidade existente em relação à Palavra de Deus é o múnus fundamental de todo batizado como anunciador da “Boa Nova” de Jesus. Assim, a participação consciente e ativa na celebração eucarística transcende o mero formalismo das atribuições de tarefas específicas. De fato, a dinâmica sacramental da Palavra de Deus é expressa pelo realismo salvífico do leitor que está a serviço da assembleia, da Palavra e do texto. O ministério do leitor representa a natureza do anúncio da riqueza do dom do Espírito Santo

mediante o sinal da Palavra.

Assim, no próprio anúncio litúrgico, a Palavra realiza o que declara e se torna um momento sacramental da ação divina. Esperamos que nosso interesse teológico combinado com nossa paixão pela dinâmica celebrativa em torno da Palavra ilumine este tema tão necessário e fascinante da teologia litúrgica da Palavra de Deus.

Portanto, como desdobramento pastoral de nossa abordagem queremos estimular os membros da pastoral litúrgica e todos os batizados de boa vontade para se tornarem instrumentos competentes da Palavra de Deus. Com efeito, Deus tem muitas coisas a dizer ao seu povo na celebração. Mas Deus não tem boca para falar. Então, eis que o profeta (leitor) intervém e, movido por seu zelo, fala humildemente. A palavra de Deus arde em seu peito e em sua boca, impelindo-o a proclamá-la diante da assembleia dos fiéis.

2

Deus se revela e dá a sua Palavra

A história de Deus é a história de sua relação com o ser humano. De fato, essa história foi transmitida e compilada ao longo dos tempos por meio das Escrituras inspiradas, da tradição oral e do testemunho dos fiéis. Essa história contém lições profundas e relevantes para a vida de todos os homens e mulheres de hoje. Com efeito, a Bíblia contém a Palavra de Deus expressa em linguagem humana.

Desse modo, ela se constitui como o meio mais seguro de conhecer a verdade revelada por Deus. Sem dúvida, ela é uma fonte de inspiração, esperança, conforto e orientação para todos os que nela buscam verdadeiramente a Deus de coração aberto.

Diante disso, o povo de Israel acreditava que quando se liam os escritos sagrados, Deus falava com eles e os guiava a uma nova direção. Assim, as Escrituras eram mais do que um livro de narrações históricas. Embora tivesse conteúdos históricos, a leitura da Bíblia era um meio de entrar em comunhão com a vontade de Deus, de se aprofundar na fé e de se fortalecer espiritualmente diante das situações que se encontravam. Em função disso, quando se lia publicamente as Sagradas Escrituras, o povo de Israel era constantemente lembrado de que Deus é presente e que Ele os chama a servi-lo, manifestando com isso a dinâmica de amor e fidelidade que une toda a Sagrada Escritura.

Desse modo, no primeiro item do presente capítulo de nossa pesquisa iremos abordar a temática em torno do dinamismo da Palavra no Antigo Testamento. Com efeito, a fim de delimitar ainda mais o escopo da abordagem de um tema tão vasto, optamos por referenciar essa temática a partir da concepção bíblica do termo “Palavra de Deus”. Em nossa abordagem deste tema vamos explorar o significado da noção de Palavra de Deus para o povo da Antiga Aliança. Isso servirá de baliza para identificarmos o significado da Palavra no contexto da aliança de Deus com seu povo e dos momentos fundamentais que expressam o dinamismo inerente a essa Palavra na história do antigo Israel.

Em função disso, o segundo item de nossa pesquisa tentará expor que o dinamismo da Palavra de Deus encontra seu ponto máximo na pessoa de Jesus

Cristo, o Verbo encarnado. A partir disso, tentaremos identificar de que modo a Palavra de Deus se manifesta ao mundo como ser relacional por meio do Filho único de Deus. De fato, Jesus constitui-se como o pleno “sim” a Deus. Ele manifesta toda a dinâmica da Palavra na Antiga Aliança dando a ela seu pleno cumprimento e expressão. Com efeito, a dinâmica da Palavra em Jesus manifesta o rosto de Deus. Dessa forma, ela age perpetuamente como testemunho vivo por meio da pregação dos Apóstolos.

De fato, as Escrituras são a fonte primária da Teologia. Decerto, utilizar uma abordagem bíblico-litúrgica é muito importante para a compreensão em torno da dinâmica celebrativa da Igreja. Com efeito, o estudo da Sagrada Escritura e sua relação com a celebração eucarística é muito importante para os cristãos e para a compreensão da mensagem de Deus em torno da sacramentalidade da Palavra de Deus.

Dessa forma, no último item do presente capítulo vamos explorar a matriz da unidade entre a Escritura e a Liturgia da Palavra à luz da tipologia. A partir da compreensão em torno da abordagem tipológica do texto sagrado e da Liturgia da Palavra, utilizaremos como paradigma da exposição duas perícopes fundamentais que elucidam a natureza da unidade entre a Palavra de Deus e a Liturgia da Palavra. São elas: Ne 8,1-12 e Lc 4,16-22. Com base nessas passagens bíblicas, tentaremos expor que a tipologia constitui-se como caminho de unidade para compreensão do texto sagrado. Dessa forma, o percurso de nossa exposição se concentrará em expor as fases históricas da tipologia bíblica como caminho indicativo da natureza tipológica dos textos sagrados.

Por conseguinte, essas considerações visam introduzir o leitor na compreensão de que a Palavra de Deus é viva e possui um dinamismo que lhe é inerente. De fato, é possível intuirmos a partir disso que ela se manifesta como uma realidade fundamentalmente sacramental. Em vista disso, a revelação pode ser compreendida como o mistério fundamental da Palavra de Deus. E por que não dizer: o primeiro sacramento.

2.1

O dinamismo da Palavra de Deus no Antigo Testamento

A palavra é uma ferramenta fundamental para expressar os sentimentos, comunicar as necessidades e compartilhar as experiências². De fato, ela é o mais distinto instrumento de comunicação que existe entre as pessoas. A partir disso, podemos dizer também que a palavra é o gesto propriamente humano que Deus utilizou na história para revelar-se e dialogar com seu povo.

É por meio de palavras que o ser humano exprime o segredo do seu ser como pessoa, ser relacional. Cada palavra pode expressar um pensamento ou um sentimento, ou seja, é uma revelação do que está presente em cada indivíduo e é manifestado a outro. A partir disso, a palavra humana é o meio para externar aquilo que a pessoa trás de mais íntimo e característico: um conceito; um sentimento; um juízo. A palavra se torna, com tal característica, uma revelação que fazemos de nós mesmos. Desta forma, ela é como uma nascente que brota de cada um e parte em direção a um outro, de modo que, por meio desse fluxo contínuo, gere uma resposta naquele que a recebe.

Com efeito, quem fala revela seu espírito para suscitar uma ação. Assim, se estabelece um encontro com o interlocutor. Com efeito, a palavra humana é o caminho para se estabelecer uma relação entre duas pessoas. No entanto, a linguagem humana às vezes fica longe desse ideal de relação. Ademais, isso acontece por causa do egoísmo e das limitações oriundas da não abertura ao outro.

Dito isso, quando uma palavra é verdadeira ela tem o poder de inspirar, motivar e suscitar o acolhimento. Além disso, ela também ajuda a construir vínculos duradouros, entender o mundo ao nosso redor e a edificar pontes entre as pessoas. Desse modo, podemos afirmar que a palavra é o meio pelo qual expressamos nossas disposições interiores, a saber: julgamentos, ideias e sentimentos. De certa forma, cada palavra humana é uma revelação do nosso enigma pessoal, ou seja, do mistério do ser humano. As palavras são como rios que saem de nós com algo que nos é próprio e leva a um outro para evocar um diálogo fraterno.

Antes de mais nada, precisamos considerar também que a Palavra exprime e manifesta aquilo que Deus é; em certa medida ela revela o mais íntimo da

² MISTRORIGO, A., Liturgia, p. 53.

existência de Deus e seus desígnios³. De fato, Deus se revelou como um ser pessoal ao longo da história da salvação, criando e educando seu povo para a escuta, reconhecimento e seguimento da sua Palavra.

Em função disso, podemos afirmar que a Sagrada Escritura é o livro do diálogo de Deus com os homens. Nela, Deus fala ao homem e o homem fala com Deus, Deus interage conosco e nos convida a participar da sua vida. A Bíblia é o livro da revelação. Deus nos revela a sua vontade, o seu projeto de amor para conosco e para o mundo. Deus nos revela a sua natureza e o seu desejo de estabelecer uma relação de amor com os seres humanos.

Ao longo da história da salvação a Palavra de Deus se manifesta de várias maneiras, como por meio dos profetas, da Lei, dos ensinamentos de Jesus, dos milagres, das parábolas e dos símbolos. O que todas essas manifestações possuem em comum é que elas são meios nos quais Deus fala à humanidade. Dessa forma, a Palavra de Deus é o meio pelo qual Deus revela a sua vontade e o seu amor para com a humanidade. De fato, ela se constitui como fundamento da fé cristã.

Os cristãos acreditam que o Deus que revelou sua Palavra é o mesmo Deus que criou o mundo e que mantém todas as coisas com um dinâmico movimento. Dessa forma, a Palavra de Deus tem o poder transformador de proporcionar salvação, pois, é intrinsecamente existencial. A Palavra de Deus é basicamente o ato revelador de Deus, o ato de Deus decidindo entrar na história com a intenção de salvação.

A revelação pode ser entendida como um ato pelo qual o próprio Deus, em sua bondade infinita, está presente e atuante na história diante dos acontecimentos, para se dar a conhecer às pessoas. Assim sendo, o modo pelo qual Deus se dá a conhecer é por meio de fatos e palavra. Ao adotar este modo de autorevelação, Deus revela ao ser humano quem ele é e o conduz a fazer a experiência de sua presença.

Em função disso, Deus se faz conhecer pelas ações perceptíveis ao homem através dos sentidos e, claro, através de sua inteligência podemos afirmar a partir disso que, por um lado, a experiência dos fatos justificam as palavras, e por outro, as palavras preservam e explicam os fatos.

Em vista disso, a Palavra de Deus não deve ser entendida meramente como

³ LIMA, M. L. C., A Palavra de Deus em palavra humanas, p. 15.

expressão de conceitos filosóficos ou teológicos complexos. Antes de tudo, ela deve ser entendida como um acontecimento, um fato, um encontro direto e pessoal entre o homem e Deus. Por esta razão, tanto o elemento “conhecimento” quanto o elemento “ação” estão sempre presentes na Palavra de Deus como expressão de seu dinamismo intrínseco⁴. Sobre isso, pode-se dizer que Deus age falando e fala agindo, ou seja, duas realidades inseparáveis que comunicam aquilo que a Palavra de Deus é.

A Palavra é o dom de Deus à humanidade. Com efeito, é a revelação de Deus ao mundo sobre sua vontade e intenções para todas as pessoas. É sua a pessoalidade que ele nos comunica sobre o seu amor e graça, e sobre o seu desejo de nos guiar e orientar em todos os aspectos de nossas vidas.

Deus fala e continua falando ao ser humano por meio de sinais. Sobre isso, é possível dizer que Ele continua a falar através do sinal de sua Palavra na celebração eucarística. Com efeito, na Antiga aliança Deus falou por meio dos patriarcas, dos profetas e por meio dos acontecimentos marcantes para a história do povo de Israel. Na Nova aliança ele falou especificamente por meio de seu Filho único, Jesus Cristo, o Verbo⁵.

Quando Deus fala com o homem, o faz com o intuito de estabelecer uma aliança com a sua criatura. Em função disso, a aliança pode ser compreendida como a força motriz que anima e dá vida a Palavra de Deus contida na Sagrada Escritura, conduzindo o povo de Israel em seu caminho através da história⁶. Dito isso, podemos considerar, de modo introdutório, que a Escritura possui uma qualidade intrínseca: o seu dinamismo.

Com efeito, é pela força criadora e ativa da Palavra que iremos abordar a concepção bíblica do dinamismo da Palavra de Deus no Antigo Testamento. Essa força criadora e ativa da Palavra expressa a concepção que o povo de Israel possuía em relação ao valor ímpar que ela apresentava⁷. Queremos destacar com isso que este vínculo é a aliança⁸. Sobre isso, é possível ainda afirmar que no

⁴ MISTRORIGO, A., Liturgia, p. 55.

⁵ Jo 1,14.

⁶ MOESCH, O., A Palavra de Deus, p. 65.

⁷ LIMA, M. L. C., A Palavra de Deus em palavra humanas, p. 13.

⁸ BOUYER, L., Dicionário de Teologia, p. 48. Sobre o conceito de Aliança, destacamos: “Tradução da palavra hebraica *berith*, que originalmente significa um contrato de parceria de natureza sagrada. Os semitas acreditavam que estavam ligados a seus deuses dessa maneira. Mas a aliança de Israel será, da parte do Senhor, uma iniciativa livre e soberana. Constitui o conteúdo fundamental do plano que a sua Palavra revelou a Abraão e começou a realizar no tempo do

século II, Santo Irineu escreveu que, para entender “o plano e a economia de Deus para a salvação da humanidade”, devemos primeiro entender “as várias alianças entre Deus e a humanidade” e “as características de cada aliança”⁹.

Pode-se dizer que a realidade desta aliança deve ser levada em conta como pano de fundo quando se considera a Palavra de Deus e seu dinamismo na história do povo de Israel. Em função disso, este item de nosso trabalho é composto por um destaque nas etapas da história da revelação no Antigo Testamento. O primeiro elemento que vamos considerar, será a Palavra de Deus na Antiga Aliança de acordo com alguns momentos que caracterizam a presença e obra da Palavra de Deus na vida do povo de Israel.

No entanto, antes de iniciarmos o percurso de apresentação dessa dinâmica na Antiga aliança, precisamos considerar qual é a concepção bíblica da Palavra de Deus, o que ela significa para o povo de Israel e qual é o seu dinamismo inerente na história desse povo. A partir disso será possível adentrarmos nas quatro etapas da revelação: a Palavra na Aliança do Sinai, a Palavra profética, a Palavra na criação e, a Palavra e a sabedoria. Com efeito, esta dinâmica em etapas da revelação marca a consciência de que a Palavra se constitui como mistério primordial e sinal eficaz da presença de Deus¹⁰.

Com base nisso, podemos levar em consideração aquilo que afirma M. L. C. Lima:

(...) para Israel, a Palavra não é só manifestação da presença de Deus, mas é força atuante. Expressa a majestade, a santidade de Deus, seu amor misericordioso, mas também suas exigências. A Palavra de Deus une alocução e ação é acontecimento e não unicamente comunicação de um conteúdo, ela cria a realidade. O fato de “palavra” e “coisa, acontecimento” serem expressos pelo mesmo termo hebraico (*dabar*) confirma o que os textos bíblicos expressam¹¹.

Dessa forma, o povo de Israel compreende que a Palavra é o meio pelo qual Deus realiza seu propósito salvífico no meio do povo. Dito isso, a ação de Deus caracteriza-se como uma ação efetiva e salvífica, e não apenas um pronunciamento formal. Através das palavras, Deus manifesta a sua presença salvadora. Portanto, o desejo e a necessidade das pessoas de receberem a Palavra de Deus pode ser frequentemente expresso na Sagrada Escritura pelo caráter

Êxodo; cf. Gen 12 ss e Ex 19 ss. Esta aliança é aqui a própria base da existência do povo como povo de Deus”.

⁹ IRINEU DE LIÃO, *Contras as heresias*, Livro I, 10, In: AL. p. 167.

¹⁰ LATOURELLE, R., *Teologia da Revelação*, p. 6.

¹¹ LIMA, M. L. C., *A Palavra de Deus em palavra humanas*, p. 14.

noético e dinâmico da Palavra.

No Antigo Testamento, Deus se revela sobretudo como o Deus do povo de Israel. Na história desse povo, vemos Deus encontrando-se com eles e dando-se a conhecer. De fato, Ele cria intimidade e toma partido na vida e na história do povo que escolheu para si. No centro dessa experiência reveladora está o Deus que se preocupa com as pessoas e que não é irrelevante para sua história, mas que é seu autor.

Para o povo semita, a Palavra é ao mesmo tempo noética e dinâmica¹². Isso significa dizer que ela especificamente denota atos da vontade, um comando ou ação. A partir disso, podemos considerar que a Palavra não é uma mera expressão de pensamento ou vontade, mas uma coisa concreta que existe objetivamente, age e é, por assim dizer, preenchida com o poder da pessoa que a pronunciou, neste caso, o próprio Deus. Dito isso, para o povo de Israel ela tem um valor intelectual e dinâmico.

Tendo como referência essa compreensão do povo semita, veremos que o “dinamismo da Palavra”, como assim optamos por referenciar, está voltado para a compreensão de que a Palavra de Deus não é um dado estanque na história da salvação, mas sim a sua impulsionadora. É nesse sentido que E. Schillebeeckx afirma que o povo hebreu não fazia distinção entre a palavra e aquele que fala. Segundo o autor, “A palavra é um modo de ser da própria pessoa (...) A força da palavra é a força da própria pessoa que a pronuncia: donde o poder da Palavra de Deus”¹³.

De fato, Deus se revela, chama, fala e dá a sua Palavra para estabelecer uma aliança com seu povo. Nesse sentido, ela busca construir uma relação de diálogo com todos aqueles que a acolhem. Sendo assim, é por meio da Palavra que Deus se aproxima do Seu povo, liberta, restaura e guia para o caminho da salvação. De fato, esse é o meio pelo qual se pode constatar a sua ação. Essa ação é entendida como a forma de Deus se comunicar com as pessoas.

Em vista disso, podemos afirmar que a história da salvação narrada na Sagrada Escritura é a história de um Deus que fala para se revelar, um Deus que quer a comunicação para se dar a conhecer. De fato, o Deus de Israel quer ser conhecido para ser amado. Este conhecimento se dá, de forma inevitável, através

¹²MOESCH, O., A Palavra de Deus, p. 67.

¹³ SCHILLEBEECKX, E., Parole et sacrement dans l'Eglise, p. 25-45.

da experiência das pessoas que gradualmente discernem e gradualmente reconhecem o Deus que fala com elas.

A fim de darmos prosseguimento no contínuo conhecimento que o povo de Deus faz ao longo de sua história, vejamos de que modo a revelação no Antigo Testamento manifesta a compreensão de Israel a respeito da Palavra de Deus e seu dinamismo. A partir de agora veremos a primeira etapa da revelação como marca da relação do povo de Israel com a Palavra de Deus. Esta etapa é marcada pelo evento fundante da Aliança do Sinai. De fato, a primeira revelação de Deus é que Ele é um Deus que se preocupa com a humanidade, não fica fora da história, mas nela atua. É a percepção de que Deus é um poderoso Salvador, mas não quer fazer tudo sozinho. A respeito disso, no livro do Êxodo Deus interage com Moisés e lhe dirige a sua Palavra¹⁴.

A partir disso, podemos constatar que Deus se revela a Moisés como o Deus que está ao lado de seu povo. Seu nome, “eu sou aquele que sou”¹⁵, não é nem um conceito nem uma fórmula filosófica, mas um nome dinâmico que manifesta a sua existência, e que não pode ser totalmente compreendido. A concepção semítica possui uma compreensão para entender a dinâmica da Palavra de Deus. Para o povo de Israel, a Palavra tem um poder quase infalível pelo poder da pessoa que a fala.

Dito isso, a Palavra de Deus cumpre seu significado na medida em que “faz aquilo que diz”. A dinâmica inerente que a Palavra possui pode ser atestada na identidade perfeita que existe entre seu falar e seu agir¹⁶. Desse modo, é possível afirmar que “a palavra de Iahweh se pode chamar sacramental no sentido que realiza o que significa”¹⁷.

Essa experiência de autorevelação de Deus é a experiência que o povo de Israel faz ao participar do diálogo com ele. Nesse sentido, a autorevelação é a experiência de participar da vida divina. A partir disso, é possível perceber como o povo de Israel compreende a revelação como Palavra de Deus. Sobre isso, é considerável aquilo que nos diz R. Latourelle:

Ainda que o Antigo Testamento não tenha um termo técnico para traduzir a idéia de revelação, a expressão “palavra de Javé” permanece a expressão privilegiada, a

¹⁴ Ex 3,7-8.

¹⁵ Ex 3,14.

¹⁶ MOESCH, O., A Palavra de Deus, p. 67.

¹⁷ MACKENZIE, J.L., Palavra no Antigo Testamento, p. 683.

mais frequente e significativa para exprimir a comunicação divina. Nas teofanias, a manifestação sensível está a serviço da palavra. O mais importante não é ver a divindade, mas ouvir sua palavra. O chamado de Deus a Abraão apresenta-se-lhe como simples falar divino (Gên 12,1ss). É igualmente significativo o fato de Moisés, que podia conversar com Deus, como um amigo com seu amigo (Ex 33,11), não poder ver sua face (Ex 33,21-23). Na revelação do Sinai, a força da narrativa recai na palavra de Deus. (...) É por sua palavra que Deus, progressivamente, introduz o homem no conhecimento de seu ser íntimo¹⁸.

Assim sendo, Deus se revela a Si mesmo por sua Palavra de forma que o ser humano seja capaz de participar dessa revelação. Desse modo, podemos considerar a Aliança do Sinai como o marco fundamental da história da revelação¹⁹. Com efeito o ato revelador no Sinai carrega em si toda a força da Palavra de Deus, pois, é o ato fundante da identidade do povo de Israel. Em função dessa aliança, é possível dizermos que “ouvir a Palavra de Deus é algo tão fundamental que torna os que a recebem bem-aventurados, isto é, participantes da vida mesma de Deus”²⁰.

De fato, o acontecimento do Sinai é central para os israelitas, pois marca a experiência da libertação da opressão do Egito e da aliança proposta por Deus e aceita pelo povo. A partir disso podemos dizer que “a assembleia do Sinai é a solene ocasião em que Iahweh e seu povo reaproximam-se e retomam o diálogo da aliança”²¹. Esta aliança está firmada sobre a Palavra de Deus dirigida ao povo por intermédio de Moisés. Por conseguinte, é “no Sinai que Israel se torna povo de Deus, o povo da aliança. (...) E a forma pela qual Deus estabelece a aliança é através da lei, mais especificamente através do Decálogo: as dez palavras”²².

Assim sendo, no Sinai, a Palavra de Deus é, antes de tudo, a palavra com a qual Deus se revela a Israel pela mediação de Moisés. De tal forma que, os mandamentos são as “Palavras de Deus”²³, ou mais precisamente, as “Dez Palavras”²⁴. Os Dez Mandamentos, ou dez palavras, são o centro e a fonte de toda a dinâmica de vida do povo de Israel. Portanto, esses Mandamentos são a Palavra de Deus consignada sobre o Sinai, que expressa a vontade de Deus para o seu povo.

Em função disso, cabe ainda ressaltar que a Palavra de Deus não foi apenas

¹⁸ LATOURELLE, R., Teologia da Revelação, p. 14.

¹⁹ LATOURELLE, R., Teologia da Revelação, p. 16.

²⁰ LIMA, M. L. C., A Palavra de Deus em palavra humanas, p. 15.

²¹ COLA, G. C., A reunião cristã como sacramento do desígnio divino de salvação, p.15.

²² MOESCH, O., A Palavra de Deus, p. 70.

²³ Ex 20,1;24,3.

²⁴ Ex 34,28.

transmitida oralmente por Moisés, mas foi escrita em tábuas de pedra desde o início, como apresenta o relato do livro do Êxodo²⁵. Decerto, esse testemunho das Escrituras pode ser compreendido à luz do termo “Torá”. Com efeito, a Torá, ou Lei, foi escrita e expandida em vários estágios da história de Israel. Em virtude disso, podemos destacar que surgiu em Israel a ideia de que a palavra escrita é uma expressão sistematizada da vontade de Deus²⁶.

A partir do livro do Deuteronômio é possível identificarmos a primeira expressão de uma concepção mais estática da Palavra de Deus²⁷. Assim sendo, a expressão “Palavra de Deus” não se refere mais à palavra falada, mas à palavra escrita. Por conseguinte, é aqui que começa o conceito de Escritura. De certa forma, podemos incluir a “Lei”, os escritos proféticos e os escritos de sabedoria como expressão dessa Palavra de Deus escrita²⁸.

Dando continuidade em nossa exposição sobre o dinamismo da Palavra de Deus no Antigo Testamento, uma segunda etapa emerge na história da revelação como marca contínua da atuação da Palavra no meio do povo de Israel. Estamos nos referindo aqui à palavra profética como expressão da Palavra de Deus. Em função disso, destacamos que o Antigo Testamento é marcado pela comunicação de Deus por meio de sonhos, visões, objetos e, acima de tudo, pessoas²⁹.

Em virtude disso, é “durante o profetismo em Israel que a Palavra atinge o seu ponto culminante”³⁰. De acordo com R. Latourelle, o profetismo bíblico constitui-se como um marco novo na história da revelação. Segundo o autor, a Palavra de Deus que é dirigida ao profeta impõe-se como “expressão da vontade divina e como poder decisivo na história de Israel”³¹. Com efeito, é possível dizer que esta palavra profética expressa o dinamismo inerente da Palavra de Deus, pois, realiza aquilo que diz.

Por conseguinte, não é de nosso intento fazer uma exposição aprofundada da figura dos profetas, para isso, indicamos trabalhos mais relevantes sobre este tema tão rico, tais como a Introdução ao Antigo Testamento e a Introdução ao profetismo bíblico, ambos do renomado biblista espanhol José Luis Sicre Díaz.

²⁵ Ex 32,16; 24,4.12.

²⁶ MANNUCCI, V., Bíblia, Palavra de Deus, p. 128.

²⁷ Dt 4,2; 13,1.

²⁸ MOESCH, O., A Palavra de Deus, p. 70.

²⁹ LIMA, M. L. C., A Palavra de Deus em palavra humanas, p. 16.

³⁰ MOESCH, O., A Palavra de Deus, p. 71.

³¹ LATOURELLE, R., Teologia da Revelação, p. 18.

Com efeito, nossa abordagem voltar-se-á, de modo mais preciso, para a “palavra profética”³² como expressão do dinamismo da revelação de Deus. De fato, esta palavra pronunciada pelo profeta é carregada do poder criativo de Deus, pois, ela manifesta a sua ação na história do povo de Israel.

No Antigo Testamento a Palavra de Deus se refere em geral à palavra do profeta. A palavra era o carisma do profeta, como instrução era o carisma do sacerdote e o conselho era o carisma do sábio (Jr 18,18). A palavra de Iahweh vem ao profeta como uma entidade dinâmica com sua realidade específica, quer dizer, o que o profeta recebe é uma palavra-coisa. Esta palavra-coisa é uma expansão da personalidade viva de Iahweh e tem seu poder proveniente dele³³.

Os profetas em Israel são essencialmente compreendidos como mensageiros de Deus para o povo³⁴. Algumas fórmulas proféticas expressam essa compreensão: “Veio a mim a palavra do Senhor”, “A palavra do Senhor que o profeta recebeu...”, “Escutai a palavra do Senhor”, “Assim fala o Senhor”, “Oráculo do Senhor”. Decerto, é possível afirmar nesse contexto que não há diferença entre a Palavra de Deus e a palavra dos profetas. Com efeito, o profeta é entendido como “a boca do Senhor”³⁵ e “o homem de Deus”³⁶.

Em vista disso, a palavra profética está marcada, sobretudo no livro do profeta Isaías, pelo anúncio de eventos futuros em linguagem profética³⁷. Javé é um Deus que prediz coisas futuras. Nas palavras do profeta Isaías: “A grama murcha, as flores murcham, mas a palavra do nosso Deus permanece para sempre”³⁸.

³² VERHOE, P. A., Profecia, p.1075-1076. Sobre a palavra profética, cabe destacar que: “o conteúdo da mensagem dos profetas devemos, como ponto de partida, considerar tanto a dimensão vertical quanto a horizontal dessa mensagem. Os profetas eram, em primeiro lugar e acima de tudo, pregadores da Palavra de Deus (*dābār*, Jr 18.18; 27.18) e da sua revelação (*hāzōn*, Is 1.1; 2.1; Ez 7.26). Essa palavra “veio” a eles (Jr 1.2, 4; 2.1, etc.), está dentro deles (Hc 2.1), é falada a eles pelo Senhor (Jr 46.13), que os capacita para falar em nome do Senhor (Dt 18.20) ou então é a palavra que o Senhor falou por intermédio deles (Jr 37.2; cf. Ag 1.1, 3, etc.). O próprio Senhor cumpre a palavra; vigia para que elas se concretizem (Jr 1.12); para que suas ordens sejam obedecidas (Ez 12.25,28); ele garante o cumprimento das palavras dos profetas (Ez 33.33; Dn 9.24); essa palavra não deixará de realizar tudo o que Deus planejou para ela (Is 55.10-11; cf. J. Jeremias 18). A iniciativa dessa mediação da palavra foi, por vezes, tomada pelos profetas no sentido de que agiam em oração e súplica em favor do povo de Deus; no entanto, geralmente, a iniciativa parte do Senhor. A indicação específica de que a palavra do Senhor “veio” aos profetas sublinha o caráter objetivo e real dessa fórmula de revelação; a palavra não teve origem na mente dos profetas, mas ocorreu, manifestou-se e, assim, foi recebida e comunicada pelos profetas”

³³ MACKENZIE, J. L., Palavra no Antigo Testamento, p. 682-683.

³⁴ MANNUCCI, V., Bíblia, Palavra de Deus, p. 129.

³⁵ Jr 15,19.

³⁶ 1Sm 2,27.

³⁷ MISTRORIGO, A., Liturgia, p. 58.

³⁸ Is 40, 7-8.

De acordo com isso, é possível afirmar que as palavras dos profetas estão intimamente ligadas à história do povo de Israel. Disso decorre que Deus fala com pessoas situadas historicamente. De igual modo, a Palavra é a forma como Deus opera na história, usando as pessoas e respeitando a sua liberdade.

No entanto, as palavras dos profetas não são perfeitas porque dialogam com as fraquezas do coração e do entendimento humano. Dessa forma, encontramos diversos exemplos na Sagrada Escritura que narram essas fraquezas por parte dos profetas. Podemos destacar com isso as figuras de Jonas e Jeremias, ambos marcados pela fuga e pelo silêncio diante da Palavra de Deus³⁹. Em vista disso, mesmo o profeta reconhecendo a fragilidade de sua palavra humana, ele tem consciência que conta como apoio de Deus para anunciar a Palavra. O alicerce deste anúncio não está em si mesmo, mas encontra-se em Deus. Com efeito, é possível afirmar que é precisamente na fraqueza das palavras humanas que a Palavra de Deus mostra o seu dinamismo e a sua força.

Sobre isso, podemos erigir como paradigma desse dinamismo da Palavra a figura do profeta Jeremias como ícone da revelação profética da Palavra de Deus. Como afirma R. Latourelle, “Jeremias ocupa lugar importante na reflexão teológica sobre a revelação, pois tentou determinar os critérios da autêntica palavra de Deus”⁴⁰. Segundo o autor, alguns critérios favorecem a compreensão do profeta como paradigma para a reflexão do dinamismo da Palavra:

Tais critérios são: a realização da palavra do profeta (Jr 28,9;32,6-8; Dt 18,21-22), a fidelidade a Javé e à religião tradicional (Jr 23,13-32), o testemunho enfim, tantas vezes heróico, do próprio profeta sobre a sua vocação (Jr 1,4-6;26,12-15). Jeremias foi consagrado profeta como que num rito: colocou-lhe Deus na boca sua palavra como um objeto material (Jr 1,9). Alimento saboroso (Jr 15,16), ou fonte de tormentos (Jr 20,9.14), a palavra de Deus escraviza-o e coage-o como uma realidade objetiva e superior. A palavra, da qual é o destinatário ou o órgão, está geralmente relacionada com a fidelidade que Israel deve à Aliança de Javé. Jeremias é o defensor da Lei e da Aliança. Como os outros profetas, exorta, promete, ameaça (Jr 2,4;7,2;17,20;22,2.19;34,4;22,5;26,12-13;19,2;20,1). Também apresenta a palavra como uma entidade independente, de dinamismo irresistível (Jr 5,14;23,29;25,13;26,12)⁴¹.

Partir disso, podemos perceber como a Palavra se manifesta de forma dinâmica na vida do profeta e como ela produz seus efeitos na história do povo que é o destinatário dessa palavra. Com efeito, a Palavra de Deus tem um grande

³⁹ MOESCH, O., A Palavra de Deus, p. 71.

⁴⁰ LATOURELLE, R., Teologia da Revelação, p. 18.

⁴¹ LATOURELLE, R., Teologia da Revelação, p. 19.

potencial criativo no Antigo Testamento. Um exemplo disso é o relato da criação no livro do Gênesis⁴².

De forma a enfatizar o propósito teológico de que a Palavra possui uma força criadora, é possível notarmos que os profetas estavam preocupados em anunciar às pessoas que a Palavra de Deus não era vazia, mas sim eficaz⁴³. De fato, o povo de Israel desenvolve a ideia de que a Palavras de Deus têm um dinamismo e potencial próprio. Por conseguinte, os profetas atestam que a Palavras constitui-se como um histórico, pois é um marco para a história do povo e de sua relação com Deus⁴⁴.

Dito isso, proseguiremos em nossa exposição abordando agora a Palavra na criação. Nesta etapa da revelação, que ocorre de forma tardia na história de Israel, podemos notar de que maneira a temática da aliança é retomada como paradigma relacional com a criação⁴⁵. É a partir daqui que será possível identificar a Palavra de Deus a partir de sua concepção bíblica, ou seja, o *dabar*⁴⁶ de Deus. Em função disso, cabe destacar ainda que esta Palavra compromete toda a ação na história do povo. Sobre isso, R. Latourelle explicita do seguinte modo:

O esboço de história da revelação já nos dá uma idéia sobre o sentido e o valor da palavra de Deus em Israel. Se é contestada a etimologia do termo *dabar*, seu uso dá-nos a conhecer seu alcance preciso. *Dabar* é “o que sai da boca” (Nm 30,13) ou “dos lábios” (Jr 17,16) do homem, mas que tem sua fonte no coração. O *dabar* exprime, exterioriza o que o homem já proferiu em seu coração (Gn 17,17; Sl 14,1) ou o que lhe vem ao coração (Jr 3,16; Is 65,17), ou ao seu espírito (Ez 11,5;20,32). A palavra não é, pois, a simples expressão de ideias abstratas; está carregada de sentido, tem um conteúdo noético que vem da concentração do coração sobre um objeto ou de pensamentos que dele se apossam, traduzindo ao mesmo.

Em função disso, podemos destacar que para o povo de Israel não pode existir diferença entre o dizer e o fazer de Deus. Sendo assim, a partir disso

⁴² Gn 1,1–2,4.

⁴³ Dt 32,47; Is 55,11.

⁴⁴ SIQUEIRA, T. M., A força da Palavra de Deus, p.133.

⁴⁵ Is 17,13; 40,26; 41,4; 44,27; 48,13; 50,2; Sl 29,3s; 33,9; 147,6; 148,4s; Eclo 43,5.10.16.26; Sb 13,14,15.

⁴⁶ MESTERS, C., A concepção bíblica da Palavra de Deus, p.24. Sobre o termo *dabar*, apresentamos a compreensão de C. Mesters: “Para os semitas, uma coisa sem nome, sem palavra, é algo sem sentido, sem razão de existir (cf. Jó 30,8). É o mesmo que não existir. As criaturas só existem e ‘são boas’ no momento em que Deus lhes dá o nome (Gn 1,5.8.10). Só então são o que devem ser. Daí, quem conhece a palavra de uma coisa, de um acontecimento ou o nome de alguém aferrou o sentido profundo do mesmo e o domina. Compreende-se como em hebraico o vocábulo *dabar* significa simultaneamente coisa e palavra, pois a palavra é a coisa em potência segundo todas as suas virtualidades. As coisas precisam do seu ‘*dabar*’, para poderem ser transparentes e plenamente inteligíveis. Sem a palavra, a realidade permaneceria opaca e indefinida, seria o ‘caos’”.

podemos entender que “o fato de ‘palavra’ e ‘coisa, acontecimento’ serem expressos pelo mesmo termo hebraico (*dabar*) confirma o que os textos bíblicos expressam”⁴⁷. Dito isso, podemos dizer que o *dabar* divino é a expressão do dinamismo criador que a Palavra possui na história da revelação. É marca fundamental da autorevelação de Deus e da compreensão imperativa que ela possui, ou seja, Deus diz e Deus faz aquilo que diz.

Por fim, como última etapa de nossa exposição sobre o dinamismo da Palavra no Antigo Testamento, abordaremos a Palavra e a sabedoria em Israel. No entanto, não é nossa intenção discorrer sobre todo o complexo problema da sabedoria e de seu gênero literário, antes, servirá como pano de fundo para a nossa reflexão. Queremos ressaltar apenas de que modo o dinamismo da Palavra torna-se aqui dinamismo de vida para o povo a partir do caráter sapiencial que a Palavra de Deus possui.

A literatura sapiencial é um traço característico na história do povo de Israel. Por volta do final do século II a.C. é possível afirmar que além da Torá e dos escritos proféticos, a Sagrada Escritura menciona um terceiro grupo de escritos considerados importantes para a formação intelectual e moral do povo de Israel. Este terceiro grupo contém textos de caráter completamente distinto ao restante da Escritura, mas o gênero literário preponderante é o da sabedoria⁴⁸.

Com base nisso, é possível afirmar que os escritos deste terceiro grupo foram os últimos a serem incorporados ao cânon das Escrituras. Dentre eles, merece especial destaque o livro da Sabedoria, pois, ele se encontra no limiar do Novo Testamento. A partir disso, queremos expor o significado da sabedoria no período pré-exílico, como caminho teológico inicial para uma compreensão da dinâmica da Palavra nesta etapa da história de Israel.

É de conhecimento geral que em todo o Oriente Médio a sabedoria é compreendida, acima de tudo, como uma “ciência de vida”, ou seja, a arte de se interrogar sobre os acontecimentos da existência⁴⁹. Sobre isso, é de grande ajuda nos atermos ao que expõem R. Latourelle:

O mesmo Deus, que ilumina os profetas, usou a experiência humana para dar ao homem a conhecer-se a si mesmo (Pr 2,6;20,27). Inicialmente essa sabedoria é simples reflexão, positiva e realista, sobre o homem e seu comportamento, para

⁴⁷ LIMA, M. L. C., A Palavra de Deus em palavra humanas, p. 14.

⁴⁸ MANNUCCI, V., Bíblia, Palavra de Deus, p. 131.

⁴⁹ MANNUCCI, V., Bíblia, Palavra de Deus, p. 132.

ajudá-lo a se orientar na vida com prudência e discrição (Pr 1,1-6). (...) Assumindo a experiência humana, Israel interpreta-a e a aprofunda à luz de sua fé em Javé, Senhor dos homens e da vida.

A partir disso, é possível constatar que o povo de Israel possuía uma compreensão horizontalizada da sabedoria, fruto das experiências e contato com os povos circunvizinhos. É de se notar que após o período do exílio, Israel experimenta uma noção mais qualitativa da experiência diante do mistério do Deus que se revela ao povo.

Com efeito, após o exílio a sabedoria assume um caráter peculiar a Israel. Dessa forma, a reflexão sobre a sabedoria volta-se para a dinâmica do vínculo existente entre a sabedoria e a Palavra criadora de Deus. De fato, a partir da Palavra de Deus a sabedoria ajuda a criar o mundo e é agradável aos olhos de Deus e aos filhos dos homens⁵⁰.

Em vista disso, podemos considerar que as reflexões em torno da sabedoria no Antigo Testamento parecem indicar para a ação da segunda Pessoa da Trindade divina, ainda que isso seja improvável em vista do estrito monoteísmo do Antigo Testamento. Com base nisso, podemos afirmar que a “Sabedoria, como é descrita em Sb 7,22-27; 8,1, é basicamente Deus mesmo em sua atividade no mundo”⁵¹.

A partir dessas quatro etapas da revelação o dinamismo da Palavra de Deus no Antigo Testamento pode ser entendido como o desdobramento da dinâmica da Aliança às bases do Sinai. Certamente, Deus diz aquilo que faz e faz aquilo que diz. Não pode haver contradição naquilo que ele pronuncia por intermédio de Moisés, dos profetas e dos acontecimentos da vida do povo de Israel. Tendo por base esta compreensão a cerca do dinamismo inerente da Palavra de Deus e seu caráter distintivo, ou seja, a sua vontade de estabelecer uma aliança com o povo, que veremos como ela se desdobra de forma definitiva no Novo Testamento.

⁵⁰ Pr 8.

⁵¹ MOESCH, O., A Palavra de Deus, p. 74.

2.2

O dinamismo da Palavra de Deus no Novo Testamento

O ponto de partida para o estudo a respeito da dinâmica da Palavra de Deus no Novo Testamento é o fato de que Cristo é a Palavra eterna, que em sua encarnação se tornou a Palavra de Deus visível e perceptível entre os homens. A partir disso, podemos afirmar que a linguagem divina se tornou a linguagem dos homens. Dessa forma, o mistério da Palavra de Deus pode ser identificado com a pessoa do Cristo, pois, ele mesmo é a mensagem do Pai⁵². A partir disso, poderemos identificar de que modo a pessoa de Jesus se constitui como ponto máximo da expressão do dinamismo da Palavra no Novo Testamento.

A história da salvação nos é transmitida como uma prodigiosa pedagogia divina que aponta para Cristo. Os profetas, cuja missão era recordar a aliança entre Deus e o povo, falam especificamente dele como o Messias prometido. Eles proclamam uma nova economia de aliança, espiritual e eterna, escrita no coração de cada pessoa. Em função disso, é a pessoa do Cristo quem revela o sentido desta economia salvífica querida por Deus. Podemos destacar que Jesus com a pregação da Bem-aventurança e do Evangelho, proclama o mandamento do amor e o cumprimento de toda a lei em si mesmo.

É necessário observar que iremos abordar em nosso trabalho a Palavra de Deus no Novo Testamento a partir de dois ângulos. Primeiro vamos observar três imagens bíblicas que traduzem o significado e a dinâmica da Palavra no Novo Testamento. Em seguida, procuraremos analisar a compreensão em torno de Cristo como a Palavra definitiva de Deus e o dinamismo de sua Palavra ao realizar a obra do Pai.

Ao se revelar, Deus assumiu para si o status de “objeto da revelação” e de “sujeito da revelação”. A partir disso, é possível afirmar que foi Deus quem tomou a iniciativa de revelar-se e manifestar-se de forma acessível, dentro das capacidades dadas ao homem para reconhecê-lo como criador e salvador.

No Novo Testamento, vemos que o Verbo de Deus se faz carne em Jesus de Nazaré, o Cristo. Por meio de Cristo experimentamos a mesma dinâmica encontrada na antiga consciência do povo de Israel: Deus dirige a sua Palavra ao povo, ou seja, estabelece um diálogo, uma aliança. Os escritos neotestamentários

⁵² MISTRORIGO, A., Liturgia, p. 61.

são as primeiras testemunhas da cristalização da fé em Jesus Cristo como Filho de Deus e Salvador da humanidade⁵³. Desse modo, tais escritos podem ser compreendidos como uma coleção de testemunhos que variam amplamente em contexto e individualidade, mas que mantêm um vínculo fundamental, pois evidenciam a ação da Palavra de Deus no mundo.

A encarnação do Verbo, porém, não esgota os mistérios de Deus, antes os potencializa. O que Deus revelou ao homem é o que o homem precisa para realizar a vontade de Deus e descobrir o sentido de sua vida, sua existência e seu sentido. Disso decorre que Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, revela o homem ao homem.

No entanto, no contexto dos escritos neotestamentários essa palavra dispensa mediadores, como outrora foi Moisés e os profetas. Com efeito, agora, o próprio Deus se encarna na história e dá a sua Palavra na pessoa do Filho. Em função disso, podemos dizer que, com Jesus, Deus revelou tudo de si e todas as promessas do Antigo Testamento são cumpridas.

Assim sendo, é possível afirmar que Jesus não é um profeta que fala as palavras de Deus ao povo. Ele é a presença de Deus entre o povo. Com efeito, o evangelho, a boa nova que agora ressoa no mundo, é a sua Palavra e, sobretudo, o seu ser. A revelação de Deus culmina e se torna perfeita. Em Jesus de Nazaré, Deus vem ao encontro do seu povo e de toda a humanidade de uma forma que supera todas as expectativas: o envio de seu único filho.

A partir disso, o próprio Deus se torna homem semelhante aos demais em tudo, exeto no pecado. Decerto, “a economia cristã, portanto, como aliança nova e definitiva, nunca cessará e não devemos esperar nenhuma revelação pública antes da manifestação gloriosa de Nosso Senhor Jesus Cristo”⁵⁴, revelada de maneira especial nos mistérios pascais de Cristo, ou seja, Sua Paixão, Morte e Ressurreição.

É preciso pontuar de início que o primeiro ângulo de nossa abordagem está voltado para os termos que descrevem a ação reveladora da Palavra de Deus no Novo Testamento, segundo a tradição sinótica. Em vista da multiplicidade de termos que indicam o dinamismo da Palavra nos escritos neotestamentários, vamos nos concentrar em expor três figuras que identificam esse dinamismo a

⁵³ MCKENZIE, J. L., Os grandes temas do Novo Testamento, p. 122.

⁵⁴ DV 4.

partir das figuras de Cristo como pregador, doutor e Filho do Pai.

No entanto, antes de adentrarmos nessa temática, cabe pontuarmos previamente dois termos que expressam de forma categórica a ação da Palavra e seu dinamismo como caminho indicativo do que veremos a seguir. São eles: Evangelho (*evangelion*) e Palavra (*lógos*).

Para o senso comum, o termo grego *evangelion* expressa tanto a narração escrita a respeito da vida de Jesus, como também a passagem que dele é extraída para a leitura na celebração eucarística dominical⁵⁵. O sentido desse termo pressupõe toda uma carga histórica que perpassa e tece o significado do termo na história do povo de Israel.

Em função disso, no contexto da Antiga Aliança, este termo corresponde a uma “notícia de vitória”. No entanto, além desse significado elementar, o substantivo grego *evangelion* adquire o sentido de recompensa monetária por uma notícia fortuita. Ainda convém lembrar que o termo possui uma grande importância para o contexto religioso tanto do Antigo quanto do Novo Testamentos.

A partir desta importância religiosa, a palavra *evangelion* designa o anúncio futuro de uma salvação messiânica. Com efeito, esta “boa notícia” demonstra a vinda do reino de Deus em um profundo dinamismo salvador. A literatura bíblica do Antigo Testamento trata este anúncio divino como obra criadora da Palavra de Deus. Desse modo, se estabelece a compreensão de uma perspectiva futura, ou seja, instaura um acontecimento que há de ser realizado pela vontade e força da Palavra divina.

Na conjuntura do Novo Testamento o termo em questão está diretamente relacionado ao sentido religioso, expresso principalmente por Isaías e no livro dos Salmos, ou seja, possui um caráter messiânico em perspectiva escatológica. De modo mais evidente, seu significado é atribuído à pregação de Jesus. Em vista disso, podemos afirmar que a dinâmica do evangelho enquanto Palavra de Deus reside, justamente, em sua expressão e transmissão por meio da oralidade⁵⁶. Com efeito, temos aqui uma dinâmica evidente de anúncio. A partir disso, é possível compreender o modo pelo qual a Palavra de Deus é transmitida como anúncio da

⁵⁵ MOLLAT, D., Evangelho, p. 274.

⁵⁶ MANNUCCI, V., Bíblia, Palavra de Deus, p. 136.

salvação⁵⁷.

À luz de Cristo, a “boa nova” tão esperada é a própria pessoa de Jesus enquanto mensageiro e conteúdo da revelação de Deus aos homens. Além disso, muito importante é também a perspectiva paulina sobre o evangelho. De fato, este termo é propriamente um termo encontrado nos escritos paulinos. Em vista disso, é possível afirmar que ele adquire um lugar de destaque na teologia e pregação do Apóstolo dos gentios.

A partir da perspectiva paulina sobre o evangelho, podemos identificar o termo como a obra divina realizada em Jesus Cristo para instaurar o reino de Deus. Com efeito, são Paulo usa o termo para caracterizar tanto a obra redentora de Jesus quanto sua pessoa enquanto conteúdo da revelação.

Cabe ainda lembrar que na teologia paulina o termo não era remetido ao texto escrito, pois o uso para se referir a esse termo como material compilado e redigido só surge a partir do século II, de forma mais clara por meio de Justino. Antes disso, o termo encontra-se diretamente ligado à tradição oral proveniente da pregação apostólica⁵⁸.

Verifica-se ainda que para o mundo grego o termo *evangelion* possui vários significados. Dessa forma, ele pode ser atribuído a uma recompensa monetária por uma boa notícia; uma notícia boa em si mesma; os sacrifícios oferecidos aos deuses pelo recebimento de uma boa notícia; o anúncio de uma vitória ou acontecimento próspero; ou mesmo os préstimos oferecidos ao imperador, no mundo romano⁵⁹.

Em vista disso, o sentido atribuído pelo Apóstolo Paulo está inteiramente ligado ao ambiente judaico-cristão de sua época. De certo modo, esse sentido aproxima a linguagem paulina dos destinatários da pregação. A partir dessa identificação com o termo na pregação paulina, os destinatários podem ser mais inseridos no contexto da verdade que lhes é transmitida através do Apóstolo⁶⁰. Com efeito, podemos afirmar que isso configura-se como um forte indicador da dinâmica da Palavra de Deus.

O conteúdo do evangelho é, sobretudo, a vinda do reino de Deus como

⁵⁷ MCKENZIE, J. L., Os grandes temas do Novo Testamento, p. 121.

⁵⁸ SCHAUK, A. V., Evangelhos, p. 514.

⁵⁹ GONZAGA, W., A noção de verdade e de evangelho no NT, p. 27.

⁶⁰ MANNUCCI, V., Bíblia, Palavra de Deus, p. 85.

podemos identificar nos evangelhos sinóticos e no livro dos Atos dos Apóstolos⁶¹. Assim sendo, para Paulo, o evangelho significa o ministério salvador de Cristo, ou seja, o mistério pascal⁶². O conteúdo dessa pregação é que Jesus Cristo, anunciado pelos profetas, viveu, morreu e ressuscitou, apareceu às testemunhas escolhidas por Deus e foi designado por Deus para julgar os vivos e os mortos⁶³. Estas são as palavras pregadas pelos apóstolos, e Paulo as conta com certeza aos tessalonicenses⁶⁴.

Em função do que vimos até aqui, vamos agora explorar um pouco as três imagens bíblicas que nos apontam para o dinamismo da Palavra de Deus no Novo Testamento. São elas a figura do Cristo como pregador, como doutor e como Filho do Pai. Para isso, precisamos trazer à baila os termos que conduzem a ação reveladora de Cristo: pregar o evangelho, evangelizar, ensinar e revelar.

Nos evangelhos sinóticos Jesus é apresentado sempre como aquele que prega e ensina a Boa-nova do reino em todos os lugares. Pela sua pregação Ele continua a tradição dos profetas, que eram os arautos de Deus, os mensageiros e intérpretes de sua Palavra. Dentre a pregação dos profetas, a de Jesus assemelha-se aos profetas: Joel, Jonas e João Batista, a voz que anuncia adiante do Messias.

Vale destacar também que Cristo ao falar de si não dá a si mesmo este título de profeta. Com efeito, ele leva à perfeição a lei e os profetas⁶⁵. De fato, Jesus não somente prega a Palavra de Deus, mas chama também outros a participarem de sua missão. Assim entre a pregação de Cristo e a dos Apóstolos há uma continuidade⁶⁶.

Cristo, assim como os profetas, inicia seu ministério pregando o evangelho do reino e a penitência que o traz. Na sinagoga de Nazaré, aplicou a si mesmo as palavras do Dêutero-Isaías para se referir ao fato de ser aquele que é consagrado à pregar. Estas palavras indicam que o Messias é um profeta dedicado a evangelizar os pobres.

Já no evangelho segundo Mateus, Cristo apresenta como sinal da sua autenticidade messiânica o fato da “Boa Nova ser anunciada aos pobres”⁶⁷. Em

⁶¹ At 8,12; 14,21-22; 28,23.

⁶² 1Cor 15,1-4; 1Cor 1,23; 2,2.

⁶³ MOESCH, O., A Palavra de Deus, p. 81.

⁶⁴ 1Ts 2,13; At 6,7; 19,20.

⁶⁵ Mt 5,17.

⁶⁶ LATOURELLE, R., Teologia da Revelação, p. 45.

⁶⁷ Mt 11,5.

essência, sua Palavra pode ser compreendida como o reino ou evangelho do reino. Desse modo, Cristo anuncia a inauguração daquele reino que o Batista anunciava ser iminente⁶⁸.

Vale destacar também que o Cristo é o novo rabi. O novo rabino de Nazaré inicia sua missão como Messias salvador após ser batizado por João. Sua pregação é marcada por seu agir e falar. Desse modo, suas palavras e os milagres que realizou impressionaram as multidões. Ele agiu e falou com autoridade superior a dos profetas⁶⁹. A ação de Cristo como mestre abria o coração daqueles que o chamavam para segui-lo. Com efeito, por seu dinamismo inerente ela comprometia todo o ser daqueles que a acolhiam na fé⁷⁰.

É evidente na leitura dos evangelhos sinóticos o reconhecimento de Jesus como o Rabi. De fato, este termo aparece várias vezes nos evangelhos para descrever seu ministério. Ele tem discípulos como os doutores de Israel, sendo assim, forma-os e instrui como os rabinos de seu tempo. Através de sua pregação em forma de anúncio, inaugura novos princípios para uma vida voltada em função da pobreza, humildade e caridade fraterna.

Em vista disso, seus ensinamentos possuem características únicas, pois, ele impõe-se pela sabedoria de sua doutrina e pela autoridade de sua pessoa. Além disso, enquanto os mestres da Lei limitavam-se a comentar a Lei, Jesus ia além, interpretando-a, corrigindo-a e aprofundando-a. Isso pode ser compreendido como a mais alta manifestação profética de sua pregação. De fato, Ele ensina com autoridade pelo fato de ser ele o Filho único a quem o Pai tudo confiou.

A partir disso, podemos verificar ainda que ele é o perfeito Revelador do Pai, pois é o Filho. Só ele conhece o Pai e seus mistérios, cujo conhecimento Ele comunica a quem Ele quer. Com efeito, também o Pai revela o Filho: aos “pequenos e humildes” revela o mistério da pessoa de Jesus, assim como foi com Pedro⁷¹. Essa realidade do ato revelador de Deus por meio de seu Filho pode ser caracterizado como o dinamismo fundamental da Palavra no Novo Testamento. O Verbo Eterno presente no meio dos homens é o rosto do Pai. De certa forma, ambas as revelações se complementam, pois, a do Pai faz acolher a de Jesus sobre o Pai e os mistérios do Reino que é anunciado em sua pregação.

⁶⁸ Mc 1,15.

⁶⁹ Mc 1,22-27; 2,12.

⁷⁰ MANNUCCI, V., Bíblia, Palavra de Deus, p. 84.

⁷¹ Mt 16,17.

Desse modo, Cristo é o Rabi, o doutor que interpreta as Escrituras para seus discípulos e o povo. Além disso, é o profeta que prega e apresenta sinais, e fala de Deus. Com efeito, ele é mais que tudo isso, pois ele é o Filho de Deus e participante do mistério do Pai. No entanto, essa compreensão só é possível a partir do evento da paixão e ressurreição do Senhor. Em função disso, o evento pascal do Cristo pode ser compreendido como a máxima expressão do dinamismo da Palavra.

Portanto, na tradição sinótica, Cristo é o Revelador porque proclama as boas novas do Reino dos Céus e ensina a Palavra de Deus com autoridade. Com efeito, ele é o filho que conhece todos os segredos do pai. Quando Cristo terminar sua obra, os apóstolos, por sua vez, devem revelar o que o Senhor lhes confiou. Em outras palavras, eles devem pregar e ensinar o evangelho da salvação e encorajar as pessoas a acreditar.

Dessa forma, a fé pode ser compreendida como o dom de Deus em relação à revelação do Pai. De fato, ela configura-se como a resposta humana ao anúncio do Evangelho de Cristo. O conteúdo essencial da Revelação é a salvação oferecida à humanidade na forma do Reino de Deus anunciado e estabelecido por Cristo. Chegou a hora perfeita: o Reino de Deus está presente e operando em Jesus Cristo⁷².

Cristo é a Palavra Eterna de Deus encarnada⁷³. A partir da pessoa e da ação de Jesus na história, Deus finalmente falou⁷⁴. O caráter supremo de Cristo, a Palavra de Deus, manifesta-se na manifestação de seu poder e atividade na criação, história e realização da salvação. Cristo é a Palavra do Criador, porque “por meio dele foram feitas todas as coisas, e sem ele nada foi feito... O mundo foi feito por meio dele”⁷⁵. “Por ele foram feitos os séculos e ele mantém o universo com o poder de sua palavra”⁷⁶. “Ele chamou à existência as coisas que não existem”⁷⁷. Portanto, Cristo, o Verbo Criador, é a luz que ilumina cada homem⁷⁸.

O primeiro objeto do amor do Pai é o Filho, ou seja, aquele que o dá a conhecer. Em vista disso, a Tradição, que tem um claro fundamento nas

⁷² LATOURELLE, R., Teologia da Revelação, p. 49.

⁷³ Jo 1,1.14.

⁷⁴ Hb 1,1-2.

⁷⁵ Jo 1,3. 10.

⁷⁶ Hb 1,2.3.

⁷⁷ Cl 1,15.

⁷⁸ Jo 1, ,9.

Escrituras, falava do Filho como o *Lógos* (Verbo, Palavra) e a imagem do Pai. A ideia de revelação está subjacente a esses dois títulos. Não há dúvida de que existe uma estreita relação entre eles. Enquanto o primeiro se refere principalmente ao aspecto auditivo⁷⁹, o segundo vê o visual como o aspecto mais diretamente enfatizado⁸⁰.

Cabe ressaltar ainda que Cristo veio para revelar o Pai e a palavra de Cristo é a palavra do Pai. Nele a obra do Pai é levada a plenitude da revelação⁸¹. Portanto, aqueles que ouvem a palavra de Jesus ouvem a palavra de Deus⁸². Em função disso, a palavra de Cristo é verdade, salvação e vida como expressa o evangelista⁸³. Na expressão do evangelista João ele é o “Amém” a Deus, a testemunha fiel e verdadeira do Pai. Com efeito, também para o Apóstolo Paulo, Cristo é a palavra decisiva de Deus⁸⁴.

Em virtude do que foi mencionado até aqui, é possível constatar o dinamismo que a Palavra possui ao realizar aquilo que diz de modo único com a encarnação do Verbo divino. A pessoa de Jesus é a plenitude do evento revelador de Deus. A sua palavra é a Palavra de Deus. Ela configura-se como elemento fundamental do dinamismo que a Palavra possui no Novo Testamento.

A partir disso, pode-se dizer que a revelação bíblica dos dois testamentos fornece uma base sólida para a compreensão de uma teologia sacramental da Palavra de Deus. A grande intuição da antiga aliança e da nova aliança, deixa-nos os princípios básicos para o reconhecimento da ação dinâmica da Palavra. Em vista disso, essa compreensão teológica é melhor expressada pela tipologia, como veremos a seguir.

⁷⁹ Mc 9,7.

⁸⁰ LADARIA, L. F., O Deus vivo e verdadeiro, p. 319.

⁸¹ Jo 3,34; 14,10; 17,8.

⁸² Jo 5,24; 12,48; 14,24; 17,14.17.

⁸³ Jo 17,17.

⁸⁴ 2Cr 1,19.

2.3

A tipologia como caminho de compreensão da unidade entre a Escritura e a Liturgia da Palavra na celebração eucarística

Tendo em vista o percurso que abordamos até aqui, onde a Palavra de Deus é marcada pelo dinamismo da Antiga e da Nova aliança, vamos agora explorar como essa dinâmica pode ser entendida a partir de um caminho tipológico de compreensão existente entre a Escritura e a Liturgia da Palavra na celebração eucarística.

A relação entre a Palavra de Deus e a Liturgia da Palavra é um princípio fundamental para a compreensão da celebração eucarística como espaço teológico fundamental das Escrituras. Com efeito, o Deus da Bíblia, conforme apresentado a nós por Jesus, é fonte e abertura para todos. É um Deus que se abre ao diálogo para uma relação recíproca. Pela sua própria natureza, no diálogo participam pelo menos duas pessoas: aquele que fala e aquele que ouve, aquele que sugere ou pergunta, e aquele que responde.

No presente capítulo vamos examinar a relação de unidade existente entre o livro das Escrituras e a Liturgia da Palavra. Ao fazê-lo, queremos demonstrar a importante relação que existe entre ambas e como esta relação permite que o sentido do texto sagrado comunica, liturgicamente, o drama sagrado da história da salvação.

Em vista disso, a Palavra de Deus ocupa um lugar importante na história da salvação, como transmissão da salvação de Deus que nos quer dar a própria vida. No centro desta história está o dom das palavras pessoais do Pai traduzidas em nossa própria linguagem pelos relatos bíblicos inspirados, sobretudo, pela encarnação de sua Palavra eterna, a segunda pessoa da Santíssima Trindade. Como visto no item anterior de nosso trabalho, a Palavra de Deus é consignada por escrito a partir da experiência que o povo faz do evento salvífico. Desse modo, as palavras se tornam visíveis e tangíveis para nós por meio dos atos celebrativos em torno dessa mesma Palavra revelada que é sempre viva e eficaz⁸⁵.

Com o objetivo de adentrar na dinâmica da unidade mencionada, vamos explorar um pouco a compreensão em torno da interpretação da Sagrada Escritura no panorama da história da salvação. Tanto para cristãos quanto para judeus, os

⁸⁵ Hb 4,12.

textos bíblicos são mais do que meros registros de eventos históricos. Com efeito, eles são projetados para apresentar ao povo a história abrangente da redenção conforme ela se desenrola na Sagrada Escritura.

Ademais, ela destina-se a abrir os olhos para o poder vivificante e dinâmico da Palavra de Deus e como ele é expresso na celebração eucarística, sobretudo, na Liturgia da Palavra. Assim sendo, podemos dizer que a Palavra traz consigo, no contexto celebrativo, a “realização” das verdades salvadoras contidas na Escritura.

Em função disso, a linguagem bíblica nos permite entender de que modo a Escritura era utilizada tanto pelo povo de Israel quanto pelos primeiros cristãos. As práticas em torno do texto Sagrado nos dão um caminho indicativo para o entendimento de como a celebração eucarística era marcadamente sustentada pelo sinal da Palavra de Deus. De fato, podemos afirmar que a Escritura dá forma à Liturgia da Palavra, e a mesma possibilita a interpretação da Escritura.

Assim, o objetivo principal do nosso trabalho é tentar compreender a implicação da tipologia⁸⁶ e a sua contribuição para a interpretação do sentido das Escrituras, especialmente em sua relação com a Liturgia da Palavra na celebração eucarística. Por outro lado, nossa pesquisa quer reapresentar uma perspectiva que já existe desde os tempos bíblicos e que era amplamente utilizada nos tempos dos padres da Igreja. A partir disso, podemos identificar o modo pelo qual essa perspectiva tipológico-mistagógica permanece ainda hoje na Liturgia da Palavra, constituindo-se em uma importante ferramenta de análise e interpretação dos textos Sagrados.

Com efeito, a partir da interpretação bíblica, a Liturgia da Palavra nos ajuda a nos conectar com o Deus revelado na Escritura. Assim sendo, a Escritura e o seu contexto litúrgico não são contextos desconexos, mas compõem um todo celebrativo. Em vista disso, podem ser compreendidas como duas realidades que se entrelaçam mutuamente na experiência litúrgica da fé em Deus.

Sobre isso, é inegável a contribuição de J. Danielou na reconstrução da maneira dos Padres da Igreja de interpretar os acontecimentos bíblicos, realizados como história de salvação nos ritos litúrgicos e sacramentais. De fato, isso é

⁸⁶ Compreendemos por Tipologia a palavra grega que significa “forma”, “tipo”. É uma palavra de que aparece em muitos contextos, da arquitetura à literatura. No contexto da teologia cristã, a tipologia é usada para se referir a figuras ou símbolos. Esta é uma forma de interpretação alegórica encontrada em toda a Sagrada Escritura. Enquanto a economia é a história da salvação, a tipologia pode ser entendida como o sentido oculto da economia, ou, o sentido que não é imediatamente aparente. Enquanto a economia é história; a tipologia é alegoria.

considerado de tipologia bíblica. Assim sendo, todo o desenvolvimento da teologia sacramental, que nasce da união dos ritos litúrgicos e das palavras proclamadas na celebração eucarística, parte da profunda relação existente entre amabas.

Cabe destacar também que para os judeus a leitura da Torá é acompanhada de comentários e explicações que ajudam os ouvintes a entender como os ensinamentos da Torá se aplicam às suas vidas. Em ambos os casos, a proclamação da Escritura é um ato celebrativo que nos ajuda a nos conectar com Deus e a nos lembrar de sua presença vivificante no meio do povo.

Com base nisso, a relação unitária entre a Escritura e a Liturgia da Palavra é um dos temas mais relevantes no campo da consideração teológica dos dias de hoje. Dessa maneira, o Concílio Vaticano II destacou a importância da Escritura nas celebrações cristãs como um tópico fundamental da reforma litúrgica⁸⁷. Isso pode ser facilmente constatado pelo fato da Bíblia fornecer a estrutura fundamental a partir da qual muitas partes da celebração eucarística estão organizadas. A perspectiva Conciliar possibilitou um novo paradigma para a importância capital da Palavra de Deus nas celebrações litúrgicas.

Assim, pois, por meio da leitura e o estudo dos Livros Sagrados seja difundida e glorificada a Palavra de Deus (2Ts 3,1), e que o tesouro da Revelação confiado à Igreja cada vez mais encha os corações dos homens [e mulheres] do nosso tempo. Assim como a vida da Igreja se desenvolve pela assídua participação no mistério eucarístico, assim é lícito esperar um novo impulso de vida espiritual de uma acrescida veneração pela Palavra de Deus, que permanece para sempre (Is 40,8; 1Pd 1,23-25)⁸⁸.

Por conseguinte, os textos bíblicos revelam um significado profundo do que a Igreja está celebrando em sua Liturgia. Em função disso que todos os ritos, oriundos da reforma litúrgica, demonstram uma grade consideração pelos textos da Sagrada Escritura, sobretudo, pelo que se pode constatar nas introduções de cada rito sacramental.

Portanto, a partir disso podemos destacar que a Liturgia da Palavra depende da Sagrada Escritura. Mas também é verdade que a Escritura depende da Liturgia da Palavra. Acima de tudo, deve-se lembrar que os textos do Antigo e do Novo Testamento foram escritos após os eventos por eles narrados e, portanto, são

⁸⁷ SC 24.

⁸⁸ DV 26.

originários do contexto litúrgico do povo de Israel.

De modo similar isso pode ser constatado no Novo Testamento. Podemos citar como exemplo a celebração eucarística dominical. A prática litúrgica que deu origem a textos importantes como o de Lc 22,19-20, que descreve a instituição da Eucaristia, nos mostram de que modo essa prática litúrgica sofre influência mútua da Palavra de Deus. A partir disso, a Escritura e o evento celebrado estão intimamente ligados porque se influenciam mutuamente e estão enraizadas uma sobre a outra. Com efeito, podemos afirmar que a Escritura é a inspiração da Liturgia da Palavra, ao passo que a celebração eucarística é a expressão da Escritura.

Para que possamos avançar em nossa exposição, precisamos ver de que forma a unidade entre a Escritura e a Liturgia da Palavra ocorre, e qual é o caminho que possibilita a compreensão dessa unidade. Em virtude disso, elegemos como matriz de nosso trabalho o desenvolvimento e apresentação de um conceito fundamental para o caminho elucidativo em torno da temática da unidade entre a Escritura e a Liturgia da Palavra: a tipologia.

Por tipologia podemos citar a definição apresentada pelo Catecismo da Igreja Católica, onde diz que:

A Igreja, já nos tempos apostólicos, e depois constantemente na sua Tradição, põe em evidência a unidade, do plano divino nos dois Testamentos, graças à tipologia. Esta descobre nas obras de Deus, na Antiga Aliança, prefigurações do que o mesmo Deus realizou na plenitude dos tempos, na pessoa do seu Filho encarnado. (...) A tipologia significa o dinamismo em ordem ao cumprimento do plano divino (...)⁸⁹.

Com efeito, a tipologia pode ser entendida como uma maneira de ler a Bíblia através de uma visão geral da história da salvação. A partir dela é possível ver as figuras, eventos, símbolos e instituições antigas como precursores da realidade totalmente revelada em Jesus Cristo.

Desta forma, o Antigo Testamento é lido como uma história que leva a Cristo como algo intimamente relacionado a Cristo. Assim sendo, podemos afirmar que através da tipologia se enfatiza a continuidade entre as antigas revelações e a plena revelação de Cristo, garantindo que o Antigo Testamento não seja simplesmente a história de um “passado morto”⁹⁰.

⁸⁹ CIC, 128.

⁹⁰ GODINHO, P. S. S., Bíblia e Liturgia, p. 09.

É a comparação entre os dois Testamentos, em que o Antigo é visto como um tipo ou padrão, e o Novo é visto como seu antítipo ou cumprimento. O Novo Testamento contém muitos elementos tipológicos que fazem referência à história da salvação. Enquanto a economia é a história da salvação, a tipologia pode ser entendida como o sentido da economia salvífica, ou pelo menos, o sentido que não é imediatamente aparente. A economia é história enquanto a tipologia pode ser entendida como o desvelamento dessa história.

A fim de iniciarmos nosso percurso optamos por estabelecer um exemplo inicial para a nossa discussão. Dito isso, utilizaremos um modelo bíblico bastante conhecido. Ele servirá de base para entendermos como a unidade mencionada se desenvolve e como a entendemos à luz dos conceitos citados. Em função disso, podemos afirmar que em nenhum lugar a tipologia é apresentada de forma mais vívida e sucinta do que no relato de São Lucas sobre os discípulos de Emaús (Lc 2,13-25)⁹¹. O relato narrado no Evangelho pode ser interpretado como o modelo na exposição do sentido tipológico dos textos da Escritura no Novo Testamento.

No contexto da perícopa lucana, somos situados pelo autor sagrado no domingo após a crucifixão, ou seja, o domingo pascal. No evento descrito estão postos para nós dois discípulos, outrora desiludidos com a morte de Jesus, caminhavam rumo a Emaús, quando são acompanhados por um desconhecido. A conversa entre eles é longa e profunda, e os dois discípulos, que não reconheciam o terceiro andarilho, são ao mesmo tempo surpreendidos e atraídos por ele. Trata-se, na verdade, de Jesus ressuscitado que se coloca no meio deles.

O mestre de Nazaré então explica a eles o significado real das Escrituras, enfatizando a necessidade em reconhecer o Messias e a importância do Messias em suas vidas: “Não era necessário que o Filho do homem sofresse tanto e entrasse em sua glória?” (v. 26). Ele explica que o Messias deveria sofrer e morrer, como está escrito, e que sua morte seria um ato de redenção para todos os que creem nele. Ao chegar à proximidade do povoado de Emaús, os dois discípulos convidam-no a ficar para a refeição, e só então, quando o mestre parte o pão e dá graças a Deus, é que os discípulos reconhecem Jesus.

Em virtude do que foi apresentado, podemos dizer que a metodologia que o Ressuscitado se utiliza para abrir o entendimento dos discípulos é uma forma de

⁹¹ HAHN, S., *Letter and Spirit*, p. 14.

tipologia. Isso posto, vamos agora adentrar na temática da tipologia como primeira forma de compreensão da unidade existente entre a Escritura e a Liturgia da Palavra, à semelhança do que fez Jesus com os discípulos na perícopa apresentada.

A fim de que isso seja possível, partiremos da explanação sobre a tipologia como é apresentada por M. Magrassi em sua obra, *Viver a Palavra*. Esta obra se constitui como base para a compreensão da tipologia bíblico-litúrgica que será abordada em nosso trabalho. Como não é possível abordarmos todos os aspectos teológicos da tipologia apresentados pelo autor, optamos apenas por apresentar uma descrição das fases históricas da compreensão tipológica da Sagrada Escritura como forma de panorama geral para a interpretação cristã e litúrgica da Palavra de Deus e sua relação com a Liturgia da Palavra na celebração eucarística.

De acordo com M. Magrassi, “a tipologia litúrgica não pode ser considerada isoladamente”⁹². Em função disso, podemos dizer que ela é o ponto de partida para a compreensão das fases da história salvífica. Portanto, seguindo a proposta do autor, é necessário descrever brevemente as etapas na qual a tipologia se desenvolve. Essas fases históricas são divididas pelo autor do seguinte modo: fase veterotestamentária, fase neotestamentária, fase patrística e a fase litúrgica.

Na primeira fase, M. Magrassi afirma o modo pelo qual o povo de Israel lia e interpretava as Escrituras. Assim sendo, o autor põe em evidência a consciência do povo de Deus em torno da Palavra de Deus e do dinamismo inerente a ela. Segundo ele, o povo de Israel voltava-se para uma autocompreensão da história. Para eles, Deus dirigia os acontecimentos sempre intervindo em favor do povo e proporcionando uma abertura constante ao mistério da sua presença. É em função disso que o entendimento em torno da história desse povo é sempre marcado por uma leitura contínua e atual da Sagrada Escritura.

Convém destacar ainda que em função deste modo de compreender a Escritura faz com que o povo volte-se sempre para a sua história. Esta compreensão não é uma mera lembrança de acontecimentos passados, mas uma memória viva e consciente da ação de Deus projetada no “hoje” do momento existencial do povo. De fato, os eventos passados não se repetem, mas abrem-se para eventos análogos projetados para o futuro. Sobre isso, o autor nos remete a

⁹² MAGRASSI, M., *Viver a Palavra*, p. 14.

um termo que bem expressa esse modo de ler e interpretar as escrituras: tipologia escatológica⁹³.

Sobre a fase neotestamentária, M. Magrassi aponta que o marco da mudança no cristianismo é especificamente o retorno a Cristo. Em função disso, o autor afirma que “a catequese apostólica, anunciando o cumprimento do desígnio divino em Cristo, tem uma referência contínua, não literária, mas vital a todos os livros do Antigo Testamento”⁹⁴.

Essa leitura tipológica da Bíblia é baseada na ideia de que tudo o que é descrito no Antigo Testamento é também uma profecia de eventos no Novo Testamento. Assim, na tipologia bíblica, o Novo Testamento é visto como o cumprimento da promessa feita no Antigo. Como exemplo dessa leitura tipológica podemos citar o modo que o Antigo Testamento prevê o Messias que viria salvar o mundo, enquanto o Novo Testamento registra a vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Com efeito, a abordagem tipológica é baseada na relação entre o Antigo Testamento e o Novo. O Antigo Testamento é um “tipo” em seus eventos, lugares e pessoas que apontam para o Novo Testamento. Além disso, M. Magrassi destaca as figuras de São Paulo e São João evangelista como os exímios mestres da tipologia no Novo Testamento. Tanto um quanto o outro viam nos mistérios da vida de Cristo o cumprimento das maravilhas de Deus anunciadas.

Na terceira fase, que é a fase patrística, o autor identifica que “os Padres e a Liturgia, em admirável concordância indicam de modo inequívoco que a tipologia é o fundamento sobre o qual repousa a leitura cristã da Bíblia”⁹⁵. Em função disso, podemos afirmar que a tipologia corresponde ao modo pelo qual a Igreja sempre compreendeu e interpretou a economia salvífica.

Dando continuidade na nossa exposição, é possível dizer que depois de assimilar as manifestações do Novo Testamento, o período dos Padres da Igreja trouxe um refinamento e uma sistematização impressionantes à interpretação tipológica, expandindo a corrente joanina, sobretudo, naquilo que diz respeito a uma compreensão mistérico-sacramental. No entanto um problema emergiu neste período, ameaçando com isso a compreensão unitária do Antigo com o Novo

⁹³MAGRASSI, M., Viver a Palavra, p. 16.

⁹⁴MAGRASSI, M., Viver a Palavra, p. 17.

⁹⁵ MAGRASSI, M., Viver a Palavra, p. 10.

Testamento. Trata-se aqui do problema da relação entre os dois Testamentos.

Não é do intuito de nosso trabalho nos determos de forma aprofundada nessa problemática a respeito das fases tipológicas. Cabe destacar apenas que, na fase patrística, a relação entre os dois Testamentos é fundamental para a compreensão unitária da economia salvífica. Com efeito, a escola de Antioquia pode ser considerada a maior expoente de uma compreensão tipológica apurada dos textos bíblicos⁹⁶.

De fato, a tipologia bíblica deste período se expressa de modo mais profundo nas catequeses mistagógicas à luz dos textos apostólicos de Paulo e João. Em função disso, é possível intuir desde já uma possível compreensão da sacramentalidade da Palavra de Deus e sua relação com a Liturgia da Palavra.

Após a fase patrística, M. Magrassi apresenta a fase litúrgica da tipologia. Nesta fase o autor expõe que o caminho para a compreensão das escrituras encontra a sua unidade nas celebrações litúrgicas, de modo mais proeminente na celebração eucarística:

Através da exegese tipológica da Liturgia, a Bíblia reencontra sua vitalidade e atualidade. Deixa de ser uma simples história do passado, para tornar-se minha história, porque é um mistério vivo, em cuja dinâmica estou inserido. As promessas de Deus a seu povo são feitas também a mim; a oração do povo de Deus torna-se minha oração; as *mirabilia Dei*, realizadas por Deus em favor de seu povo são renovadas a meu favor. Na Liturgia sacramental eu revivo em síntese toda a história sagrada, de acordo com a grande lei da biologia, pela qual a ontogênese reproduz a filogênese.

Desse modo, podemos afirmar que a leitura tipológica é o caminho que possibilita a experiência celebrativa em sua compreensão unitária. De fato, essa era a consciência litúrgica oriunda da patrística. Com efeito, podemos afirmar que ela era uma aproximação à realidade que possibilitava “uma forma de entrar em contato com a realidade, possibilitando uma maneira particular de compreender, sentir e experimentar a história salvífica, a igreja, a celebração e a vida”⁹⁷. Assim sendo, a tipologia permite atitudes que abrem sentidos transcendentais de eventos passados, presentes e futuros, ligando-os uns aos outros.

Levando-se em consideração esses aspectos, é necessário notar o realismo desse ponto de vista. A tipologia não se coloca no nível literário do texto, mas no nível objetivo do fato, captando verdadeiras analogias entre os eventos da história

⁹⁶ MAGRASSI, M., Viver a Palavra, p. 22.

⁹⁷ FINELON, V. G., A mística litúrgica cristã, p. 143.

da revelação. E é aqui que a tipologia se afirma como método de analogia entre a história da salvação. De fato, ela é um fenômeno puramente literário que perfaz os eventos da história costurando-os com a unidade existente entre a celebração e a Escritura⁹⁸.

A partir do que vimos até aqui, podemos afirmar que a leitura tipológica é uma ferramenta importante para descobrir os múltiplos tesouros da Sagrada Escritura e promover a compreensão intertextual que de outra forma seria impossível. Sobre isso, cabe ressaltar aquilo que a Pontifícia Comissão Bíblica destaca sobre o sentido espiritual do texto bíblico:

Um dos aspectos possíveis do sentido espiritual é o aspecto tipológico, do qual se diz habitualmente que pertence não à Escritura em si mas às realidades expressas por ela: Adão figura de Cristo (Rm 5,14), o dilúvio figura do batismo (1Pd 3,20-21), etc. De fato, a relação de Tipologia é ordinariamente baseada sobre a maneira pela qual a Escritura descreve a realidade antiga (a voz de Abel: Gn 4,10; Hb 11,4; 12,24) e não simplesmente sobre esta realidade. Consequentemente, trata-se de um sentido da Escritura⁹⁹.

A partir desse aspecto indicado pelo documento, a tipologia pode ser compreendida como uma forma de análise que procura encontrar as semelhanças e as diferenças entre os elementos de um texto e de outro. É uma ferramenta útil para a interpretação da Bíblia e de sua relação com a celebração eucarística, pois permite que o leitor explore as múltiplas camadas de significado que os textos podem ter.

Assim sendo, a partir dessa forma de análise, interpretação e compreensão da Palavra de Deus, nos é permitido explorar a grande fonte de riqueza que emana dos textos sagrados. Desse modo, a figura de Cristo e suas ações e palavras, constituem em elementos tipológicos da análise das Escrituras. A tipologia também pode ser encontrada na literatura apocalíptica, onde as obras do Antigo Testamento são aplicadas ao Novo Testamento.

Com base nesse exemplo, a figura de Abraão pode ser compreendida como um “tipo” da figura do Cristo. Ele aponta para Cristo. Abraão a figura do pai de todo o povo de Israel. Ele é o pai da fé. Ele é o tipo de Cristo, o fundador do novo povo e o centro da fé. Outro exemplo de tipologia bíblica é a relação entre a Arca da Aliança e a cruz de Cristo. A Arca é um tipo da cruz. Ela aponta para a cruz. A

⁹⁸ MAGRASSI, M., *Viver a Palavra*, p. 29.

⁹⁹ COMISSÃO PONTIFÍCIA BÍBLICA, *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 100.

arca é o lugar da Aliança. A cruz é o lugar da Nova Aliança. A partir disso, a Arca da aliança é compreendida em sua relação com o sinal da cruz.

Na teologia cristã, a tipologia é usada para se referir a uma figura ou símbolo que prefigura algo que está por vir. É uma forma de interpretação alegórica que encontramos em toda a Bíblia. Os tipos são divididos em dois grupos: os tipos históricos e os tipos literários. Os tipos históricos são eventos ou pessoas que prefiguram eventos ou pessoas futuras. Os tipos literários são eventos ou pessoas que prefiguram eventos ou pessoas que estão por vir.

A leitura tipológica pode ser compreendida como um instrumento importante para descobrir os múltiplos tesouros da Palavra e promover a compreensão intertextual que de outra forma seria impossível. É uma técnica de interpretação bíblica que busca identificar padrões literários, tais como paralelismos, expressões idiomáticas e temas correlatos nos textos bíblicos. Tem como objetivo analisar a estrutura e o conteúdo dos textos a fim de encontrar a mensagem central¹⁰⁰.

Podemos dizer então, que a tipologia é uma dupla interpretação: uma vez na economia e outra vez na tipologia. A economia corresponde a história da salvação mediante o evento da Palavra, ou seja, o progressivo ato de revelação de Deus ao seu povo. Ao passo que a tipologia corresponde à maneira como a economia da salvação é interpretada.

Disso decorre que a tipologia pode ser entendida como a interpretação simbólica dos eventos, pessoas e situação que marcam essa história. A partir disso, é possível afirmar que a economia é semelhante a um “mapa”, e a tipologia corresponde a uma “bússola” que indica a direção a ser seguida. Essa analogia permite identificar como a Palavra de Deus está intimamente ligada a história da salvação.

Com base nesse caminho de compreensão que apresentamos até o momento, queremos agora, a partir dessa perspectiva, apresentar um percurso tipológico como paradigma para entendermos como a dinâmica da unidade entre a Palavra de Deus e a Liturgia da Palavra pode ser interpretada. A partir disso, propomos como paradigma para nossa perspectiva dois textos que ajudam no estudo da unidade existente entre as duas realidades citadas. São eles: Ne 8,1-12 e Lc 4,16-

¹⁰⁰ GODINHO, P. S. S., Bíblia e Liturgia, p. 10.

22.

O relato bíblico descrito no livro de Neemias, remete-nos a uma compreensão solene da proclamação da Lei, por meio do escriba Esdras, diante de uma assembleia convocada em Jerusalém após o retorno do exílio na Babilônia¹⁰¹. Diante desta assembleia, verdadeiramente litúrgica por seu caráter intrínseco, três elementos fundamentais emergem como luzes para a compreensão de sua natureza assembleal e profundamente teológica, são eles: a) a comunidade reunida em assembleia; b) o livro das Escrituras canônicas; c) o leitor que proclama a leitura.

Dentro deste panorama bíblico-litúrgico, C. Giraudo destaca esses traços elementares fazendo os devidos apontamentos teológicos a respeito da natureza desta assembleia cultural e dos componentes que a estruturam. Conforme o pensamento do autor, a perícopa de Neemias (8,1-12) compreende a “descrição mais articulada de uma celebração veterotestamentária da Palavra de Deus”¹⁰².

Seguindo o itinerário do autor, a reunião constituída pelos sobreviventes da deportação do exílio congrega todos “como um homem só” ao redor da proclamação da palavra em um mesmo dia e lugar. Nesse sentido vale ressaltar que, é pela escuta desta mesma Palavra que Israel se constitui como povo de Deus (Jr 7,23).

Algumas explicações ajudam a compreender o sentido teológico dessa assembleia reunida em torno da Palavra de Deus. Na perícopa em questão, aquele que proclama a Palavra de Deus é o “escriba” (*sofér*) Esdras. Ele é o responsável qualificado investido para exercer tal função ministerial em relação ao “livro” (*séfer*) da Lei. Esta relação existente entre o leitor e o livro nos permite adentrar ainda mais nesta dinâmica celebrativa assembleal em torno da Palavra de Deus.

Desse modo, Esdras é apresentado segundo a especificidade de seu ministério nesta assembleia pós-exílio. Apesar do texto identificá-lo como um “escriba” (v.1), “sacerdote” (v.2) e um “sacerdote-escriba” (v.9), há um destaque, no quadro litúrgico celebrativo desta assembleia, para a intervenção de Esdras como leitor¹⁰³.

Além disso, o fato mais substancial para a reflexão proposta é o caráter da dimensão cultural desta assembleia. Esta dimensão é expressa pelo termo em

¹⁰¹BOSELLI, G., O sentido espiritual da Liturgia, p.56.

¹⁰² GIRAUDO, C., Admiração eucarística, p.72.

¹⁰³ GIRAUDO, C., Admiração eucarística, p.74.

hebraico “*qahal*” que equivale ao grego “*ekklesia*”. Nesse sentido, o termo “*qahal*” possui o intuito de uma convocação nos moldes daquela assembleia por excelência, a reunião as bases do Sinai, onde o povo recebe a Lei e sela uma aliança com Deus por meio de um sacrifício¹⁰⁴.

Estes dois termos exprimem que esta reunião é um momento litúrgico onde, “todos os que são capazes de avaliar a importância teológica da Palavra de Deus, distinguindo-a das palavras comuns”¹⁰⁵ são convocados para ouvirem o livro da Lei trazido por Esdras diante da assembleia congregada.

O fato de ser uma “*qahal-ekklesia*” é o dado mais significativo do ponto de vista de uma teologia do sinal-assembleia, pois, evoca o sentido primordial da assembleia, ou seja, o seu caráter de povo congregado na e pela Palavra de Deus. É deste modo que o povo se compreende como “*qahal Adonai*”, que quer dizer “povo de Deus reunido em assembleia santa”¹⁰⁶. Esta imagem reforça a profunda relação existente entre a assembleia congregada, o livro da Palavra de Deus e o leitor que a proclama de forma solene.

Outros componentes podem favorecer a compreensão, tais como o próprio ato de proclamar de forma solene; o local próprio para o livro da Lei e; o ato de bendizer a Lei com uma resposta unívoca da assembleia. Em função disso, são esses componentes que enriquecem ainda mais os múltiplos tesouros de uma teologia que emerge essencialmente do dado assembleal em torno da Palavra.

A partir do que expusemos até aqui, podemos identificar na conhecida perícopa lucana (Lc 4,16-22) elementos fundamentais para a compreensão da ação do Filho do Homem na celebração da Palavra, a saber, a identificação de Jesus com a Palavra proclamada na assembleia e o sentido que isso evoca para o contexto litúrgico. De fato, eles se constituem como marcas constitutivas dessa relação, pois, evidenciam a natureza do povo que o escuta, as palavras que Ele diz e os gestos que se utiliza para expressar esta realidade de sinal no meio dos homens.

A sinagoga é o lugar por excelência da proclamação solene da Palavra de Deus. Ela tem sua configuração estabelecida durante os tempos do exílio babilônico, tendo em vista que os judeus exilados não tinham mais acesso ao

¹⁰⁴ GELINEAU, J., Em vossas assembleias, p.48.

¹⁰⁵ GIRAUDO, C., Admiração eucarística, p.74.

¹⁰⁶ BOSELLI, G., O sentido espiritual da Liturgia, p.57.

Templo de Jerusalém¹⁰⁷. Diversas perícopes bíblicas apontam, de modo sintomático para o anúncio da Boa Nova¹⁰⁸.

O elemento primordial da liturgia sinagoga é o ato de “rezar em comunidade”. O termo sinagoga é originário do grego “*sinagoguē*” que significa reunião/convocação; o vocábulo, porém, procede do hebraico “*betha-kenesete*”, que possui o sentido de “casa da assembleia”. Dada sua importância, a sinagoga pode ser compreendida como a casa de reunião da assembleia que reza, ensina e interpreta a Palavra de Deus de modo comunitário¹⁰⁹.

Para o povo de Israel a sinagoga era sinal da presença de Adonai no meio de seu povo por intermédio da sua Palavra confiada a Moisés na Lei. O amor à palavra é cultivado desde cedo na história deste povo eleito como semente de amor do Deus da Aliança.

A liturgia das sinagogas está centrada de modo particular na leitura solene do livro da Leis (Torá), seguida por orações e cânticos intercalares - Profetas e Salmos¹¹⁰. Esta proclamação solene é ouvida pelos fiéis congregados e traz consigo um caráter predominantemente existencial, pois fala ao homem no mais profundo do seu ser, sendo por isso, como uma “lâmpada para os pés” (Sl 119, 105).

Consciente desta realidade, a assembleia litúrgica sinagoga tem seu apoio em uma tríplice estrutura que ordena a ação celebrativa da Palavra e que conduz para o momento fundamental do encontro com Deus: a rememoração da aliança do Sinai. Os três aspectos dessa estrutura estão intimamente ligados e constituem a vida em torno da Palavra de Deus: a Lei; o culto e; a vida.

A Torá é a palavra revelada sempre viva e que procede de Deus; o Culto à palavra é a todo o momento uma atualização e ritualização desta mesma palavra celebrada, constituindo-se como o fundamento da aliança; a vida assembleal é o traço característico fundamental do transcorrer dos acontecimentos em torno dessa palavra traduzida em “obras de amor”, ou seja, é fonte inspiradora e orientadora do modo de se viver da assembleia que a celebra¹¹¹.

A conduta de Jesus na sinagoga demonstra uma profunda reverência aos

¹⁰⁷ NEUNHEUSER, História da liturgia através das épocas culturais, p.46.

¹⁰⁸ Mt 4,23; Mc 1,21; Jo 6,59; At 9,20.

¹⁰⁹DI SANTE, Liturgia judaica, p.188.

¹¹⁰DI SANTE, Liturgia judaica, p.200.

¹¹¹DI SANTE, Liturgia judaica, p.129.

textos sagrados. Aqui, a Palavra está no centro da dinâmica celebrativa. O evangelista narra a entrada de Jesus na “casa de reunião” em Nazaré e o ofício de leitor desempenhado por ele durante a celebração. No entanto, este ofício exige que o leitor, escolhido pelo chefe da sinagoga (At 13,15), seja um verdadeiro “conhecedor do assunto” abordado. Tal são o conhecimento e reconhecimento de Jesus com a Palavra proclamada que, na sua identificação, ele dá seu cumprimento de maneira categórica e precisa ao dizer: “hoje esta palavra que ouvistes se cumpriu” (Lc 4,21).

Os gestos executados pelo leitor Jesus, a saber, a entrega e desenrolamento do livro antes da leitura; a devolução quanto terminada; o lugar onde os pergaminhos são guardados (arca sagrada); manifestam a profunda dignidade do livro sagrado. Toda a dinâmica gestual não é de caráter puramente material ou ritual, mas compreende um intrínseco valor teológico¹¹².

A peculiaridade que a Palavra proclamada possui na celebração, tanto para a sinagoga como para a vida da Igreja hodierna, é a de seu caráter dialogal e sacramental. Isto quer dizer que, ela é sempre viva e procede de Deus por meio da proclamação litúrgica. Mediante esta realidade relacional e sacramental, ela torna-se sinal sempre eficaz da presença dinâmica de Deus que comunica aos homens sua realidade e com eles caminha.

Através da proclamação da Palavra por Jesus na sinagoga, ele demonstra ser o grande sinal visível da ação de Deus na história do povo de Israel. A partir dele, “a Palavra de Deus instaura um regime de diálogo profundo” com o ser humano a quem ela se dirige¹¹³.

Dessa forma, veremos ao longo dos próximos capítulos a dinâmica sacramental da Palavra de Deus na celebração eucarística. A partir do que vimos neste capítulo, poderemos alargar ainda mais a compreensão da dinâmica sacramental da Palavra de Deus.

¹¹² MORAES, Liturgia e Palavra, p.17.

¹¹³ MORAES, Liturgia e Palavra, p.24.

3**A sacramentalidade da Palavra de Deus na Celebração eucarística**

A celebração eucarística é a epifania da presença do Ressuscitado. Deste modo, a Liturgia expressa a realidade do mistério pascal de Cristo presente como fundamento do culto cristão. Assim sendo, ela transmite a fé recebida dos Apóstolos, do mesmo modo que comunica o mistério de Deus a partir de palavras e ações.

Em função deste fundamento, toda a dinâmica litúrgica é, essencialmente, uma dinâmica sacramental composta pelo sinal da Palavra e dos sacramentos. Neste ato celebrativo é o próprio Deus que se doa gratuitamente ao ser humano e com ele vem estabelecer uma relação de diálogo. Deste modo, a autocomunicação de Deus se dá por meio da presença do Ressuscitado na celebração litúrgica e mediante a ação do Espírito Santo no interior da Igreja através de ações e palavras.

É em vista desta ação litúrgica que a sacramentalidade da Palavra de Deus emerge como fundamento da Aliança entre Deus e seu povo. De fato, antes do povo de Israel relatar sua história nas páginas da Sagrada Escritura, este povo a viveu, depois a celebrou e, finalmente, projetou sua experiência cultural nos textos antigos¹¹⁴.

Com efeito, a Bíblia narra a história da experiência de Israel com Deus. Esse relato é feito pela palavra que Deus pronunciou, a qual se fez história. Quando essa história se tornou a história do Povo de Deus, o relato também se fez história, e finalmente a história na história. A palavra que Deus pronunciou na Aliança do Sinai¹¹⁵ tornou-se a palavra do Povo de Deus e, como tal, também a palavra de Deus.

De fato, a história é vista como a história da Palavra, mas também como a história da experiência de Israel com a Palavra de Deus. A experiência de Israel não se limita ao que aconteceu, mas sim ao que a Palavra de Deus fez na história. Além disso, ela é também expressão de diálogo contínuo e comunhão. O Deus de Israel, com efeito, tem necessidade de estabelecer uma comunicação com o seu povo. Efetivamente, este diálogo se dá de forma privilegiada na ação litúrgica,

¹¹⁴ DEISS, L., A Palavra celebrada, p.44.

¹¹⁵ Ex 24,1-11.

onde a Palavra de Deus adquire um caráter performativo e sacramental¹¹⁶.

Nesta etapa do trabalho, a teologia sacramental em torno da Palavra de Deus na celebração eucarística será a matriz da pesquisa. Em seu primeiro bloco, será abordada a presença sacramental de Cristo mediante o sinal da Palavra no contexto da celebração eucarística. Este dado é fundamental para se compreender a dinâmica celebrativa em torno da Palavra de Deus.

No bloco seguinte, a pesquisa irá convergir para o horizonte pneumático da proclamação da Palavra. Conforme esta perspectiva, queremos pôr em evidência que “cada celebração sacramental é um encontro dos filhos de Deus com o seu Pai, em Cristo e no Espírito Santo”¹¹⁷. O Espírito Santo é o grande artífice da sacramentalidade da Palavra de Deus na celebração eucarística. Além disso, este horizonte pneumatológico coloca em destaque o dom gratuito de Deus derramado sob a comunidade reunida. Por meio da ação do Espírito no culto divino participamos da obra de Cristo em ação de graças a Deus Pai.

Por fim, como desfecho deste capítulo, no terceiro bloco será discutido alguns elementos que compõem a sacramentalidade da Palavra de Deus no contexto da celebração eucarística, tais como: a proclamação solene das escrituras; a pregação da Palavra; a oração litúrgica; o silêncio, os cânticos de louvor e a relação existente entre a Palavra e o sacramento. É no contexto celebrativo que a Liturgia se constitui como o lugar privilegiado para a celebração da Palavra de Deus¹¹⁸; é nela que a Palavra encontra sua expressão mais significativa, aquela sacramental.

Em função dessa abordagem, intui-se que o contexto da celebração eucarística é delimitador para a pesquisa, pois, é um recorte preciso no tema em questão. Apesar deste tema se expandir para outras temáticas teológicas, tais como a teologia do ano litúrgico, a Liturgia das Horas e a celebração dos demais sacramentos, o objetivo deste capítulo é pôr em destaque a relação existente entre a Palavra de Deus e a celebração eucarística.

¹¹⁶VD56.

¹¹⁷CIC1153.

¹¹⁸VD52.

3.1

A presença e ação de Cristo no sinal da Palavra

A presença-ação de Cristo no mistério do culto cristão é o eixo fundamental da teologia litúrgica oriunda do Concílio Vaticano II¹¹⁹. De fato, em seu primeiro capítulo, o documento do Concílio sobre a Liturgia articula teologicamente a relação existente entre o Cristo, a Igreja e a Liturgia¹²⁰. A partir da compreensão de que a Liturgia corresponde ao desempenho do múnus sacerdotal de Jesus Cristo, a Constituição *Sacrosanctum Concilium* identifica o modo pelo qual a obra da salvação é continuada na Igreja por meio das ações litúrgicas¹²¹. Deste modo, os números iniciais do Documento Conciliar tratam da Liturgia em chave profundamente teológica. Com efeito, a Igreja, Corpo Místico de Cristo, celebra a sua própria história, a história da salvação. É com base nesta perspectiva que podemos contemplar a ação do Filho de Deus como mediador único entre Deus e os homens¹²² através da Liturgia celebrada pela Igreja.

Note-se que a Liturgia está inserida dentro do contexto da economia sacramental da salvação. Nesse contexto, a presença dinâmica do Ressuscitado no seio da assembleia cultual é um dado que percorre toda a história da teologia litúrgica, desde a compreensão apostólico-patristica dos documentos da Igreja e reflexões posteriores. A esse respeito, o Catecismo da Igreja Católica situa a obra sacramental da Igreja no plano econômico da salvação como manifestação da presença sempre viva e atuante de Deus no meio de seu povo, por meio da obra de seu Filho sob a ação do Espírito Santo:

No dia do Pentecostes, pela efusão do Espírito Santo, a Igreja foi manifestada ao mundo. O dom do Espírito inaugura um tempo novo na “dispensação do mistério”: o tempo da Igreja, durante o qual Cristo manifesta, torna presente e comunica a sua obra de salvação pela liturgia da sua Igreja, “até que Ele venha” (1Cor 11,26). Durante este tempo da Igreja, Cristo vive e age, agora na sua Igreja e com ela, de um modo novo, próprio deste tempo novo. Age pelos sacramentos e é a isso que a Tradição comum do Oriente e do Ocidente chama “economia sacramental”. Esta consiste na comunicação (ou “dispensação”) dos frutos do mistério pascal de Cristo na celebração da liturgia “sacramental” da Igreja.¹²³

¹¹⁹ CASTELLANO, J., Liturgia e vida espiritual, p.136.

¹²⁰ SC 5-8.

¹²¹ SC 33.

¹²² 1Tm 2,5; Hb 12,24.

¹²³ CIC 1076.

É por meio desta obra sacramental – que é sinergia¹²⁴, ou seja, uma ação conjunta entre o Espírito e a Igreja – que o Ressuscitado se torna presente quando a assembleia se reúne em seu nome para celebrar a Eucaristia. Por este motivo, a dinâmica simbólico-sacramental presente no culto cristão nos leva a perceber que “o sentido de toda ação sacramental é precisamente orientado de maneira a realizar o encontro com Cristo”¹²⁵. Pois, Ele mesmo está presente na ação celebrativa da Igreja, uma vez que “a vida da Igreja, especialmente a Liturgia, é uma manifestação da presença real, santificadora e redentora de Cristo, o Senhor”¹²⁶. Com isto, queremos colocar em evidência a perspectiva que o Documento Conciliar expõe sobre a natureza da presença de Cristo na celebração litúrgica da Igreja, quando diz que:

Para realizar tão grande obra, Cristo está sempre presente na sua Igreja, especialmente nas ações litúrgicas. Está presente no sacrifício da Missa, quer na pessoa do ministro – “O que se oferece agora pelo ministério sacerdotal é o mesmo que se ofereceu na Cruz” – quer e sobretudo sob as espécies eucarísticas. Está presente com o seu dinamismo nos Sacramentos, de modo que, quando alguém batiza, é o próprio Cristo que batiza. Está presente na sua palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura. Está presente, enfim, quando a Igreja reza e canta, Ele que prometeu: “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles” (Mt 18,20). [...] Portanto, qualquer celebração litúrgica é, por ser obra de Cristo sacerdote e do seu Corpo que é a Igreja, ação sagrada por excelência, cuja eficácia, com o mesmo título e no mesmo grau, não é igualada por nenhuma outra ação da Igreja.¹²⁷

Esta perspectiva Conciliar é fundamental para a compreensão da dinâmica sacramental da presença do ressuscitado na ação litúrgica da Igreja, sobremaneira, na celebração eucarística. Em função disso, toda celebração litúrgica é eivada deste sentido sacramental da presença do Senhor no meio do povo. De fato, esta realidade sacramental constitui-se como um sinal da obra de Cristo na Igreja.

No período apostólico e patrístico, a consciência dos Padres em torno da presença sacramental do Senhor, sobretudo por meio do sinal da Palavra, era um indicador claro da inserção no mistério de Cristo e da participação na comunidade dos filhos e filhas de Deus. Esta consciência se dava de forma orgânica, ou seja, fazia parte da compreensão teológica e da mentalidade da comunidade.

¹²⁴ CORBON, J., A fonte da liturgia, p.11. “Literalmente ‘ação conjunta’, energias conjuntas. Este termo clássico entre os Padres, procura traduzir a novidade da união de Deus e do homem em Cristo, ou melhor, da energia do Espírito Santo que penetra interiormente a energia do homem e o identifica com Cristo. Todo o realismo da liturgia e da divinização está nesta sinergia”.

¹²⁵ SCHILLEBEECKX, E., Cristo, Sacramento do Encontro com Deus, p.129.

¹²⁶ MARTÍN, J. L., No espírito e na verdade, p.111.

¹²⁷ SC7.

Efetivamente, não havia necessidade de uma reflexão teológica apurada desta realidade, pois ela era explícita e vivencial para os primeiros cristãos.

Além disso, ouvindo atentamente a voz do Bom Pastor (Jo 10,1-10), o qual não cessa de falar à sua Igreja por meio da Liturgia, os Padres Conciliares testemunharam que, de fato, a consciência em torno da presença de Cristo na Liturgia cristã é um dado já presente no Novo Testamento¹²⁸. Esta consciência atestada no período apostólico revela um aspecto muito importante a respeito da compreensão da dinâmica litúrgica, a saber, seu caráter sacramental por meio dos sinais simbólicos. Na vida litúrgica das comunidades cristãs dos primeiros séculos, estava sempre presente a consciência de que, Cristo age na Liturgia através da Palavra, dos sacramentos e da oração¹²⁹.

Dito isso, diversos testemunhos patrísticos contribuem para uma compreensão da presença de Cristo no sinal de sua Palavra. Os Padres da Igreja, tais como Santo Agostinho, Santo Ambrósio, Teodoro de Mopsuestia, Orígenes, João Crisóstomo, dentre outros, oferecem largas evidências da realidade em torno da presença de Cristo na Palavra. Sendo assim, a consciência sacramental que os Padres reconheciam no mistério da celebração eucarística era a chave que ligava o Cristo-Palavra à ação simbólico-sacramental da Liturgia. A respeito dessa consciência sacramental, que associa a presença de Cristo na Palavra com a presença nas espécies eucarísticas, Cesário de Arles, um dos maiores pregadores da Igreja latina do V-VI séculos, afirma que:

A Palavra de Deus não vale menos que o Corpo de Cristo. Eu lhes pergunto, irmãos e irmãs, digam o que, na opinião de vocês, tem mais valor: a Palavra de Deus ou o Corpo de Cristo? Se quiserem dar a verdadeira resposta, certamente deverão dizer que a Palavra de Deus não vale menos que o Corpo de Cristo. E por isso, todo o cuidado que tomamos quando nos é dado o Corpo de Cristo, para que nenhuma parte escape de nossas mãos e caia por terra, tomemos este mesmo cuidado, para que a Palavra de Deus que nos é entregue, não morra em nosso coração enquanto ficamos pensando em outras coisas ou falando de outras coisas; pois aquela pessoa que escuta de maneira negligente a Palavra de Deus, não será menos culpada do que aquela que, por negligência, permitir que caia por terra o Corpo de Cristo¹³⁰.

Há de se considerar que essa consciência da presença de Cristo na

¹²⁸ Mt 18,19-20; 28,19-20; Jo 14,20-23.28; 15,4-7; Ef 3,17.

¹²⁹ MARTÍN, J. L., No espírito e na verdade, p.112.

¹³⁰ CESARIO DE ARLES, Sermão 78,2, Antologia litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio, p.1202 (por compilar as principais obras dos Santos Padres relativas a temas litúrgicos, este volume será muito usado em nosso trabalho. Passaremos a usar a sigla “AL” para indicá-los após menção do autor e da obra patrística consultados).

assembleia litúrgica, pelo sinal sacramental de sua Palavra, expressa a dinâmica reveladora de Deus na história da salvação. De modo análogo, a celebração eucarística é o evento sacramental que comunica essa presença sempre que a comunidade cristã se reúne em seu nome. Nesse sentido, a celebração expressa aquilo que a Palavra de Deus revela. Com efeito, nesse contexto celebrativo o sinal da Palavra estabelece um diálogo com a assembleia.

Mais precisamente, Cristo é a Palavra de Deus. Dessa forma, as Sagradas Escrituras anunciam o próprio Cristo. De fato, o episódio dos discípulos de Emaús, narrado no Evangelho de São Lucas¹³¹, evidencia uma identificação que existe entre Cristo e o pleno sentido das Escrituras. Nessa perícopa lucana, os discípulos compreenderam a explicação das Escrituras como referência à pessoa de Jesus. É à luz dessa evidência bíblica que os Padres da Igreja identificaram as grandes profecias do Antigo Testamento sob a luz do evento da ressurreição do Senhor¹³².

No entanto, essa consciência teológico-existencial dos Padres em torno da compreensão da presença de Cristo na Palavra sofreu um grande impacto durante o período medieval com o desenvolvimento das querelas eucarísticas a partir do século IX. A este respeito, o tema da presença real de Cristo na Liturgia sofreu uma acentuação para a matéria sacramental, ou seja, as espécies eucarísticas. Em função disso, ao se acentuar a presença de Cristo no sacramento da Eucaristia, perdeu-se a visão de conjunto da celebração como presença viva e atuante do Ressuscitado em toda a ação celebrativa da Igreja.

Apesar de grandes sínteses teológicas em torno da presença do Senhor no sacramento da Eucaristia, fazia-se necessário uma complementação na síntese proposta pelos mestres do século XVIII a respeito dos outros modos de presença de Cristo na Liturgia, tal como apresenta J. L. Martín:

Como acontece sempre que é preciso afastar um erro, a atenção dos teólogos se concentra num determinado aspecto da verdade, desenvolvendo-o o máximo possível, porém deixando inadvertidamente na sombra outros aspectos. [...] Por outro lado, a piedade eucarística começa nessa mesma época a centrar-se unicamente na contemplação e na adoração do sacramento, iniciando-se um perigoso afastamento da participação no santo sacrifício mediante a comunhão¹³³.
Em vista dessas querelas eucarísticas, enfrentadas pela Igreja nesse período,

¹³¹ Lc 24,13-35.

¹³² ARGÁRATE, P., A Igreja celebra Jesus Cristo, p.93.

¹³³ MARTÍN, J. L., No espírito e na verdade, p.113.

o Concílio de Trento (1545-1563) resolveu as disputas existentes por meio da definição do setenário sacramental¹³⁴. Dessa forma, a reflexão teológica deu mais ênfase para a discussão em função da presença real de Cristo no sacramento da Eucaristia. A partir dessa concepção centralizada em uma valorização teológica do mistério eucarístico, a piedade litúrgica estava, sobremaneira, orientada para o sacramento da Eucaristia durante o período entre os séculos VIII e IX. Além disso, essa acentuação teológica gerou também um esquecimento das outras formas de presença do Senhor na Liturgia. Por sua vez, isso acarretou um esvaziamento das considerações experimentadas no período apostólico e patrístico em torno do valor da Escritura na celebração eucarística.

Assim sendo, a reforma litúrgica empreendida pelo Concílio de Trento gerou um afastamento gradual da compreensão que a Palavra possuía na celebração eucarística. Ademais, isso provocou também um rubricismo exacerbado que, de certo modo, dificultava a compreensão da dinâmica celebrativa existente entre a Palavra e o Sacramento. Tal realidade configurou-se como uma evidente reação apologética aos autores protestantes. Em outras palavras, como explica P. Jounel, “o alcance do ensinamento dogmático do Concílio de Trento com relação ao Sacrifício da Missa e aos outros sacramentos só se compreende a partir das alterações provocadas na fé da Igreja pela Reforma”¹³⁵.

A partir desse ponto de vista apresentado por P. Jounel, podemos intuir que a questão sacramental sempre esteve presente nas sessões Conciliares, sobretudo, no que dizia respeito à transubstanciação das espécies eucarísticas no Corpo real de Cristo. Com efeito, essa explicação levantada pelo autor põe em evidência as disputas em torno da discussão a respeito dos sacramentos. A título de exemplificação, os mais próximos do círculo de Lutero, tais como Karlstadt e Zwickling escreviam sobre a necessidade de “abolir a adoração ao Santíssimo Sacramento”¹³⁶. Na perspectiva de Lutero, o culto cristão deveria ser compreendido apenas como um culto da Palavra. Em função dessa realidade conflituosa, J. L. Martín nos diz que:

¹³⁴ DENZINGER, H., *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*, Can. 1600-1613, p.415-417.

¹³⁵ JOUNEL, P., *Do Concílio de Trento ao Vaticano II*, p.75.

¹³⁶ BASURKO, X., *De Trento ao Movimento Litúrgico*, p.114.

No séc. XVI os reformadores contestaram a doutrina da presença de Cristo na Eucaristia e, em particular, a explicação sobre o modo como ela se produz, ou seja, a transubstanciação, tornando novamente necessário afirmar a fé da Igreja, como o fez o Concílio de Trento e a teologia pós-tridentina. Mas a ênfase sobre a presença eucarística levou a pensar que esta era a única presença verdadeiramente real, como se os demais modos de presença não fossem também reais.¹³⁷

Essa teologia oriunda do Concílio tridentino e a consequente reforma não resultaram em muitos avanços para a teologia litúrgica da presença sacramental de Cristo na Palavra. O esquecimento gradativo em torno da relação existente entre Cristo e a Palavra na celebração eucarística foi ignorado da discussão teológica em função das disputas em torno da Eucaristia. O valor teológico da realidade sacramental da Palavra de Deus na celebração eucarística ficou relegado ao período Patrístico. A Liturgia ainda estava encoberta sob um modelo exterior de culto amparado por rubricismo exacerbado. A esse respeito, J. J. Flores aponta para uma constatação que:

Sem negar os muitos valores da reforma tridentina, depois dela e com ela a Liturgia continuou sendo o que era, um culto externo e um fato clerical, distante do povo, que, no entanto, continuava se refugiando em suas práticas devocionais, dentro e fora da celebração litúrgica, que comportará com o tempo uma superabundância de devoções. A tudo isso se deve acrescentar que Lutero, por não perceber o “valor teológico da estrutura litúrgica”, não promoveu nenhuma reforma litúrgica. Se seu intento era voltar às origens, de fato, precisamente porque não conseguia ver na ação litúrgica a realização do acontecimento salvífico, em toda sua amplitude, não esteve em condições de encontrar esse contato com a Igreja antiga, que desde o começo procurava. A consequência mais grave será o empobrecimento da oração da Igreja e a perda definitiva daquela grandiosa visão eucarística do acontecimento da salvação, que era viva aos olhos da Igreja primitiva.¹³⁸

A partir dessa constatação teológica, podemos intuir uma verdadeira necessidade de redescobrir o tesouro da compreensão da Igreja primitiva a respeito do valor teológico da celebração eucarística. Diante disso, o Concílio Vaticano II faz, nesse sentido, uma retomada da teologia oriunda do Movimento Litúrgico e de seu desenvolvimento em razão da crise enfrentada pela Igreja no mundo moderno¹³⁹. Mais do que isso, há um verdadeiro resgate da dimensão

¹³⁷ MARTÍN, J. L., No espírito e na verdade, p.113.

¹³⁸ FLORES, J. J., Introdução à Teologia Litúrgica, p.61.

¹³⁹ COSTA, B., O Movimento litúrgico e a redescoberta da qualidade teológica da liturgia, p.137-138). “O Movimento litúrgico nasceu sobretudo como tomada de consciência da “questão litúrgica”, como elaboração consciente da “crise” da relação que a “modernidade” secularizada estabelece com a experiência ritual da fé e, naturalmente, como tentativa de oferecer uma resposta teórica e prática a este novo embaraço eclesial. [...] A sociedade política e religiosa do tempo sofria dum mal-estar de difícil diagnóstico. A Revolução Francesa vinha simplesmente agravar os erros precedentes. Na verdade, o mal era muito mais remoto, pois tinha a sua origem no

bíblica da celebração e também da profunda compreensão proveniente dos Padres da Igreja.

Além disso, a renovação teológico-litúrgica do Vaticano II, sobretudo no que diz respeito à fundamentação bíblico-patrística da celebração eucarística, encontrou nos padres do Concílio aquela volta às fontes, como sinal de uma primavera do Espírito na Modernidade. No que tange a este panorama, D. Boróbio apresenta uma síntese bastante elucidativa do horizonte teológico elaborado pelo Concílio a respeito da teologia sacramental:

O Vaticano II usou a expressão “sacramento” em seu sentido mais original, aplicando-a a Cristo, à Igreja e, num sentido mais difuso, ao cristão, a todo homem, às realidades criadas. Hoje, a teologia, baseando-se nas fontes da revelação e do Magistério da Igreja, não hesita em denominar “sacramento” também outras realidades que ultrapassam o campo do setenário sacramental. Não se trata de simples “nominalismo” (nome sem conteúdo) nem de “pansacramentalismo” (tudo é sacramento). Trata-se de reconhecer a essência sacramental das diversas realidades, reconhecendo os seus elementos comuns e diferentes, de tal modo que a intercomunicação e a comparação nos revelem toda a riqueza aí encerrada.¹⁴⁰

Este horizonte teológico apresentado por D. Borobio revela uma grande profundidade da realidade sacramental, sobretudo no que se refere à celebração eucarística. Com efeito, essa compreensão favorece a dinâmica celebrativa em toda a sua essência, pois, revela aquela realidade que a Igreja sempre reconheceu na sua origem. Por certo, o entendimento sobre o fundamento teológico da celebração evidencia de forma mais contundente sua essência.

Por sua vez, a teologia do Movimento Bíblico-Litúrgico sempre valorizou o horizonte da presença sacramental de Cristo por meio de sua Palavra na celebração eucarística. Cabe ainda ressaltar que é em função desta perspectiva que a Igreja desenvolve a sua reflexão no âmbito da teologia da presença sacramental. Como afirma A. L. Benedito:

Para chegar ao tema da Palavra-sacramento, houve um longo percurso. O primeiro passo foi a revalorização da Escritura na celebração. Depois de séculos de ofuscamento, a comunidade cristã finalmente foi convocada a participar, não só da mesa da Eucaristia, mas também da mesa da Palavra. A Igreja, ainda, não apenas se preocupou com as bases teológicas das relações entre Bíblia e Liturgia. O objetivo

protestantismo e na constelação dos seus rebentos – jansenismo, galicanismo, quietismo, febronianismo, josefismo e, finalmente, o modernismo –, os quais tinham escravizado o homem a partir de um erro filosófico-teológico: a não gratuidade da graça, a inutilidade das obras e a falibilidade do Sumo Pontífice, favorecendo as mais diversas formas de individualismo e devocionismo”.

¹⁴⁰ BOROBIO, D., Da celebração à teologia, p.294.

do Concílio foi de realizar o projeto de trazer mais abundantemente a Palavra aos fiéis, cuja materialização se efetuou através do novo Lecionário. [...] A partir do aprofundamento da reflexão teológica sobre o papel da Escritura na celebração, emergiu o princípio da sacramentalidade da Palavra de Deus. [...] O Movimento Bíblico, assim como o Movimento Litúrgico, deixou uma grande marca no processo de renovação eclesial proporcionado pelo Concílio Vaticano II. Através do impulso dado pelos estudos bíblicos, o Magistério incentivou a comunidade cristã a beber da Sagrada Escritura, tomando-a como fonte de vida para a Igreja.¹⁴¹

Desse modo, a Constituição Litúrgica ao revisitar a teologia dos Padres da Igreja, legou uma revalorização da presença sacramental de Cristo por meio do sinal de sua Palavra na celebração eucarística. Com efeito, a Constituição Litúrgica amplia a consciência sacramental da Liturgia a partir de um prisma teológico muito mais preciso. Em vista disso, conceber a Liturgia com base na ação sacramental de Cristo na história é fundamental para identificar que, “a estrutura simbólica da Liturgia reflete a estrutura simbólica da história da salvação”¹⁴².

De fato, a Liturgia é a última etapa da história da salvação¹⁴³. Com efeito, o tempo da Igreja é tanto um resultado quanto uma continuação do tempo de Cristo. No entanto, o tempo da Igreja não é uma continuação da era de Cristo simplesmente porque é uma sucessão temporal. É uma continuação ritual porque o próprio evento salvífico se faz presente pela força do exercício sacerdotal de Cristo no culto da Igreja¹⁴⁴. Assim sendo, o tempo da Igreja configura-se como continuação ritual do mistério de Cristo. A partir disso, a característica indispensável para a realização do mistério salvífico está na realidade ritual da presença sacramental de Deus¹⁴⁵. Em função disso, D. Borobio aponta que:

A presença de Deus na história, pela criação e pela encarnação, pela palavra e pelos sinais, não é uma presença periférica ou acidental, mas ativa e “essencial”. Isto é, uma presença na qual Deus age dando-se, comprometendo-se, comunicando-se, tornando-nos partícipes de si mesmo. Essa autocomunicação na história faz do imanente sinal do transcendente, do limitado referência para o ilimitado, do

¹⁴¹ BENEDITO, A. L., A sacramentalidade da Palavra de Deus, p.63-44.

¹⁴² GOPEGUI, J. R., Eukharistia, p.28.

¹⁴³ MARTÍN, J. L., No espírito e na verdade, p.84. Sobre o conceito teológico de História da Salvação, “o Concílio Vaticano II fez do tema da história da salvação um dos pilares fundamentais de sua doutrina. Sua consideração inspirou permanentemente o pensamento e os trabalhos dos padres Conciliares. Mas, além da forma explícita, o concílio procurou também descrever de outras maneiras a história da salvação em alguns de seus mais importantes documentos: Constituição dogmática *Lumen Gentium*: 2-4; 9; 13; 17; 48. Constituição dogmática *Dei Verbum*: 2-4; 14-16. Constituição *Sacrosanctum Concilium*: 5-7. Constituição pastoral *Gaudium et Spes*: 12-13; 22; 24. Decreto *Ad Gentes*: 2-6”.

¹⁴⁴ MARSILI, S., A liturgia, momento histórico da salvação, p.91.

¹⁴⁵ MARTÍN, J. L., No espírito e na verdade, p.92.

histórico revelação do meta-histórico e do humano transparência do divino. Desse modo, a história se transforma em lugar do encontro e da experiência de Deus, em lugar de conhecimento e reconhecimento do outro. O estar de Deus na história, fecundando-a com a sua presença e atividade, com o seu amor e a sua graça, é o que dá à história a estrutura sacramental que a impregna. Toda sacramentalidade deve ser entendida a partir do tecido da sacramentalidade fundamental da história, bem como a partir do centro culminante dessa sacramentalidade que é Cristo.¹⁴⁶

Efetivamente, esta dimensão sacramental da Liturgia põe em evidência a qualidade do sinal do Ressuscitado no seio da Igreja que celebra o mistério pascal do Senhor, pois, é por meio da celebração desse mistério que se pode compreender a eficácia sacramental da presença de Cristo na Liturgia. Como bem expressa J. L. Martín, “o Cristo que se faz presente na Igreja por meio da Liturgia [...] é o Cristo glorioso, pneumatizado e transmissor do Espírito Santo, através dos sinais litúrgicos”¹⁴⁷.

De forma a compreendermos o modo como a presença de Cristo se realiza na celebração, precisamos considerar a Liturgia como ação salvífica de Deus na história. É deste modo que a *Sacrosanctum Concilium* expõe que, “a obra da salvação, continuada pela Igreja, se realiza na Liturgia”¹⁴⁸. A esse respeito, a obra salvífica realizada em Cristo está “situada no contexto da Economia da Salvação revelada e realizada na história”¹⁴⁹. O texto Conciliar expressa e articula esta compreensão da presença de Cristo como centro da obra da redentora de Deus na história quando afirma que:

Deus, que “quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2,4), “tendo falado outrora muitas vezes e de muitos modos aos nossos pais pelos profetas” (Hb 1,1), quando chegou a plenitude dos tempos, enviou o Seu Filho, Verbo feito carne, ungido pelo Espírito Santo, a evangelizar os pobres, curar os contritos de coração, como médico da carne e do espírito, mediador entre Deus e os homens. A sua humanidade foi, na unidade da pessoa do Verbo, o instrumento da nossa salvação. Por isso, em Cristo “se realizou plenamente a nossa reconciliação e se nos deu a plenitude do culto divino”. Esta obra da redenção dos homens e da glorificação perfeita de Deus, prefigurada pelas suas grandes obras no povo da Antiga Aliança, realizou-a Cristo Senhor, principalmente pelo mistério pascal da sua bem-aventurada Paixão, Ressurreição dos mortos e gloriosa Ascensão, em que “morrendo destruiu a nossa morte e ressurgindo restaurou a nossa vida”. Foi do lado de Cristo adormecido na cruz que nasceu o sacramento admirável de toda a Igreja.¹⁵⁰

Com efeito, a partir dessa concepção podemos intuir a dinâmica simbólico-

¹⁴⁶ BOROBIO, D., Da celebração à teologia, p.295.

¹⁴⁷ MARTÍN, J. L., No espírito e na verdade, p.93.

¹⁴⁸ AUGÉ, M., Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade, p.73.

¹⁴⁹ BECKHÄUSER, A., *Sacrosanctum Concilium*: texto e comentário, p.20.

¹⁵⁰ SC 5.

sacramental do mitério cristão na celebração eucarística. De fato, como intui o texto Conciliar, a presença de Cristo como sacramento primordial do encontro com Deus, mediante os gestos simbólicos da celebração do mistério pascal, é a natureza da Liturgia. A esse respeito, a alusão a Cristo como sacramento de Deus e a Igreja como sacramento de Cristo, permite conceber no sinal da Palavra o sinal sacramental da presença do Ressuscitado na celebração eucarística. Dessa forma, o Concílio Vaticano II “não só realça a importância vital da Palavra de Deus na vida da Igreja como ainda destaca a presença de Cristo através da Palavra proclamada na Liturgia”¹⁵¹.

Assim sendo, a Palavra de Deus na celebração eucarística compreende o elemento fundamental da história da salvação, pois, na plenitude dos tempos o Verbo encarnou-se e habitou no meio de nós¹⁵². É por meio desta Palavra viva e atuante, o próprio Cristo na proclamação da Palavra, que Deus se comunica ao ser humano de hoje. Esta Palavra reúne o povo e o constitui em uma assembleia pascal¹⁵³. Nesse sentido, Jesus Cristo é a epifania perfeita de Deus e a plenitude da humanidade. Sua vida é a revelação divina. Do mesmo modo que, sua morte e ressurreição são a revelação de Deus em sua humanidade perfeita. É deste modo que a presença de Deus na história é marcada pelo sinal sacramental do próprio Deus. De fato, como nos mostra A. L. Benedito:

Deus irrompe na história em Jesus de Nazaré. O que já era uma realidade sacramental da presença de Deus a partir da criação, pela encarnação sua presença torna-se a realidade epifânica por excelência do próprio Deus. Assim, criação e encarnação tornam-se dois eixos da estrutura sacramental da história da salvação. Tal estrutura se manifesta e se desenvolve a partir da complementaridade entre palavra e sinal, entre anúncio profético e evento salvífico, entre promessa e realização. Com efeito, toda sacramentalidade deve ser compreendida a partir do âmbito da sacramentalidade da história, bem como a partir de seu ponto mais alto, que é Jesus Cristo.¹⁵⁴

Nesse sentido, o sinal sacramental da Palavra de Deus é o próprio Jesus, que no seu Evangelho apresenta-se como “o Bom Pastor”, aquele que “dá a vida pelas ovelhas” (Jo 10,11). Segundo a perspectiva da teologia Conciliar, “a Palavra de Deus, em particular na Liturgia, é precisamente o manancial de tudo que precisa

¹⁵¹ SANTANA, L. F. R., A Palavra de Deus na celebração litúrgica, p. 83.

¹⁵² Jo 1,14.

¹⁵³ MARTÍN, J. L., A Liturgia da Igreja, p. 154.

¹⁵⁴ BENEDITO, A. L., A sacramentalidade da Palavra de Deus, p. 39.

ser comunicado ao povo”¹⁵⁵. Além disso, este sentido revela o caráter dialógico entre Deus e seu povo. Esta relação está em função da pessoa de Jesus Cristo, figura central do caminho de salvação das Escrituras.

Com efeito, acolher a Palavra que é re-apresentada para nós na celebração eucarística é acolher a dinâmica do encontro com o Cristo glorioso, uma vez que, “ouvir a Palavra é, pois, fazer a experiência do Ressuscitado”¹⁵⁶. É nesse sentido que, mediante a presença do Cristo na ação litúrgica, a Palavra proclamada, ressoa nos corações de toda a Igreja que acolhe as palavras do próprio Jesus, abrindo-as para o entendimento e seu sentido, assim como no episódio dos discípulos de Emaús¹⁵⁷.

De fato, a celebração eucarística traz em sua constituição teológica, a síntese existente entre a palavra e o símbolo. Dessa forma, cada celebração sacramental é precedida da proclamação da Palavra de Deus. A partir dessa constituição teológica, nota-se o profundo caráter interpessoal da autocomunicação do mistério de Cristo por meio da estrutura simbólico-sacramental da celebração eucarística.

Na esteira da reflexão Conciliar, conseguimos haurir um sentido espiritual e litúrgico que norteia a consideração em torno da identificação do Cristo com a Palavra na celebração eucarística. Para isso ser possível, devemos recorrer ao modo de compreensão das Escrituras do povo de Israel. Para Israel, “a Palavra não é só manifestação da presença de Deus, mas é força atuante”¹⁵⁸. Isso indica que a Palavra é um verdadeiro acontecimento.

A Palavra de Deus, portanto, não é somente a Palavra que é dirigida a nós, mas é a Palavra que nos dá acesso à história de Deus com o seu povo, pois é a pessoa do Cristo. Em sua Exortação Apostólica *Verbum Domini*, Bento XVI apresenta um tópico elementar para a dinâmica sacramental da Palavra de Deus: o caráter cristológico presente na Palavra. Esse tópico corresponde à identificação de Jesus com a Palavra na celebração eucarística. O sinal sacramental da Palavra de Deus é o sinal do Filho de Deus. Ao longo de todo o documento há uma insistência em que Cristo, a Palavra do Pai, é a origem última da Igreja, que é Igreja porque é corpo de Cristo. Nesse sentido, Cristo não é apenas a Palavra, é a

¹⁵⁵ DV25.

¹⁵⁶ STEINMETZ, M., *Entrar no espírito da Liturgia*, p.49.

¹⁵⁷ Lc 24,44-45.

¹⁵⁸ LIMA, M. L. C., *A Palavra de Deus em palavras humanas*, p.14.

Palavra do Pai e está diretamente em relação com a dinâmica litúrgica da Igreja.

A essência de toda a história da salvação é que a Palavra divina se fez carne. A Palavra que nos foi dada em Cristo não é apenas a que nos chega através da revelação, mas a que se fez carne e habitou entre nós. De fato, compreender o sentido bíblico-litúrgico da Palavra de Deus no contexto da celebração eucarística é essencial para que ela seja entendida em seu sentido sacramental.

Deste modo, o prólogo do Evangelho de São João, expressa a realidade de identificação entre o Verbo de Deus e a pessoa do Filho (Jo 1,1-4). Neste sentido, o *Logos* do quarto evangelho é a Palavra definitiva de Deus para seu povo, pois, é imagem do Pai¹⁵⁹. Com efeito, a partir dessa íntima identificação entre o Cristo e o sinal da Palavra, podemos compreender o sentido expresso pela constituição litúrgica no que diz respeito à presença de Cristo na Palavra, dentro do contexto celebrativo¹⁶⁰.

Apoiado neste horizonte de identificação entre a pessoa do Filho e a Palavra, Bento XVI retoma a íntima relação existente entre a Palavra de Deus e a celebração eucarística¹⁶¹. É neste intento que ao recobrar a teologia do Concílio Vaticano II e do Magistério, Bento XVI afirma a centralidade da Palavra de Deus no mistério da celebração eucarística:

Considerando a Igreja como “casa da Palavra”, deve-se antes de tudo dar atenção à Liturgia sagrada. Esta constitui, efetivamente, o âmbito privilegiado onde Deus nos fala no momento presente da nossa vida: fala hoje ao seu povo, que escuta e responde. Cada ação litúrgica está, por sua natureza, impregnada da Sagrada Escritura. Como afirma a Constituição *Sacrosanctum Concilium*, “é enorme a importância da Sagrada Escritura na celebração da Liturgia. Porque é a ela que se vão buscar as leituras que se explicam na homilia e os salmos para cantar; com o seu espírito e da sua inspiração nasceram as preces, as orações e os hinos litúrgicos; dela tiram a sua capacidade de significação as ações e os sinais”. Mais ainda, deve-se afirmar que o próprio Cristo “está presente na sua palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura”¹⁶².

A partir dessa relação entre Cristo e o sinal da Palavra, podemos intuir dois dados teológicos fundamentais, são eles: a) o mistério da presença de Cristo na Palavra recorda-nos imediatamente o mistério da Encarnação; b) o vínculo que a Palavra e o rito possuem entre si formam uma unidade orgânica na celebração¹⁶³.

¹⁵⁹ LADARIA, L. F., O Deus vivo e verdadeiro, p.319.

¹⁶⁰ SC 7.

¹⁶¹ VD 55.

¹⁶² VD 52.

¹⁶³ ESPOSITO, S., A te la lode e la gloria neisecoli, p.250.

Assim sendo, Jesus Cristo, Palavra do Pai, fala-nos por meio da proclamação litúrgica da Palavra de Deus nas celebrações eucarísticas. Desse modo, a oração litúrgica da Igreja expressa a fé na presença do ressuscitado no meio do povo reunido.

Em vista disso, a manifestação de Cristo na Palavra é o que caracteriza a dinâmica simbólico-sacramental da história da salvação na celebração eucarística. É deste modo que, segundo A. Nocent, “a Palavra, no diálogo entre Deus e os homens, torna-se atual, dinâmica, não só em sua proclamação, mas sobretudo no próprio rito sacramental”¹⁶⁴.

Com efeito, o texto da *Verbum Domini*, apresenta que o Verbo de Deus possui um rosto: Jesus de Nazaré¹⁶⁵. A Palavra de Deus é em Jesus a expressão humana da sabedoria eterna de Deus já prenunciada na antiga aliança, pois, “a Palavra divina exprime-se em palavras humanas”¹⁶⁶. De fato, Deus vem ao encontro do homem e se faz conhecido plenamente pela ação de seu único Filho. Sendo assim, “Jesus não é só consubstancial ao Pai, mas também, ainda que de modo diverso, consubstancial conosco”¹⁶⁷.

Ademais, Deus estabelece proximidade e toma partido da vida do povo através da mediação única de seu Filho. No centro desta experiência está o Deus que se interessa pelo ser humano e não é alheio à sua história, mas sim o seu condutor. De certo modo, podemos vislumbrar também o dom do Paráclito que permeia toda a ação litúrgica da Igreja pela presença de Cristo no sinal da Palavra.

Portanto, é a partir desse horizonte teológico exposto na *Verbum Domini* que reside a origem da sacramentalidade da Palavra, como afirma Bento XVI: “a Palavra de Deus torna-se perceptível à fé através do ‘sinal’ de palavras e gestos humanos”¹⁶⁸. Doravante essa aceção do mistério da encarnação como a origem sacramental do sinal da Palavra, revela-se o modo como o Verbo de Deus participa da história como interlocutor entre Deus e os homens. Só a partir da realidade da encarnação é possível reconhecer o caráter sacramental da presença de Cristo na Palavra proclamada na celebração eucarística.

Decerto, Jesus manifesta a natureza comunal de Deus pelo sinal de sua

¹⁶⁴ NOCENT, A. A leitura da Sagrada Escritura, p.173.

¹⁶⁵ VD 12.

¹⁶⁶ VD 11.

¹⁶⁷ LADARIA, L. F., O Deus vivo e verdadeiro, p.322.

¹⁶⁸ VD 56.

encarnação. Com base nisso, Deus se faz conhecido no mais íntimo de sua natureza, ou seja, aquela relacional. Assim sendo, a Palavra exprime e manifesta o que Deus é; deste modo, revela novamente à comunidade o seu desígnio salvífico. Posto isso, é na ação litúrgica da Igreja que a Palavra se torna sacramento vivo e eficaz da graça de Deus.

Toda a Liturgia está permeada pela presença do próprio Cristo que opera, no “hoje” da história, a obra da nossa salvação. Dessa forma, Ele não cessa de cumprir o que falou aos seus discípulos: “Porque onde dois ou três estão reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles”¹⁶⁹. É nesse sentido que a proclamação da Palavra na celebração eucarística nos coloca diante da contemporaneidade do mistério de Cristo e na comunhão com a sua presença, ou seja, atualiza aquela realidade ocorrida no passado para o “hoje” da celebração. É a partir dessa compreensão que podemos perceber a maneira pela qual a celebração eucarística “se converte numa contínua, plena e eficaz apresentação da Palavra de Deus”¹⁷⁰. De fato, isso ajuda a compreender o valor sacramental que a Palavra possui na celebração eucarística, como bem salienta J. Aldazábal:

É uma idéia básica para entender o valor sacramental de toda celebração da palavra na comunidade cristã, que se converte “numa contínua, plena e eficaz apresentação desta Palavra de Deus”. É uma presença pessoal, dinâmica, salvadora, de Cristo, que primeiro se dá a nós como palavra e depois como alimento eucarístico. Primeiro “comungamos” com ele como a palavra viva de Deus (ele é a palavra definitiva) e depois como Pão e Vinho.¹⁷¹

Levando em conta essa perspectiva, é no contexto da celebração eucarística que a Palavra de Deus se exprime de modo sempre novo, vivo e eficaz, pois, o próprio Cristo está presente realizando em cada um que a acolhe na fé, o mistério da salvação¹⁷². Desse modo, a Palavra constitui-se como o sinal da presença do Ressuscitado na celebração eucarística. De fato, na celebração eucarística a Palavra se converte em um “sacramento que se ouve” (*sacramentum audibile*)¹⁷³

Em vista disso, a identificação da presença de Cristo na Palavra proclamada adquire a sua visibilidade na celebração eucarística. De fato, é no contexto da celebração que a Palavra dá significado ao que está sendo celebrado. Cada um dos

¹⁶⁹Mt 18,20.

¹⁷⁰ OLM 4.

¹⁷¹ ALDAZÁBAL, J., A mesa da Palavra, p. 17.

¹⁷² OLM 4.

¹⁷³ CANTALAMESSA, R., O Mistério da Palavra de Deus, p. 29.

acontecimentos litúrgicos da Igreja é precedido pelo anúncio do Evangelho, acompanhado da profissão de fé, que caracteriza a identidade da vida cristã enquanto comunidade reunida¹⁷⁴.

¹⁷⁴NEUNHEUSER, História da liturgia através das épocas culturais, p. 43.

3.2

Horizonte pneumatológico da Palavra de Deus na celebração eucarística

Nos escritos do Novo Testamento podemos encontrar muitas vezes que o Espírito Santo é enviado por Deus¹⁷⁵. Por certo, a celebração eucarística também oferece um horizonte para vislumbrar essa ação do Espírito de Deus. Tendo isso por base e, partindo da relação existente entre o Espírito e a Palavra, nesta etapa do trabalho vamos considerar aquilo que diz respeito a Palavra de Deus como “dom”¹⁷⁶ do Espírito Santo.

A partir desse horizonte pneumatológico da Palavra de Deus na celebração eucarística, é significativo para o nosso trabalho evidenciar que na esfera celebrativa a realidade da presença de Cristo em sua Palavra está estreitamente em paralelo com a missão do Espírito Santo na Igreja. O Espírito Santo é a força motora da ação eclesial. A Sagrada Escritura descreve o Espírito Santo como o Consolador, o Espírito da Verdade, o Espírito da promessa.

Com efeito, é próprio da ação do Espírito testemunhar ao mundo os dons de Deus. Além disso, a presença do Espírito Santo é essencial para a vida cristã, sobretudo, no contexto da celebração eucarística. Sem o panorama da ação do Espírito Santo, não conseguiríamos evidenciar a dinâmica da ação sacramental existente na Palavra proclamada, haja visto que é o Espírito que confere o entendimento de tudo aquilo que foi revelado por Cristo por meio das Escrituras.

De fato, só há presença de Cristo pelo poder do Espírito Santo. A dinâmica do horizonte sacramental está sempre relacionada à ação conjunta do Espírito e da Igreja. De fato, nesta união entre o Espírito e a Igreja estão conjugados a natureza sacramental da celebração eucarística por meio de palavras e gestos. O trinômio Cristo-Palavra-Espírito, de acordo com a fé da Igreja, são testemunhados desde a origem da comunidade dos fiéis e sempre constituíram a base inseparável da

¹⁷⁵ Jo 14,16; Rm 5,5; Lc 11,13.

¹⁷⁶ CANTALAMESSA, R., O Canto do Espírito, p. 88. Em função da compreensão do Espírito Santo como dom de Deus, R. Cantalamessa expõe que: “o título dom de Deus encontrou a sua máxima valorização em Agostinho e, após Ele, na pneumatologia latina que foi edificada, em boa medida, ao seu redor. Demonstra-o também o cotejo com os Padres gregos, em que ‘dom’, como título pessoal do Espírito, desempenhou um papel bastante mais modesto. Para Agostinho, ‘Dom’ é o nome próprio do Espírito Santo, aquele que exprime a sua relação com o Pai e o Filho e nos permite conhecê-lo como pessoa distinta. Nem ‘Espírito’ nem ‘Santo’ podem cumprir essa tarefa, porque também o Pai é ‘Espírito’ e ‘Santo’, e do mesmo modo o Filho é ‘Espírito’ e ‘Santo’. A Terceira Pessoa da Trindade recebe o nome de ‘Espírito Santo’, que também convém as outras duas Pessoas, precisamente para exprimir que Ele é ‘a inefável comunhão entre o Pai e o Filho’.”

autorevelação que Deus ¹⁷⁷. Essa relação entre a Trindade e a Igreja é esclarecedora, pois, está apoiada sobre a dimensão pneumatológica que a Palavra de Deus tem na celebração eucarística, dado que, o “Espírito Santo universaliza, atualiza e interioriza incessantemente”¹⁷⁸ a ação salvífica de Cristo na atualidade celebrativa da Igreja.

A respeito da presença atuante do Espírito de Deus na celebração eucarística sob o sinal da Palavra, cabe salientar a necessidade de reapresentar o Espírito Santo como “altíssimo dom de Deus”¹⁷⁹. Assim, o “dom” ou “carisma” próprio da Igreja é o fruto da presença e da ação do Espírito Santo em seu meio. Realmente, diversas passagens do Novo Testamento apresentam a realidade do Espírito Santo como dom de Deus confiado à Igreja¹⁸⁰.

Podemos ver, logo após o batismo de Jesus, o Espírito Santo que desce em forma de uma pomba e colocou-se sobre Ele¹⁸¹. Em outra ocasião, o Espírito Santo se manifestou em línguas de fogo sobre os Apóstolos no Pentecostes¹⁸². Em outras palavras, o Espírito é o que dá realização e completude à obra do Pai. É o Espírito quem completa tudo o que foi começado pelo Pai. Ele é descrito nas Escrituras como sendo a força de Deus, o Consolador, a Fonte de sabedoria e poder, e aquele que ensina toda a vontade de Deus.

De fato, o Espírito envia a Igreja, que é a “coluna e sustentáculo da verdade”¹⁸³, para pregar o Evangelho e para realizar a missão de Cristo. Através da experiência cristã, o Espírito Santo é o consolador que nos ensina, nos ajuda a compreender a Palavra de Deus e nos lembra daquilo que Jesus ensinou. Assim sendo, o Paráclito não cessa de dar-se à Igreja e iluminar o entendimento a respeito da Palavra de Deus. É Ele quem realiza no “hoje” da celebração eucarística o mistério daquilo que a Palavra significa¹⁸⁴.

Nesse sentido, o dom de Deus é, para os Padres da Igreja, o contínuo desabrochar do Espírito de Deus na celebração eucarística. A reflexão teológica dos Padres da Igreja foi responsável por estabelecer os fundamentos da compreensão teológica da Igreja, bem como por explicitar os ensinamentos da

¹⁷⁷ SANTANA, L. F. R., Bíblia e Liturgia, p. 517-518.

¹⁷⁸ LADARIA, L. F., O Deus vivo e verdadeiro, p. 326.

¹⁷⁹ CANTALAMESSA, R., O Canto do Espírito, p. 86.

¹⁸⁰ Jo 4,10; 7,38s; At 2,38; 8,20; 10,45.

¹⁸¹ Mc 1,7-11.

¹⁸² At 2,1-4.

¹⁸³ 1Tm 3,15.

¹⁸⁴ AGOSTINHO DE HIPONA, Sermão 267, 3, In: AL, p. 952.

Sagrada Escritura de acordo com a compreensão de seu tempo. Eles forneceram aos cristãos as referências para o desenvolvimento da teologia bíblico-litúrgica da Igreja.

Além disso, a relação entre o Espírito e as Escrituras é bastante abordada na teologia dos Padres da Igreja. Sobretudo, naquilo que diz respeito à inspiração das Sagradas Escrituras¹⁸⁵. De fato, a celebração eucarística enfatiza a relação entre a Escritura proclamada e celebrada e a obra do Espírito Santo. Ao proclamar as Escrituras, damos ouvidos para que o Espírito de Deus comunique no “hoje” da história as maravilhas da salvação realizadas por Deus. Com efeito, os Padres da Igreja testemunharam que a Sagrada Escritura foi inspirada por Deus e reside nos ensinamentos e práticas transmitidos pela Igreja.

Em relação a isso, Santo Irineu faz referência ao aspecto bíblico da doação do Espírito de Deus pela Palavra quando escreve que: “à Igreja foi confiado o dom de Deus, como no princípio o alento à criatura plasmada (Gn 2,7), a fim de que todos os membros participando dele sejam vivificados”¹⁸⁶. Desse modo, os Padres da Igreja foram firmes em seu ensino de que a Escritura deve ser lida com espírito de oração, para que Deus possa dar a compreensão necessária para discernir a sua vontade.

A celebração eucarística deve ser compreendida como a contínua efusão e derramamento do Espírito Santo sobre a Igreja. Esta dinâmica manifestada em forma de dom caracteriza o incessante derramar-se de Deus nos corações dos fiéis congregados em seu nome. Esta autocomunicação do Senhor é, de fato, a fonte sacramental da celebração litúrgica, sobretudo, porque comunica o dom de Deus por meio de palavras e ações sacramentais.

Com efeito, a Liturgia é o dom constante do Espírito Santo, que cria comunhão na vida divina e inicia o retorno de todos os dons à sua fonte e finalidade, o Pai. É por isso que todo ato litúrgico se realiza “na unidade do Espírito Santo”. De fato, a celebração eucarística é a manifestação do culto espiritual realizado em “espírito e em verdade” (Jo 4,23-2). Com efeito, ela é a máxima expressão da unidade da Igreja que se origina no mistério da Trindade¹⁸⁷.

Por conseguinte, o dom do Espírito por meio do sinal da Palavra proclamada

¹⁸⁵ CIRILO DE JERUSALÉM, Décima sexta catequese aos iluminados, 4, In: AL, p. 480.

¹⁸⁶ IRINEU DE LIÃO, Livro III, 24, 1. In: AL, p. 170.

¹⁸⁷ MARTÍN, J. L., A liturgia da Igreja, p. 77-78.

na celebração eucarística não é um dom passivo, mas configura-se como dinâmica viva do amor do Pai pelo Filho na Igreja. Assim sendo, a reflexão de R. Cantalamessa expressa de forma profunda a ação do Espírito como dom ativo de Deus na comunidade:

O Espírito Santo não é, pois, na Trindade, somente o dom, em sentido passivo, aquele que é dado, mas também, ativamente, o “dar-se”, aquele que impele o Filho a dar-se de novo ao Pai. Vemos que assim ocorre na economia da salvação. É o Espírito que impele o Filho a bradar, num ímpeto de júbilo: “Abba, Pai!” (Lc 10,21), como o fará depois com os membros de Cristo (cf. Rm 8,15s); é ainda o Espírito que suscita no Jesus terreno o impulso a oferecer-se ao Pai em sacrifício: Cristo¹⁸⁸.

A partir desse dado apresentado por R. Cantalamessa podemos identificar a relação de amor que o Pai tem pelo Filho por meio da ação do Espírito. Ela é manifestada pela dinâmica própria do Espírito de Deus. Além disso, também na celebração eucarística todos são convocados para participar da assembleia dos discípulos do Senhor. Desse modo, a ação do Espírito na Palavra impele a assembleia eucarística a imitar o Filho na entrega de si ao Pai. Devemos, portanto, salientar que Jesus é o enviado do Pai. Desse modo, a pessoa do Verbo encarnado “é a Palavra que convoca e reúne o povo de Deus” na força do Espírito¹⁸⁹.

O anúncio da Boa Nova de Jesus é o marco fundamental da atuação do Espírito Santo no seio da comunidade. De fato, o Espírito é aquele que vivifica, faz crescer, reúne e mantém unidos os discípulos de Cristo na fé, na esperança e no amor fraterno. É importante enfatizar que o Espírito Santo é o meio pelo qual os filhos de Deus são convocados.

Com efeito, o Espírito é o princípio que anima a vida da Igreja e a torna uma comunidade. Ele é a força da unidade e do amor na Igreja. Portanto, a reunião dos convocados pelo Senhor deve ser uma comunidade de fé e amor no Espírito. É por meio do Espírito que a assembleia está reunida em nome de Jesus Cristo, o Filho de Deus para escutar a sua Palavra. Dessa unidade decorre toda a íntima relação entre o Cristo e o Espírito, como nos explica L. F. R. Santana:

Todo o ser e o operar de Jesus, à luz daquilo que narram os Atos dos Apóstolos e os Evangelhos Sinóticos, estão sob o sinal de um *Kerygma*, que se torna real e comunicável graças à potência dinâmica do Espírito. Considerada em sua globalidade, a vida de Jesus é interpretada como fenômeno messiânico todo

¹⁸⁸ CANTALAMESSA, R., O Canto do Espírito, p. 91.

¹⁸⁹ GELINEAU, J., Em vossas assembleias, p. 72.

envolvido num mistério pneumático¹⁹⁰.

Do mesmo modo, essa dinâmica entre o Espírito e a Igreja ajuda a entender o papel da Palavra de Deus na história da salvação, tanto como realidade encarnada no Filho único, como realidade pneumatizada por meio da contínua atualização do Espírito na celebração eucarística. Com tal característica, é o Espírito Santo quem garante que a Palavra de Deus seja proclamada no mundo inteiro.

A partir da ação do Espírito na Palavra podemos entender como a realidade de comunhão sustenta a ação celebrativa em torno da Palavra de Deus na celebração eucarística. De fato, é o Paráclito quem anima a Palavra na celebração. Dessa forma, Cristo é renovado por meio da ação do Espírito para que os membros da Igreja possam entender e viver a Palavra de Deus.

Assim, a ação do Espírito Santo na Igreja torna possível a aplicação da Palavra de Deus a novas realidades, facilitando o crescimento e o desenvolvimento do povo de Deus. por conseguinte, é na celebração eucarística que o Espírito Santo recorda à Igreja o sentido das Escrituras. O Espírito é o grande responsável por conservar a memória da Igreja na fé à Palavra de Deus. Disso decorre que os textos bíblicos proclamados no “hoje” das celebrações eucarísticas resplandecem essa luz própria do Espírito¹⁹¹.

Disso decorre que toda ação sacramental da Igreja – e disso nos dá testemunho a comunidade primitiva e a tradição Patrística – é primeiro precedida pelo anúncio da Palavra, a qual confirma e dá significado à realidade sacramental da vida do Cristo e do ministério concedido por Ele aos Apóstolos como continuadores de sua obra. De fato, o dom do Espírito Santo comunicado à comunidade¹⁹² “recorda” a missão do ressuscitado na celebração eucarística por meio da Palavra:

É multiforme a ação do Espírito Santo sobre a pregação nos albores da Igreja. O Espírito Santo desce sobre os apóstolos (cf. At 2,1-13; 10,44-47). Ele os marca com o seu selo (cf. Ef 1,13-14; 4,30). Ele os unge (cf. 1Jo 2,20). Esta unção outorga aos apóstolos e aos cristãos o conhecimento da verdade. O Espírito Santo é a força que abre a boca e o coração dos apóstolos e os ilumina, para pregarem com coragem a salvação. “E todos ficaram repletos do Espírito Santo, continuando a anunciar com intrepidez a Palavra de Deus” (At 4,31; 1Ts 1,5). Ele é o Espírito da

¹⁹⁰ SANTANA, L. F. R., O Espírito Santo na vida de Jesus, p. 266.

¹⁹¹ MAQUEDA, A. L., Espírito Santo e Liturgia, p. 75.

¹⁹² Jo 20,21-22.

verdade, que conduzirá os apóstolos à verdade plena, “pois não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas futuras” (Jo 16,13; 15,26)¹⁹³.

Em função dessa multiforme ação do Espírito, é, portanto, um solo fértil no qual a Palavra de Deus cresce e dá frutos de vida. Portanto, é fundamental que a Igreja esteja aberta à vinda do Espírito Santo para que possa acolher a Palavra como verdade viva e fecunda, o “dom” do Espírito por meio do sinal da proclamação da Palavra. De fato, a Palavra de Deus é a fonte de toda a vida eclesial e não pode ser compreendida ou vivida sem o Espírito. Em virtude disso, todas as ações litúrgicas da Igreja são compreendidas à luz do Espírito de Deus¹⁹⁴ e da Palavra.

Além disso, a dinâmica celebrativa está orientada em função do próprio Ressuscitado. Sendo assim, o Espírito de Deus é aquele que explicita, recorda e atualiza a Palavra na vida da assembleia¹⁹⁵. Essa dinâmica celebrativa orientada pelo Espírito adquire novo sentido a partir das ações e palavras do próprio Cristo¹⁹⁶.

Desse modo, a celebração eucarística é imbuída da Palavra de Deus enquanto sacramento do mistério que é celebrado. Por este motivo, a Palavra dá significado ao que está sendo celebrado por meio da ação do Espírito Santo¹⁹⁷. A esse respeito, A. L. Maqueda afirma que a Liturgia da Palavra constitui-se como um verdadeiro sacramento da Palavra de Cristo:

A Liturgia da Palavra não tem um caráter casual. A assembleia litúrgica é congregada pela Palavra, convertendo-se em uma comunidade visível, mistérica, eclesial. A Palavra constitui a assembleia. Quando alguém vai à Igreja a fim de celebrar os sagrados mistérios e escutar a Palavra, não o faz para escutar a si mesmo, mas para escutar o Senhor e recebê-lo. Ele atrai todos a si. O Espírito Santo predispõe-nos, prepara-nos, ajuda-nos a escutar a Palavra de Deus e nos suscita o “amém” da fé, tanto na celebração quanto na vida. Por isso, a Palavra é

¹⁹³ MOESCH, O., A Palavra de Deus, p. 90-91.

¹⁹⁴ Jo 14,26.

¹⁹⁵ SANTANA, L. F. R., A Palavra de Deus na Celebração Litúrgica, p. 88.

¹⁹⁶ NEUNHEUSER, B., História da liturgia através das épocas culturais, p. 48.

¹⁹⁷ BENEDITO, A. L., A sacramentalidade da Palavra de Deus, p. 97. Sobre este ponto, A. L. Benedito nos conta que: “A riqueza da sacramentalidade da Palavra de Deus mostra que a proclamação da Escritura na liturgia é carregada de grande densidade. Mais que um ensinamento, a Palavra é um acontecimento. Através do texto bíblico ressoado a partir do ambão, o Espírito Santo age de um modo totalmente novo. Ele não apenas nos possibilita escutar a Palavra que ele mesmo inspirou a escrever, mas se encarrega também de atualizá-la. O Espírito forma e faz crescer o Corpo de Cristo, que é a Igreja. A Palavra celebra torna-se uma manifestação epiclética: é um Pentecostes realizado *hic et nunc* no *hodie* da vida da Igreja ‘até chegarmos, todos juntos à unidade na fé e no conhecimento do Filho de Deus, ao estado de adultos, à estatura do Cristo em sua plenitude’ (Ef 4,13)”.

escutada no Espírito Santo. A Liturgia da Palavra é o sacramento da Palavra de Cristo: tornar o Senhor visível e audível¹⁹⁸.

A partir da reflexão do autor sobre a celebração eucarística como sacramento da Palavra de Deus, podemos compreender que a Liturgia da Palavra não é algo accidental. De fato, a celebração litúrgica é a “depositária da Palavra de Deus”¹⁹⁹. Assim sendo, a celebração eucarística é reunida pela Palavra numa comunhão visível (povo reunido) e mística (em espírito e verdade) com Deus por meio do sinal da Palavra. É, sem dúvida, uma verdadeira ação do Espírito de Deus. De igual modo, o relato do Pentecostes apresenta a vinda do Espírito Santo como aquele que dá a plenitude do entendimento aos Apóstolos, a fim de que preguem o Evangelho de Cristo.

A título de exemplificação, o Espírito Santo vem sobre a comunidade dos fiéis e possibilita a compreensão do sentido das Escrituras. Isso posto, Ele também capacita os membros da Igreja a serem instrumentos e testemunhas eficazes do Evangelho. Por conseguinte, o Espírito Santo é o responsável por sustentar a comunidade eclesial no entendimento e aplicação da Palavra de Deus de forma apropriada às necessidades da vida de fé. É deste modo que a Palavra de Deus e o Espírito Santo se correlacionam, e se tornam a base da celebração eucarística. Pela ação do Espírito de Deus, a Sagrada Escritura proclamada na celebração eucarística torna-se Palavra de Deus, assim como o pão e o vinho tornam-se matérias do Corpo e Sangue do Senhor.

A partir dessas considerações sobre a relação entre o Espírito e a Palavra, podemos intuir que a realidade de amor do Deus Uno e Trino nos é comunicada por meio da ação do Espírito Santo, pois Ele é o dom de Deus sobre a comunidade. Dito isso, essa realidade trinitária está latente na celebração eucarística enquanto ação do Cristo, na força do Espírito de Deus.

Em virtude dessa realidade da ação do Espírito na Palavra, Bento XVI, em sua Exortação Apostólica *Verbum Domini*, insiste que, “de fato, não é possível uma compreensão autêntica da revelação cristã fora da ação do Paráclito”²⁰⁰. De fato, essa é a missão do Espírito, se assim podemos expressar, na autocomunicação de Deus presente na celebração eucarística. A partir dessa missão do Paráclito somos capazes de perceber que o Espírito e o Filho são as

¹⁹⁸ MAQUEDA, A. L., Espírito Santo e Liturgia, p. 70.

¹⁹⁹ MAQUEDA, A. L., Espírito Santo e Liturgia, p. 75.

²⁰⁰ VD 15.

duas mãos de Deus Pai, como bem expressou Santo Irineu²⁰¹.

Em virtude do contínuo derramar-se do Espírito na celebração eucarística, “a Palavra de Deus se faz celebração e a celebração torna-se Palavra de Deus atualizada e realizada do modo máximo”²⁰². Por isso, quando celebramos a Eucaristia celebramos justamente uma grande oração de louvor a Deus Pai por meio da ação do Filho na força do Espírito Santo. Nesse sentido, o sinal litúrgico da Palavra de Deus na celebração eucarística expressa a realidade da autocomunicação de Deus por meio do Espírito na forma de gestos e palavras litúrgicos.

A respeito dessa relação entre a Palavra e a celebração, encontramos nas palavras de Bento XVI um caminho de expressão para a realidade dinamizadora do Espírito de Deus na celebração eucarística por meio do sinal da Palavra. O pontífice aborda esse tema de maneira muito ilustrativa quando afirma que:

Com efeito, “a celebração litúrgica torna-se uma contínua, plena e eficaz proclamação da Palavra de Deus. Por isso, constantemente anunciada na Liturgia, a Palavra de Deus permanece viva e eficaz pela força do Espírito Santo, e manifesta aquele amor operante do Pai que não cessa jamais de agir em favor de todos os homens”. De fato, a Igreja sempre mostrou ter consciência de que, na ação litúrgica, a Palavra de Deus é acompanhada pela ação íntima do Espírito Santo que a torna operante no coração dos fiéis. Na realidade, graças ao Paráclito é que “a Palavra de Deus se torna fundamento da ação litúrgica, norma e sustentáculo da vida inteira. (...) Por isso, para a compreensão da Palavra de Deus, é necessário entender e viver o valor essencial da ação litúrgica. Em certo sentido, a hermenêutica da fé relativamente à Sagrada Escritura deve ter sempre como ponto de referência a liturgia, onde a Palavra de Deus é celebrada como Palavra atual e viva: “A Igreja, na Liturgia, segue fielmente o modo de ler e interpretar as Sagradas Escrituras seguido pelo próprio Cristo, quando, a partir do “hoje” do seu evento, exorta a perscrutar todas as Escrituras”²⁰³.

De fato, vemos nessa reflexão de Bento XVI uma profunda relação entre a ação do Espírito Santo e a Palavra no contexto da Celebração eucarística. Por conseguinte, essa celebração se constitui como realidade dinamizadora do Espírito no sinal da Palavra. Em virtude dessa realidade dinamizadora, a Palavra de Deus sempre ocupou um lugar privilegiado na celebração eucarística. No entanto, seu valor muitas vezes foi obscurecido e relegado a meros rituais de culto. Essa realidade vem sendo gradualmente resignificada desde o Concílio Vaticano II.

A perspectiva teológica da reflexão Conciliar mudou a compreensão da

²⁰¹IRINEU, *Contra as heresias*, IV, 7, 4. In: AL, p. 172.

²⁰²SANTANA, L. F. R., *A Palavra de Deus na Celebração Litúrgica*, p. 86.

²⁰³VD 52.

Palavra de Deus na Liturgia, afirmando que ela deve ter uma posição privilegiada. Desse modo, a Palavra de Deus é considerada um elemento importante e necessário na celebração da Eucaristia. A esse respeito, o documento Conciliar que trata a questão litúrgica afirma que a Escritura desempenha um papel primordial na celebração litúrgica:

É enorme a importância da Sagrada Escritura na celebração da Liturgia. Porque é a ela que se vão buscar as leituras que se explicam na homilia e os salmos para cantar; com o seu espírito e da sua inspiração nasceram as preces, as orações e os hinos litúrgicos; dela tiram a sua capacidade de significação as ações e os sinais. Para promover a reforma, o progresso e adaptação da sagrada Liturgia, é necessário, por conseguinte, desenvolver aquele amor suave e vivo da Sagrada Escritura de que dá testemunho a venerável tradição dos ritos tanto orientais como ocidentais²⁰⁴.

De fato, o texto Conciliar apresenta a Palavra de Deus como base da vida celebrativa da Igreja. Com efeito, ao lado da Tradição e do Magistério, a Palavra de Deus se constitui uma das fontes fundamentais de toda a fé cristã. Além disso, a Palavra deve ser entendida como parte integrante da vida litúrgica cristã. O próprio texto Conciliar evidencia esta importância quando afirma que: “Efetivamente, na Liturgia Deus fala ao Seu povo, e Cristo continua a anunciar o Evangelho”²⁰⁵.

Como consequência dessa exposição conciliar, a Escritura proclamada na celebração eucarística deve ser refletida e absorvida ao longo de um itinerário existencial da vida cristã. Portanto, o Espírito Santo é o protagonista não só da parte sacramental da Eucaristia, mas também da parte da proclamação da Palavra.

A presença do Espírito na celebração nos recorda que a Palavra de Deus não é algo estático ou sem vida. Com efeito a Palavra é pessoa, é o próprio Cristo vivo e que continua a se manifestar na vida da Igreja. O Espírito nos convida a ouvir o que Deus está dizendo a nós hoje e a responder de acordo com o seu projeto de amor.

A Palavra de Deus deve ser anunciada como uma mensagem de vida, não apenas como expressão de um mero ritual celebrativo. A discussão oriunda do Concílio Vaticano II trouxe a Palavra de Deus de volta à cena da reflexão teológica na qualidade de imagem do mistério de Cristo e da Igreja. Desse modo, a Liturgia torna-se expressão da íntima relação existente entre o Espírito e a

²⁰⁴ SC 24.

²⁰⁵ SC 23.

Sagrada Escritura. Como efeito dessa reflexão, na celebração eucarística a “Palavra de Deus é proclamada, escutada e explicada aos fiéis”²⁰⁶. Portanto, esse dado teológico-celebrativo elucida o horizonte pneumatológico contido na celebração eucarística.

De fato, a Liturgia é entendida como o lugar de encontro entre Deus e o homem. Nela, o Espírito Santo é o princípio ativo de toda ação litúrgica da Igreja. Assim sendo, o Espírito de Deus é o portador da salvação de Cristo realizada na celebração eucarística por meio dos sinais sacramentais. De acordo com o texto da *Lumen Gentium*, o Espírito Santo é o “princípio interior”²⁰⁷ da Igreja e “a fonte de toda santificação”²⁰⁸.

Além disso, é o Espírito Santo quem realiza a ação de Cristo na Igreja. esse princípio teológico da celebração liga a assembleia litúrgica ao mistério de Cristo e dá sentido a cada ação ritual. Em função disso, a teologia litúrgica oriunda do Concílio não deixa de ressaltar o nexó vital existente entre a celebração eucarística e a Palavra de Deus, de modo que a Palavra de Deus se faz celebração e a celebração torna-se Palavra de Deus atualizada e realizada do modo máximo²⁰⁹.

Toda ação litúrgica é realizada pela atuação do próprio Cristo na força do Espírito que opera a obra da nossa redenção no “hoje” da celebração eucarística. Com isso, ele cumpre a promessa de sempre estar presente no meio daqueles que se reúnem em seu nome para celebrar o mistério de sua paixão, morte e ressurreição²¹⁰.

De fato, a Liturgia é obra do próprio Cristo realizada pelo poder do Espírito Santo. Na Liturgia, Cristo opera a nossa salvação através dos sinais sacramentais, ou seja, palavras e ações. Com efeito, Cristo une, abençoa e santifica por sua presença e ação sob o influxo do Espírito. Em função disso, os sacramentos são atos tangíveis, visíveis e audíveis do Cristo na Igreja que nos ajudam a crescer na fé e nos conectar mais profundamente com Ele.

Em função dessa ação do Espírito na celebração eucarística, a assembleia é

²⁰⁶ VD 16.

²⁰⁷ LG 7.

²⁰⁸ LG 4.

²⁰⁹ SANTANA, L. F. R., *Bíblia e Liturgia*, p. 518.

²¹⁰ Mt 18,20.

incumbida de dois ofícios fundamentais: o ato de fazer memória (anamnese)²¹¹ do evento salvífico e o ato de invocar a presença do Espírito de Deus (epiclese)²¹². Esta realidade celebrativa é bem expressada na natureza da ação do Espírito na Palavra proclamada. Como bem demonstra o Catecismo da Igreja Católica quando trata da questão do Espírito Santo em relação ao mistério de Cristo:

É o Espírito Santo que dá aos leitores e ouvintes, segundo a disposição dos seus corações, a inteligência espiritual da Palavra de Deus. Através das palavras, ações e símbolos, que formam a trama duma celebração, o Espírito Santo põe os fiéis e os ministros em relação viva com Cristo, Palavra e Imagem do Pai, de modo a poderem fazer passar para a sua vida o sentido daquilo que ouvem, vêem e fazem na celebração²¹³.

A partir dessa ação do Espírito na Palavra, toda a assembleia eucarística está orientada para uma dinâmica de abertura à proclamação da Palavra como evento sacramental na celebração. Ora, essa dinâmica é um progressivo desabrochar do Espírito na celebração. Com efeito, ela só é plenamente possível por intermédio da comunidade reunida para celebrar o mistério pascal (missão anamnética) que clama ao Espírito as luzes para o entendimento (missão epiclética)²¹⁴. Esta é a dinâmica da graça do Espírito como “dom” de Deus presente na celebração. Este duplo ofício, anamnético e epiclético, estão no centro da celebração sacramental²¹⁵.

Assim sendo, o Espírito Santo é aquele que possibilita o entendimento da Palavra de Deus na celebração litúrgica. Esta assembleia eucarística, na mais profunda compreensão do termo, é a comunidade reunida pela Palavra de Deus na força do Espírito Santo. Desse modo, a celebração eucarística é onde “o próprio Cristo, Verbo do Pai, é o sujeito”²¹⁶ que convoca e reúne o povo de Deus. Disso decorre que o culto cristão é uma verdadeira santificação no Espírito, pois, a Palavra é o dom do Espírito na Liturgia. Sobre essa dinâmica, J. Castellano

²¹¹ ALDAZÁBAL, J., Vocabulário básico de Liturgia, p. 28. “Esta palavra grega significa memorial, comemoração, recordação. Corresponde ao *zikaron* hebraico (o memorial) e conota não só uma recordação subjetiva, mas uma atualização do fato que se recorda: a vontade salvadora de Deus, os acontecimentos salvíficos do AT, como o êxodo, e para os cristãos, sobretudo, o Mistério Pascal de Cristo. A *anamnese* aponta também para o futuro: de algum modo antecipa-o.”

²¹² ALDAZÁBAL, J., Vocabulário básico de Liturgia, p. 128. “É a invocação que se eleva a Deus para que envie o seu Espírito Santo e transforme as coisas ou as pessoas. Vem do grego *epi-kaleo* (chamar sobre); em latim, *in-vocare*.”

²¹³ CIC 1101.

²¹⁴ SANTANA, L. F. R., A Palavra de Deus na Celebração Litúrgica, p. 86.

²¹⁵ CIC 1106.

²¹⁶ GRILLO, A., Liturgia, epifania da Palavra de Deus na SC e nos outros documentos do Concílio Vaticano II, p.9.

explicita dizendo:

Toda a Liturgia da Palavra está penetrada pela ação do Espírito Santo. Aquele que inspirou as Escrituras está presente naqueles que proclamam a palavra e naqueles que a tornam atual na Igreja, na medida em que se deixam guiar pelo Espírito da verdade e do amor. O Espírito Santo também age naqueles que escutam com amor, e é intérprete das Escrituras, Mestre interior dos fiéis²¹⁷.

Em virtude disso, cabe ainda aprofundar um pouco mais a dimensão desta presença e da ação do Espírito na Palavra. É por isso que o Espírito Santo é tão importante para a pregação da Palavra. Ele é o responsável por insuflar a verdade e a vida da Palavra de Deus no coração de toda a Igreja. De fato, é o Espírito Santo quem nos leva ao encontro com Jesus através do sinal da Palavra de Deus. Desse modo, Ele é quem nos ajuda a compreender e a viver a Palavra de Deus no hoje da vida da Igreja. É o Espírito Santo quem sustenta e dá a força para seguir a Palavra de Deus e o mandato missionário do anúncio profético do Reino de Deus.

Diante disso, o Catecismo da Igreja Católica, documento de grande ênfase pneumatológica, ilustra muito bem o envolvimento ativo do Espírito Deus na celebração da Palavra²¹⁸. Com efeito, o Catecismo assim ensina: “O Espírito Santo, o ‘testemunho interior’ e o ‘consolador’, é quem realmente nos faz entender a Palavra de Deus, e nos dá a coragem e a força necessárias para viver a Palavra em nossa vida diária”²¹⁹.

De fato, esse modo de intervenção do Espírito é de particular importância na celebração eucarística. Nela, o Espírito Santo, enviado por Cristo, vem para conduzir os fiéis na celebração da Palavra de Deus: “É ele quem nos capacita a ler e compreender a Escritura como a Palavra de Deus, quem nos ensina os misteriosos significados do Antigo Testamento que se cumprem na vida de Cristo, e quem nos ajuda a encontrar o sentido do Evangelho”²²⁰.

Assim sendo, o Espírito Santo também ajuda a comunidade a viver e aplicar a Palavra de Deus na vida. Diante disso, a Palavra de Deus não é somente para ser lida e ouvida, mas para ser vivida. É o Espírito quem capacita a viver plenamente a Palavra de Deus. Como bem expressado pelo Catecismo, “ao ouvir a Palavra de Deus, com o auxílio do Espírito Santo, o cristão se compromete nele mesmo a

²¹⁷CASTELLANO, J., Liturgia e vida espiritual, p.194.

²¹⁸ALDAZÁBAL, J., Ministério da Homilia, p.55.

²¹⁹CIC 1098.

²²⁰CIC 1099.

viver de acordo com ela”²²¹.

Para isso, é de vital importância aquilo que nos diz o *Ordo Lectionum Missae* (OLM), quando se refere a Palavra de Deus na celebração eucarística:

Sempre que a Igreja, congregada pelo Espírito Santo na celebração litúrgica, anuncia e proclama a Palavra de Deus, reconhece-se a si mesma como o novo povo, no qual a aliança antigamente travada chega agora à sua plenitude e perfeição. Todos os cristãos, que pelo batismo e pela confirmação no Espírito Santo se convertem em mensageiros da Palavra de Deus, depois de receberem a graça de escutar a Palavra, devem anunciá-la na Igreja e no mundo, ao menos com o testemunho de sua vida [...] Esta Palavra de Deus, que é proclamada na celebração dos divinos mistérios, não só se refere às circunstâncias atuais, mas também olha para o passado e penetra o futuro, e nos faz ver quão desejáveis são as coisas que esperamos, para que, no meio das vicissitudes do mundo, nossos corações estejam firmemente postos onde está a verdadeira alegria²²².

A partir dessa dinâmica da escuta e do anúncio litúrgico da Palavra apresentada pelo OLM, podemos constatar uma evidência fundamental para a relação existente entre o Espírito de Deus e a Palavra proclamada na celebração eucarística. Sendo assim, a proclamação solene dos textos sagrados na Liturgia é também manifestação da ação do Espírito de Deus pelo sinal da Palavra. À vista disso, essa ação é um verdadeiro florescimento do Espírito de Deus e de sua ação salvífica na celebração eucarística.

Desta forma, esse florescimento do Espírito por meio do sinal da Palavra é marcado não somente como fundamento de toda a ação litúrgica, mas também, como ação da graça de Deus nos corações de toda a assembleia reunida. Nesse sentido, o Espírito Santo produz aquilo que a Palavra proclamada significa a partir de sua ação transformadora que opera na Liturgia. Em função disso, o OLM faz referência dessa ação do Espírito quando afirma que:

Para que a Palavra de Deus realmente produza nos corações aquilo que se escuta com os ouvidos, requer-se a ação do Espírito Santo, por cuja inspiração e ajuda a Palavra de Deus se converte no fundamento da ação litúrgica e em norma e ajuda de toda a vida. Assim, pois, a atuação do Espírito Santo não só precede, acompanha e segue toda a ação litúrgica, mas também sugere ao coração de cada um tudo aquilo que, na proclamação da Palavra de Deus, foi dito para toda a comunidade dos fiéis; e, ao mesmo tempo que consolida a unidade de todos, fomenta também a diversidade de carismas e a multiplicidade de atuações²²³.

Com base nessa exposição do OLM, podemos afirmar que, “a assembleia

²²¹CIC 1100.

²²²OLM 7.

²²³OLM 9.

litúrgica é o terreno fecundo e privilegiado para se acolher e responder à auto manifestação de Deus por meio de sua Palavra”²²⁴. De fato, a Palavra de Deus é o eixo sobre o qual se realiza a obra salvífica de Deus. Com efeito, na celebração eucarística a Palavra de Deus, pela ação do Espírito Santo, é o meio pelo qual o céu e a terra se unem e a salvação se reflete na história humana.

Vale destacar também que o Espírito é, de fato, o amor Trinitário que se infunde no âmago cristão e inicia um processo de acolhida da Palavra. É assim que na medida em que o cristão se abre ao anúncio da Palavra de Deus, ele experimenta um crescimento interior. Essa é a dinâmica da ação do Espírito Santo na Palavra de Deus. O Espírito Santo é o grande Mestre interior, que guia o cristão no caminho da Palavra. Portanto, a proclamação e a meditação da Palavra de Deus na celebração eucarística são sempre acompanhadas pelo influxo do Espírito, que sustenta a celebração com a força da Palavra que é o Cristo.

Ademais, o louvor perene do Corpo de Cristo congregado manifesta, sob a ação conjunta do Espírito e da Igreja²²⁵, o dom que é celebrar a vida cristã em sua expressão mais original e viva. Diante disso, como bem expressa a *Verbum Domini*: “O Senhor pronuncia a sua Palavra para que seja acolhida por aqueles que foram criados precisamente ‘por meio’ do Verbo”²²⁶. Dessa maneira, a celebração eucarística é, portanto, o centro e o clímax da vida cristã²²⁷. É o momento em que a comunidade cristã é renovada pelo Espírito Santo à luz da Palavra, por conseguinte, reconstruída e edificada na comunhão com o Cristo e os irmãos.

²²⁴SANTANA, L. F. R., Bíblia e Liturgia, p. 252.

²²⁵Ap 23,17.

²²⁶VD 50.

²²⁷SC 10.

3.3

A Palavra de Deus na celebração eucarística

Tendo percorrido o caminho até aqui, nesta seção trataremos de identificar alguns elementos que constituem a sacramentalidade da Palavra de Deus na celebração eucarística. De fato, isso é fundamental para iluminar a compreensão acerca da dinâmica celebrativa em torno da Palavra de Deus. Para isso, é importante trazer para a discussão alguns tópicos expostos pela Exortação Apostólica *Verbum Domini*, de Bento XVI, na qual a Liturgia é considerada o lugar privilegiado da Palavra de Deus²²⁸. Esses elementos teológicos refletem o valor sacramental que a Palavra de Deus possui na celebração eucarística, além de favorecer a “compreensão unitária do mistério da revelação em ações e palavras intimamente relacionadas”²²⁹.

A partir disso, poderemos então afirmar que a Liturgia é o lugar privilegiado onde a Igreja celebra o Mistério da Palavra de Deus revelada e realizada na história, por meio do evento único da encarnação do Verbo. Por essa razão, a Palavra proclamada na celebração eucarística atualiza o mistério da salvação na comunidade, tornando-nos como que contemporâneos do Cristo, como explica L. F. R. Santana:

A proclamação da Palavra na Liturgia nos torna “contemporâneos” do Mistério de Cristo e nos coloca em comunhão com a sua presença. Celebrando o memorial da promessa feita a Abraão e levada a cabo na “plenitude dos tempos” (Gl 4,4), a Palavra anunciada na Liturgia torna-se epifania da presença definitiva do Emmanuel, o “Deus-conosco” (Mt 1,23; Is 7,14). Ele mesmo é o *euangélion* perenemente proclamado e tornado atual, evento de salvação para todos os que o acolhem na fé²³⁰.

A partir dessa compreensão, a celebração litúrgica adquire uma profunda qualidade teológico-espiritual na conjuntura da dinâmica celebrativa. Com efeito, a Palavra de Deus é a fonte de toda a sacramentalidade da celebração eucarística²³¹. A Palavra de Deus é o ponto de partida de todos os atos litúrgicos da Igreja. É a base de toda a Liturgia, pois expressa a economia da salvação de Deus para o Seu povo. De fato, a Palavra de Deus é o ponto de referência para todos os atos litúrgicos. Ela aponta para como a Liturgia se desenvolve.

²²⁸VD52.

²²⁹VD56.

²³⁰ SANTANA, L. F. R., *Bíblia e Liturgia*, p.516-517.

²³¹ DEISS, L., *A Palavra de Deus celebrada*, p.32.

Desse modo, a Sagrada Escritura é também a fonte das orações litúrgicas, hinos e outros elementos próprios da celebração eucarística. A Palavra de Deus é também a força que anima a ação litúrgica. Assim sendo, é a Palavra de Deus que nos indica a realidade da presença de Cristo na Eucaristia e nos encoraja a celebrá-la com alegria e devoção. De acordo com o célebre liturgista, J. L. Martin:

Na liturgia, há uma nota que a converte em elemento determinante e característico do tempo da Igreja, conferindo-lhe a condição de última etapa da história da salvação. Essa nota é a sacramentalidade, ou seja, o modo sacramental de realizar a salvação depois da glorificação de Jesus Cristo e da efusão do seu Espírito à Igreja, continuadora de sua missão²³².

Em função disso, o autor aponta que a salvação é uma “realidade contínua” onde opera por meio de sinais, sacramentos e sacramentais, que realizam o que eles significam dando-lhes a salvação a que se referem e proclamam por meio dos sinais e da Palavra. De fato, a Liturgia da Igreja é o lugar privilegiado onde a graça salvífica de Deus opera no povo reunido.

Os elementos que compõem a natureza sacramental da Palavra na celebração eucarística são a proclamação solene das Escrituras, a pregação da Palavra, a oração litúrgica, o silêncio e os cânticos de louvor. Ao participar destes elementos, a Igreja reconhece que a Palavra de Deus tem uma dimensão profunda e transcendente que nos permite conhecê-lo e adorá-lo através do sinal da Palavra.

Em primeiro lugar, deve-se notar que na celebração da Eucaristia a Palavra de Deus é proclamada²³³. Isso significa que não é apenas ouvida, mas vivida e celebrada. Essa Palavra é uma Palavra viva que revela o mistério de Deus. De fato, ela é o alimento da vida da Igreja e, para ser um verdadeiro sacramento, deve ser compreendida, acolhida e vivida pelo povo de Deus. Além disso, a Palavra de Deus é posta em diálogo com a Eucaristia. Com efeito, a Palavra de Deus anuncia o mistério pascal e a Eucaristia o traz.

Diante disso, são duas realidades que se relacionam de forma complementar. A partir desse ponto de vista, a celebração eucarística é o encontro da Palavra de Deus com a palavra do homem. Nesse sentido, a celebração eucarística é o encontro entre a Palavra de Deus e a vida humana que é transformada por esta mesma Palavra divina. Nessa comunhão, o homem é chamado a rezar, ouvir a Palavra de Deus e participar da celebração eucarística. Através dessa celebração, a

²³² MARTIN, J., L., No Espírito e na Verdade, I, p. 92.

²³³ VD58.

pessoa é chamada a viver uma vida no ritmo da Palavra e, por sua vez, é chamada a tornar-se um discípulo missionário.

O primeiro fator a considerar é a proclamação da Palavra de Deus. Ela ocupa um lugar central na celebração porque é o meio pelo qual Deus se comunica com o seu povo²³⁴. A escuta atenta e profunda é a resposta adequada à Palavra que Deus dirige à comunidade. Segundo A. T. Quirino, essa perspectiva da escuta litúrgica da Palavra de Deus é fundamental para o vínculo existente entre a Palavra e o rito:

A aproximação dos fiéis da sagrada Liturgia com a reta disposição de espírito coloca-os de coração, mente e alma em consonância com a voz, mediante o que fala, reza e celebra. Neste sentido, há uma conexão ritual interior para cooperar com a graça divina que vem da escuta da Palavra de Deus, como reza o salmista: “Faze-me ouvir teu amor pela manhã, pois é em ti que eu confio. Indica-me o caminho a seguir, pois eu me elevo a ti” (Sl 142,8). Os fiéis que se deixam conduzir pela escuta litúrgica conseguem participar de maneira plena, consciente e ativa da sagrada Liturgia, porque estão dispostos a escutar a voz do Senhor com o coração sempre aberto, como reza o salmista: “Oxalá ouvísseis hoje a sua voz! Não endureçais os vossos corações” (Sl 95,8; Ex 19,5; Hb 3,7-11)²³⁵.

A partir dessa conexão ritual, a contemplação da Palavra de Deus cria um diálogo entre Deus e seu povo, que se traduz na forma de uma conversa familiar, a homilia²³⁶. Diante disso, a homilia deve ser simples, clara e profunda, para que todos os fiéis possam compreendê-la. Como afirma Bento XVI, ela “constitui uma atualização da mensagem da Sagrada Escritura, de tal modo que os fiéis sejam levados a descobrir a presença e a eficácia da Palavra de Deus no momento atual da sua vida”²³⁷. A partir disso, a homilia precisa ser focada na Palavra de Deus e inspirada na vida do povo, para que não se torne uma dissertação teórica descolada da realidade. A homilia é um momento privilegiado para a evangelização e para a vida em comunidade. É o momento em que o presbítero ou o diácono se coloca a serviço da Palavra de Deus e do povo, para que, ao ouvir as Sagradas Escrituras, ela possa ressoar no coração de toda a Igreja e predispor ao serviço da missão de Deus.

²³⁴ SC33.

²³⁵ QUIRINO, A. T., A escuta da Palavra de Deus proclamada na liturgia, p.76.

²³⁶ ALDAZÁBAL, J., Vocabulário básico de Liturgia, p.166. “A palavra vem do grego *homilein* (em latim, *sermo*), que significa ‘ter uma prática familiar’, em contraposição ao *logos* (em latim, *oratio*), que aponta, sobretudo, para o discurso oratório. É a palavra de um irmão, ministro da comunidade, que ajuda a entender e a aplicar à vida o que Deus nos disse nas leituras bíblicas”.

²³⁷ VD59.

O segundofator de vital importância para a dinâmica celebrativa em torno da Palavra de Deus é o silêncio²³⁸. O silêncio é necessário para ouvir e compreender as palavras proclamadas na celebração eucarística²³⁹. De fato, do silêncio, as palavras ganham efectivamente vida para quem as ouve. Também criamos espaços de escuta onde todos têm a oportunidade de ouvir e processar para melhorar a comunicação. Diante disso, o silêncio é um componente essencial da comunicação eficaz, pois, “a escuta da proclamação da Escritura na celebração eucarística é de suma importância para a vivência do mistério pascal celebrado”²⁴⁰.

Finalmente, a celebração litúrgica da Palavra de Deus deve incluir o canto²⁴¹. O ato de cantar a Palavra é considerado um ato de adorar ao Senhor. Desse modo, é o meio pelo qual a assembleia é exposta à Palavra de Deus e responde a ela de maneira profunda com aclamações e cânticos de louvor. Portanto, a celebração da Palavra de Deus na Liturgia inclui a proclamação solene das Escrituras, as orações litúrgicas e os cânticos como elementos expressivos da dinâmica celebrativa em torno do sinal da Palavra. Esses fatores são fundamentais para que a Palavra de Deus reverbere na comunidade reunida e produza os frutos da obra redentora de Cristo nos corações de cada um dos fiéis. Dessa forma, a Palavra de Deus torna-se presente e eficaz na vida dos crentes.

Outro fator a recordar é a oração litúrgica, de forma mais precisa, a oração eucarística. Ela acompanha o dinamismo da Palavra de Deus e coloca-a em prática na vida dos fiéis. A oração litúrgica é essencial para que o povo possa adorar a Deus, interceder pelas necessidades da Igreja e do mundo, e renovar a sua aliança com o Senhor. Nela, a Palavra de Deus que foi acolhida durante a proclamação na Liturgia da Palavra se torna oração. Ela é a expressão orante do povo que acolhe ao convite de Deus na Palavra e se abre à vontade divina.

Essa oração litúrgica é conhecida como “anáfora”²⁴². A anáfora é

²³⁸VD66.

²³⁹ INACIO DE ANTIOQUIA, Cartas aos Efésios, XV,1. In: AL, p.103.

²⁴⁰ QUIRINO, A. T., A teologia da escuta, p.198.

²⁴¹VD70.

²⁴² ALDAZÁBAL, J., Vocabulário básico de Liturgia, p.27. De acordo com a definição de J. Aldazábal: “Palavra grega que advém de *ana-fero* (elevar). O que elevamos a Deus é o louvor ou o sacrifício. (...) É o nome que recebe, nas liturgias orientais, o que atualmente chamamos Oração Eucarística, e que, em latim, foi recebendo diversas denominações: prexeucharistica, prex, contestatio, illatio, canon, canonactionis. Anáfora é o nome que o Catecismo (CIC 1352) dá a essa oração. É a oração central da Eucaristia, que o presidente dirige a Deus em nome da comunidade,

uma forma de oração que é comum na Liturgia da Igreja. Desse modo, a anáfora eucarística significa uma oração que é dirigida a Deus para que se faça presente na celebração. Com efeito, a anáfora é a parte principal da oração eucarística onde se encontram as palavras de consagração. O termo anáfora também se refere ao ato de se elevar orações de ação de graças para Deus em outros momentos, como um serviço de adoração e também de intercessão pelas necessidades de todos.

Por isso, quando celebramos a Eucaristia celebramos justamente a grande oração de louvor a Deus Pai, por meio da ação do Filho, na força do Espírito Santo. Nesse sentido, é o reconhecimento de que o amor de Deus se manifesta em nós e em nossa vida celebrativa por meio dos sinais litúrgicos da Palavra e do pão. É a expressão de gratidão pelo Espírito que nos guia, liberta e transforma por meio desses sinais.

Efetivamente, é mediante esses sinais litúrgico-eclesiais que a comunidade dos fiéis é conduzida a acolher a ação salvífica de Deus por meio do sinal de sua Palavra. Em virtude dessa acolhida da salvação por meio da Palavra na celebração eucarística, podemos destacar que ela possui uma relação direta com o panorama sacramental experimentado na Liturgia²⁴³. De fato, existe uma unidade latente entre a Palavra de Deus e a celebração eucarística ratificada na própria Sagrada Escritura. Por certo, essa unidade é confirmada pela tradição dos Padres da Igreja e redescoberta pela ênfase teológico-litúrgica do Concílio Vaticano II²⁴⁴.

Além disso, essa ênfase teológico-litúrgica acha-se profundamente enraizada no conceito de economia da salvação proveniente da teologia bíblica²⁴⁵. De fato, os Padres da Igreja intuíram muito bem o significado perene do plano divino de salvação realizado em Cristo, e que está no centro da vida celebrativa da Igreja. Essa dinâmica do mistério pascal é rerepresentada sempre que a Palavra de Deus é proclamada na celebração eucarística, fazendo com que se torne, para a assembleia eucarística, uma realidade viva²⁴⁶.

A respeito dessa ênfase, o documento Conciliar sobre a revelação divina expressa que “a Palavra de Deus, em particular na Liturgia, é precisamente o

louvando o Pai, oferecendo o sacrifício de Cristo e invocando o Espírito Santo para que torne eficaz também hoje a presença e a doação de Cristo aos seus”.

²⁴³MORAES, A. J., *Celebrar a Eucaristia Hoje*, p.43.

²⁴⁴DV 21.

²⁴⁵DV17.

²⁴⁶ SANTANA, L. F. R., *Bíblia e Liturgia*, p. 524.

manancial de tudo que precisa ser comunicado ao povo”²⁴⁷. Esse caráter eminentemente próximo de Deus se refere diretamente ao próprio Jesus, figura central da economia da salvação narrado pelas Sagradas Escrituras. Com efeito, a Liturgia da Palavra atualiza continuamente a presença de Cristo na ação celebrativa da Igreja. Através dessa presença, sempre viva e renovada em espírito e verdade, a Palavra proclamada ressoa nos corações de toda a comunidade reunida, acolhendo-a como palavra do próprio Jesus.

Dessa forma, essa Palavra revelada e celebrada no memorial da Páscoa do Senhor é, por sua natureza sacramental, o dom por excelência que comunica o mistério divino ao povo que acolhe este mistério. Disso decorre que, essa mesma Palavra abre o entendimento e o seu sentido para todos os que a acolhem com fé²⁴⁸. Assim sendo, isso expressa a realidade da Liturgia como uma assembléia aberta para o ouvir e o guiar do Espírito Santo. De fato, identificamos que “a assembleia litúrgica é o terreno fecundo e privilegiado para se acolher e responder à automanifestação de Deus por meio de sua Palavra”²⁴⁹.

Na Liturgia da Igreja, a Palavra de Deus é frequentemente associada ao rito dos sacramentos. Assim, a Escritura é fundamental para a celebração eucarística, pois favorece a compreensão e o entendimento do mistério que é comunicado. Isso significa dizer que a Palavra de Deus é o vínculo existente entre as celebrações sacramentais, pois é ela que fornece aos ritos o significado e a grandeza que eles têm, ou seja, seu sentido e compreensão. Certamente, a Palavra proclama aquilo que o rito atualiza. Em função disso, a Palavra e a celebração apresentam entre si uma unidade perfeita.

A proclamação da Palavra é, de fato, uma Liturgia sacramental, pois ouvir a Palavra no contexto litúrgico é proclamação da fé, bem como acontecimento salvífico²⁵⁰. À vista disso, podemos compreender a dinâmica ritual como intercâmbio entre a Palavra e o rito. Disso decorre dizer que o rito é a concretização daquilo que a Palavra proclamada e acolhida significa. No entanto, se separarmos a realidade da Palavra do contexto ritual, ou vice-versa, pode-se incorrer no erro de considerar a proclamação da Palavra e os ritos sacramentais como formas paralelas de professar a fé em Cristo. Com efeito, isso pode levar a

²⁴⁷DV 25.

²⁴⁸Lc 24,44-45.

²⁴⁹ SANTANA, L. F. R., *Bíblia e Liturgia*, p. 252.

²⁵⁰Rm 10,17.

entender que precisamos escolher uma forma em detrimento da outra, ocasionando assim, uma quebra na unidade existente entre a Palavra e o rito. Em relação a esta dissociação que se constitui como um desafio para a compressão da unidade litúrgica entre a Palavra e o rito, A. Marranzini afirma que:

A Palavra e o rito sacramental são meios de salvação e não a própria salvação, que é a pessoa e a obra de Cristo. Devem, portanto, ser considerados em todo o contexto da economia salvífica e na sua relação de mediação com Deus e da redenção realizada por Ele em Cristo e no Espírito Santo, e de comunicação da vida divina ao homem, por meio da Igreja, em correspondência até com suas aspirações mais profundas. Se isolamos a Palavra e o rito sacramental deste contexto, fazemos com que percam todo o sentido e eficácia salvífica, e toda possibilidade de compreensão também para o homem de hoje²⁵¹.

Ao prescindirmos da relação entre o rito e a Palavra de Deus, é necessário superar a compreensão de que a inteligibilidade está toda na Palavra e ao rito compete apenas a eficácia sacramental. De fato, a Palavra de Deus suscita e apresenta o conteúdo do rito celebrado. Com efeito, ela estabelece que o mistério da salvação celebrado se faz presente por meio da união entre a Palavra e o rito. Disso decorre que a Palavra de Deus, lida e proclamada, espera ser acolhida na fé e entendida para que ela possa realmente ser atualizada sacramentalmente.

A Palavra na celebração eucarística dominical, nos possibilita viver a experiência da comunhão com Deus através da linguagem própria da Liturgia, ou seja, por meio de palavras e ações. A partir disso, não se pode conceber uma celebração onde a Palavra diz, mas não se expressa ritualmente, nem se pode imaginar um rito que apenas expressa a ritualidade, mas não comunica.

Diante disso, segundo o que apresenta M. Magrassi, “toda Palavra de Deus é ativa, e todo rito fala, graças também à sua íntima união com a Palavra”²⁵². Dessa maneira, entender a sacramentalidade da Liturgia é fundamental para a compreensão do horizonte sacramental da Palavra de Deus na celebração eucarística. Essa sacramentalidade da Palavra a coloca no mesmo horizonte dos sacramentos, além de “considerar toda a Liturgia como realidade sacramental e não somente os sete sacramentos”²⁵³.

Diante desse horizonte sacramental, “a função do ministro que preside e dos seus colaboradores é de ajudar a assembleia a se pôr em atitude de escuta das

²⁵¹ MARRANZINI, A., Parola e Sacramento nella comunità de salvezza, p. 74.

²⁵² MAGRASSI, M., Viver a Palavra, p. 94.

²⁵³ BUYST, I., O segredo dos ritos, p. 33.

leituras bíblicas com capacidade interpretativa, a fim de que cada um entenda o que Deus lhe quer comunicar”²⁵⁴ por meio da Palavra e do rito. Deste modo, como nos diz A. T. Quirino:

A Escritura proclamada na Liturgia está além do texto lido e escrito. Na ativa proclamação-escuta da Palavra de Deus, a palavra anunciada estabelece uma relação íntima entre Deus que se revela e o ser humano que o acolhe. Nesta ótica, a Palavra interage com a pessoa humana em sua totalidade. Pela ação proclamativa da Escritura, Deus fala e age no hoje da comunidade reunida. A proclamação ritual da Palavra deixa de ser uma importante relíquia do passado para se aproximar do ser humano, tornando-o o evento atual e agente de uma história viva.²⁵⁵

A Liturgia da Palavra não é apenas uma parte ritual que antecede a Liturgia Eucarística. Mas sim, um elemento essencial de uma Liturgia na qual o dom do Espírito é comunicado a assembleia. Desse modo, a Instrução Geral do Missal Romano (IGMR) destaca que, “a Missa consta, por assim dizer, de duas partes, a saber: a Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística, tão intimamente unidas entre si, que constituem um só ato de culto”²⁵⁶.

A dinâmica sacramental torna-se, então, o fundamento no qual a Liturgia está constituída.²⁵⁷ De acordo com o Papa emérito Bento XVI, o Concílio Vaticano II, ao propor a reforma litúrgica, mostrou o quanto é importante a “revalorização da índole própria da Liturgia da Palavra (...) como anúncio da Palavra de Deus que se dirige ao homem e o chama”²⁵⁸.

A perspectiva do Concílio Vaticano II era encorajar o acesso aos tesouros contidos na Palavra de Deus na celebração litúrgica²⁵⁹. Para isso ser possível, uma retomada da leitura bíblica nas celebrações litúrgicas refletia o caráter bíblico-litúrgico da renovação Conciliar. De fato, na celebração eucarística quem recebe a Palavra não são apenas crentes isolados, mas o Povo de Deus reunido pelo Espírito Santo que, ouvindo a Palavra, se torna uma assembleia de oração.

²⁵⁴MORAES, A. J., *Celebrar a Eucaristia Hoje*, p. 44.

²⁵⁵QUIRINO, A. T., *Teologia da escuta*, p. 205.

²⁵⁶IG 28.

²⁵⁷BENEDITO, A. L., *A sacramentalidade da Palavra de Deus*, p. 83-84. Com efeito, “a sacramentalidade da Palavra de Deus manifesta-se na Escritura proclamada na celebração litúrgica. [...] Com efeito, mediante a Palavra de Deus ressoada a partir do ambão, os fiéis experimentam seu caráter performativo, isto é, a eficaz ação divina em suas vidas. Tal ação, porém, ocorre devido à presença do Verbo encarnado na Palavra, conferindo a eficácia salvífica àqueles que a ouvem em cada “hoje” da celebração litúrgica. [...] Dessa forma, a Igreja experimenta a sacramentalidade da Palavra todas as vezes que proclama e explica a Escritura, tornando-a viva e eficaz (Hb 4,12) para os batizados, sempre que celebram a Liturgia da Palavra”.

²⁵⁸ASSUNÇÃO, R. A., *O sacrifício da Palavra*, p. 105.

²⁵⁹SC 24.

É em virtude dessa perspectiva Conciliar que, “a Liturgia é lugar privilegiado onde a Palavra de Deus soa com uma eficácia especial”²⁶⁰. Sobre esta perspectiva Conciliar, R. Fisichella afirma que a Escritura no centro da celebração é um marco da renovação oriunda das sessões Conciliares e também uma expressão da revalorização da Palavra de Deus como fundamento do mistério celebrado:

O Vaticano II, neste particular, realiza uma verdadeira revolução copernicana. A Escritura trazida para o centro da basílica de São Pedro é sinal da recuperação de um sentido de orientação por parte da Igreja. Agora ela tem a possibilidade de reencontrar apoio em sua caminhada e vigor para fortalecer-se na fé (DV 21). Mas também os crentes recuperam um diálogo interrompido há muitos séculos; na Escritura, “o Pai que está nos céus vem com muita benignidade ao encontro de seus filhos e conversa com eles” (DV 21). Em suma, a Palavra de Deus voltou a instruir gerações de crentes que, com algum esforço, conseguem compreender a riqueza ao alcance de suas mãos²⁶¹.

A partir dessa revalorização da centralidade da Palavra de Deus na celebração eucarística, a dinâmica celebrativa em torno da Palavra logo tornou-se uma referência importante para a vida das comunidades e a fonte para as celebrações litúrgicas²⁶². Essa dinâmica celebrativa com a Palavra no centro da celebração constitui-se como a marca de um dinamismo existencial em torno da Palavra, manifestando dessa forma, seu caráter sacramental.

Assim sendo, a Igreja ao prescindir do sentido da Palavra na celebração reconhece que a força da Liturgia está constituída sobre o sinal da Palavra de Deus como alimento da fé²⁶³. A Igreja entende que a celebração da Palavra é o dom que Deus comunica a humanidade a fim de estabelecer diálogo com ela. Neste caso, a Escritura torna-se Palavra de Deus para a salvação da humanidade, e com isso mostra a economia divina que o Pai levou ao ponto mais alto na encarnação do Verbo por meio do Espírito Santo²⁶⁴.

Tendo em vista que a Palavra de Deus é uma Palavra ativa, eficaz e criativa²⁶⁵, por sua natureza ela cria vida nova em quem a acolhe com fé. Em virtude disso, a comunidade eclesial é formada por meio desta Palavra que convoca e reúne o povo para a escuta de Deus. A proclamação da Palavra de Deus

²⁶⁰ MARTÍN, J. L., A liturgia da Igreja, p. 156.

²⁶¹ FISICHELLA, R., Introdução à teologia fundamental, p. 33.

²⁶² PALUDO, F., A Palavra de Deus na celebração, p. 144.

²⁶³ DV 23; PO 4.

²⁶⁴ MARTÍN, J. L., No Espírito e na verdade, p. 224.

²⁶⁵ Hb 4,12.

sempre fez parte da Tradição da Igreja quando esta se reúne para celebrar a memória do mistério de Cristo. Assim sendo, é na Igreja, mais precisamente na celebração eucarística, que a Sagrada Escritura adquire seu caráter sacramental próprio de Palavra de Deus.

A Palavra de Deus atinge o máximo de sua atualidade e sacramentalidade na Liturgia da Igreja, como sinal eficaz de salvação na vida das comunidades cristãs. [...] É na Liturgia da Igreja que as escrituras são mais profundamente compreendidas. O Deus que outrora falou pelos profetas, mantém um diálogo com a esposa de seu dileto Filho, e o Espírito Santo faz ressoar na Liturgia da Igreja a voz viva do Evangelho de Cristo. A Palavra de Deus não se fecha na escrita, ela continua sendo anunciada e ouvida na história da Igreja, que se empenha em anunciá-la ao mundo como instrumento de salvação²⁶⁶.

Em função dessa perspectiva sacramental da Palavra na celebração eucarística, a reflexão teológica exposta até aqui caminha sob este prisma da compreensão da Palavra de Deus como fundamento da celebração litúrgica. Assim, a Palavra de Deus torna-se operante na assembleia litúrgica, para o bem da comunidade cristã e sua edificação. Este fundamento expressa que a raiz da sacramentalidade da Palavra de Deus na Liturgia está diretamente ligada ao mistério da encarnação do Verbo de Deus e da Eucaristia.

Desse modo, a Palavra de Deus não é apenas um elemento adicional, mas é a fonte da celebração litúrgica. Com efeito, a Palavra é proclamada como a expressão perfeita da vontade de Deus para a sua Igreja e, como tal, recebida como sacramento. Portanto, ela é o ponto de partida e meta da celebração eucarística, porque os fiéis expressam a sua fé e celebram o sacramento da Eucaristia a partir da Palavra de Deus. De certo, como o sacramento do corpo e sangue do Senhor é substancialmente presença do Ressuscitado na assembleia litúrgica, também à Palavra se deve a mesma veneração, como expressa L. Deiss:

A Palavra de Deus é, portanto, tão venerável quanto o Corpo Eucarístico de Jesus Cristo. Aquele que “comunga” da Palavra, como aquele que comunga da Eucaristia, comunga do mesmo Senhor. E a veneração que é devida à Palavra, como a que é devida à Eucaristia, é a mesma que é devida a Cristo Jesus²⁶⁷.

Dito isso, podemos evidenciar que há na celebração eucarística dois lugares teológicos que estão unidos de forma profundamente indissociável, são eles: a mesa da Palavra (ambão) e a mesa da Eucaristia (altar). De fato, por meio dessas

²⁶⁶ QUIRINO, A. T., A escuta da Palavra de Deus na liturgia, p. 15-16.

²⁶⁷ DEISS, L., A Palavra de Deus celebrada, p. 35.

duas mesas, o fiel é convocado a participar de forma ativa, consciente e plena da vida da Igreja e do mistério que é celebrado e, no qual está inserido pela comunhão eclesial oriunda do batismo.

Desse modo, como apresenta o documento Conciliar sobre a Sagrada Liturgia, quando fala da participação consciente ativa e plena dos fiéis, “é desejo ardente na mãe Igreja que todos os fiéis cheguem àquela plena, consciente e ativa participação nas celebrações litúrgicas”²⁶⁸. Diante disso, os fiéis precisam “entender o que se passa, instruir-se com a Palavra de Deus e alimentar-se da mesa do corpo do Senhor”²⁶⁹.

Esta compreensão das duas mesas possui sua raiz na tradição cristã. A mesa da Palavra é a mesa onde nos sentamos para ouvir, partilhar e meditar as Escrituras. De fato, é nessa mesa que a Palavra de Deus é dada como verdadeiro alimento. Nessa perspectiva, a mesa da Eucaristia é a mesa da comunhão com Cristo, onde o Corpo e Sangue de Cristo é repartido. Assim sendo, é na celebração eucarística onde se celebra o mistério da Páscoa do Senhor por meio dos sinais da Palavra e do Pão. Com efeito, são a partir dessas duas mesas que nos alimentamos com a presença de Cristo. Dessa forma, essa é a íntima relação existente entre as duas mesas da celebração. Com isso, Palavra e Eucaristia são as referências da celebração da Igreja.

Em função dessa profunda união entre a Palavra e a Eucaristia, para compreender e celebrar o divino mistério revelado por Cristo, a Igreja, em sua Liturgia, propõe elementos fundamentais que permitem aprofundar um sentido profundo da sacramentalidade da Palavra de Deus na celebração eucarística. Para isso ser possível, a IGMR apresenta uma estrutura fundamental indispensável para compreender a dinâmica celebrativa em torno da Palavra e da Eucaristia:

Com efeito, na celebração da Missa, em que se perpetua o sacrifício da cruz, Cristo está realmente presente: na própria assembleia congregada em seu nome, na pessoa do ministro, na sua palavra e, ainda, de uma forma substancial e permanente, sob as espécies eucarísticas. A Missa consta, por assim dizer, de duas partes: a liturgia da palavra e a liturgia eucarística. Estas duas partes, porém, estão entre si tão estreitamente ligadas que constituem um único ato de culto. De fato, na Missa é posta a mesa, tanto da palavra de Deus como do Corpo de Cristo, mesa em que os fiéis recebem instrução e alimento. Há ainda determinados ritos, a abrir e a concluir

²⁶⁸SC 14.

²⁶⁹SC 48.

a celebração²⁷⁰.

De fato, a celebração eucarística expressa a presença sacramental de Cristo por meio dos sinais litúrgicos, sobretudo da Palavra. Com efeito, Palavra de Deus possui a sua eficácia em si mesma (*ex opere operato*), porque é “viva e eficaz” (Hb 4,12). A partir disso, a Palavra de Deus na celebração é capaz de transformar a vida do homem, de renovar a sua existência e de comunicar-lhe a salvação.

Vale destacar também que é por meio dessa Palavra “viva e eficaz” proclamada, que Deus se comunica ao ser humano de “hoje” na celebração litúrgica. Outrossim, Deus reúne o seu povo e o constitui em uma assembleia pascal por meio da ação do Espírito e da Palavra²⁷¹. Com efeito, é em razão da dinâmica Deus e a Igreja que a proclamação da Palavra nos coloca em sintonia com o mistério celebrado.

Em função disso, para usufruirmos da eficácia sacramental da Palavra, precisamos de uma atitude de abertura e fé para acolhermos o mistério da salvação que é comunicado por meio da celebração eucarística. Sobre isso, A. T. Quirino elucida da seguinte forma:

A Palavra de Deus transforma a vida dos que dela se aproximam com fé. A Palavra nunca se esgota: é nova a cada dia. No entanto, é necessária uma fé que escute, pois a escuta cria uma pertença, um laço, introduz na aliança. O Pai apresenta o Filho como sinal da verdadeira aliança comunicada aos homens, “este é o meu Filho muito amado, no qual pus toda a minha complacência. Escutai o que Ele diz” (Mt 17,5). A palavra provoca, na pessoa que a escuta com fé, uma eficácia sacramental²⁷².

Segundo a reflexão do autor, a eficácia sacramental da Palavra faz eco na vida daqueles que a acolhem na fé. Efetivamente, celebrar a Palavra de Deus na Liturgia corresponde ao profundo aspecto da dinâmica espiritual da fé no mistério da salvação, pois, “não aconteceria uma verdadeira história da salvação se faltasse, por parte dos crentes, a resposta às palavras e às obras de Deus”²⁷³.

Desse modo, o valor intrínseco da celebração da Palavra torna-se o meio de diálogo constante entre Deus e a assembleia reunida para celebrar a sua ação redentora. De fato, na celebração eucarística fica mais evidente que não é apenas o crente isolado que recebe a Palavra de Deus, mas todo o povo de Deus reunido

²⁷⁰IGMR 27-28.

²⁷¹MARTÍN, J. L., A liturgia da Igreja, p. 154.

²⁷²QUIRINO, A. T., A escuta da Palavra de Deus na liturgia, p. 16.

²⁷³CASTELLANO, J., Liturgia e vida espiritual, p. 33.

pela Palavra de Deus sob a ação do Espírito Santo. A celebração eucarística é o local por excelência onde a Palavra de Deus adquire sua máxima eficácia²⁷⁴.

De fato, os padres Conciliares perceberam o valor da celebração em torno da Palavra e sua importância para a reflexão Conciliar. Este valor reconhece a Liturgia da Palavra como um momento sagrado, durante o qual os participantes experimentam a presença de Deus e são alimentados pelo pão da Palavra. Em função disso, declarar que a proclamação das Escrituras adquire o caráter sacramental nas cerimônias litúrgicas foi um princípio nascido da reflexão pós-Conciliar.

Além disso, toda a Liturgia compreende uma grande proclamação da Palavra de Deus. A dinâmica litúrgica dessa proclamação favorece o entendimento em relação ao vínculo existente entre a Palavra e os demais sacramentos, como bem expressa a “teologia das duas mesas”²⁷⁵. Portanto, é necessário afirmar que toda celebração é anúncio solene da Palavra de Deus.

Vale destacar também que a celebração eucarística é a máxima expressão da realidade profunda do mistério da autocomunicação de Deus pela Palavra proclamada. De fato, a Palavra de Deus vive na celebração e deve ser concebida de forma análoga à eficácia sacramental dos outros sacramentos. Basicamente, isso nos leva a compreender que a Liturgia representa o momento culminante e a fonte da eficácia sacramental da Palavra²⁷⁶.

Na verdade, diante dessa eficácia sacramental, se pode afirmar que a Palavra de Deus na celebração litúrgica possui o mesmo caráter sacramental que o sacramento da eucaristia. Com base nisso, é possível afirmar que a proclamação das Escrituras na celebração eucarística pode ser considerada como uma ação sacramental da Palavra de Deus na Igreja.

Desta forma, todo o contexto celebrativo é claramente o lugar teológico por excelência para ouvir e interpretar a Palavra de Deus. Com base nisso, podemos destacar ainda que a origem da teologia cristã nasceu da fonte sacramental da Palavra de Deus que veio estabelecer um diálogo de salvação com o ser humano²⁷⁷.

²⁷⁴ MARTÍN, J. L., A liturgia da Igreja, p. 156.

²⁷⁵ SC 56. “Estão tão intimamente ligadas entre si as duas partes de que se compõe, de algum modo, a missa – a Liturgia da Palavra e a Liturgia eucarística – que formam um só ato de culto”.

²⁷⁶ MAGRASSI, M., Viver a Palavra, p. 95.

²⁷⁷ Jo 1,11.

Dizer que a Palavra de Deus é um sinal sacramental corresponde ao mesmo que afirmar que esta realidade está unida simbolicamente, pelo sinal da Palavra, à realidade da salvação que nos situa no contexto de uma história²⁷⁸. Voltar-se para essa Palavra é inclinar-se para ouvir e escutar atentamente o próprio Senhor que fala, ainda “hoje”, na celebração eucarística. Em virtude disso, podemos conceber que o caráter sacramental da Palavra de Deus na celebração eucarística é fundamental para a acolhida da salvação. Assim sendo, a Igreja celebra aquilo em que crê, pois, ouviu e acolheu a Palavra de Deus como realidade sacramental.

Efetivamente, a mesma Palavra ouvida da boca de Cristo e que, por ele foi confiada aos Apóstolos, chegou até nós por meio da participação atenta na celebração da Igreja. Com efeito, é por esse motivo que a Palavra de Deus, que a Igreja deve levar ao mundo, não pode ser reduzida a simples preceitos, normas doutrinárias, pois, ela é, substancialmente a pessoa do Verbo de Deus que se faz presente na celebração por meio do sinal da Palavra. De fato, a Palavra deve ser compreendida com um caráter de evento sacramental, ou seja, um lugar onde toda a comunidade dos fiéis é chamada a ter um encontro salvífico com Deus²⁷⁹.

²⁷⁸ BUYST, I., O segredo dos ritos, p. 35.

²⁷⁹ BENEDITO, A. L., A sacramentalidade da Palavra de Deus, p. 102.

4

A dinâmica litúrgico-pastoral sobre a Palavra de Deus na celebração eucarística

Tendo percorrido um itinerário bíblico-teológico no segundo capítulo e um caminho teológico-litúrgico no terceiro capítulo de nosso trabalho, vamos agora abordar a dinâmica litúrgico-pastoral a respeito da Palavra na celebração. A partir dessa abordagem podemos considerar a compreensão da ministerialidade em torno da Palavra de Deus na celebração eucarística com base em sua dinâmica celebrativa.

O intuito nesse capítulo não é aprofundar demasiadamente cada um dos elementos teológicos que serão apresentados, mas sim trazer à tona reflexões pertinentes, ainda que em caráter explanatório, da realidade dinâmica da Palavra de Deus na vida da Igreja. De fato, ela é importante para adentrarmos no sentido da acolhida do texto sagrado na comunidade dos fiéis e a dinâmica pastoral oriunda do ato celebrativo da proclamação da Palavra.

Efetivamente, “a proclamação eclesial e litúrgica da Palavra de Deus é uma realidade ministerial”²⁸⁰. Com base nisso, no primeiro item do presente capítulo elegemos a relação entre a assembleia litúrgica e a Palavra de Deus como paradigma para o desenvolvimento da dinâmica celebrativa. Veremos neste item da pesquisa o modelo pelo qual a assembleia litúrgica se configura como lugar teológico por excelência para a proclamação, escuta, acolhida e interpretação da Palavra de Deus. De fato, isso corresponde a considerar a hermenêutica litúrgica da Palavra como o caminho interpretativo da sacramentalidade da Palavra de Deus em sua dinâmica celebrativa.

No item subsequente deste trabalho, nossa pesquisa seguirá adentrando um pouco mais na questão da estrutura da Liturgia da Palavra bem como na sua proclamação e ministerialidade. A temática ministerial em torno da proclamação litúrgica da Palavra de Deus é um tema que tem sido discutido desde o Concílio Vaticano II. Com base nisso, queremos pôr em evidência a dinâmica da ministerialidade presente na celebração a partir da autocompreensão da assembleia litúrgica como povo sacerdotal e profético em função da Palavra. No contexto da assembleia podemos perceber que todas as ações ministeriais são

²⁸⁰ CNBB, Orientações para a celebração da Palavra de Deus, n. 21, p.15.

exercidas em favor da comunidade eclesial que, em vários momentos, intervém manifestando a sua participação ativa e consciente com palavras e ações. A partir dessa percepção, iremos considerar que o louvor perene do Corpo de Cristo congregado manifesta, através da estrutura e dos elementos próprios da Liturgia da Palavra, a vida cristã em sua expressão mais original e viva, ou seja, aquela sacramental.

Por fim, no último item de nosso trabalho, queremos abordar dois elementos que são constitutivos da Liturgia da Palavra, são eles: o ministério do leitor e o “lugar teológico” da Palavra na celebração. A partir disso, queremos pôr em evidência a ministerialidade da Palavra e também despertar a consciência dos leitores para a redescoberta desse ofício tão cheio de significados. Com efeito, todos os batizados são chamados a proclamar a Palavra de Deus na vida cotidiana. Em função disso, a perspectiva adotada neste trabalho é a de considerar o caminho proposto até o momento como uma humilde contribuição na explanação de tema tão vasto e rico.

De fato, essa perspectiva tem um caráter tanto interno como externo, pois, abre-se para o sentido das ações pastorais da Igreja, animando-as e edificando-as por efeito da Palavra de Deus. Além disso, proporciona que o anúncio missionário da Palavra vá ao encontro das realidades diversas do mundo de hoje. Ao partimos da assembleia, passando pela estrutura da Liturgia da Palavra e chegando até o leitor, queremos demonstrar como a Palavra chega até cada um dos fiéis na assembleia e os impele a proclamá-la na Liturgia, nas atividades pastorais e na vida.

4.1

A assembleia litúrgica como lugar hermenêutico originário da Palavra de Deus

No último item do capítulo anterior vimos a sacramentalidade da Palavra de Deus na celebração eucarística. A partir do que foi exposto, vamos agora adentrar em outro viés dessa sacramentalidade. Se antes trabalhamos a Palavra como evento sacramental, neste item vamos explorar a dinâmica dessa Palavra a partir da perspectiva da assembleia litúrgica e a relação profunda que elas possuem entre si.

A Igreja reúne-se para celebrar o mistério pascal, o mistério da redenção da humanidade narrado nas Escrituras. Desse modo, a caminhada da assembleia²⁸¹ e a sua história são marcadas pelo ato de reunir-se dos cristãos. Com efeito, na assembleia litúrgica nos é comunicado o mistério de Cristo, presente e atuante no mundo e na história humana, por meio da dinâmica sacramental, ou seja, gestos e palavras. Essa assembleia é marcada pela ação sacramental da Palavra nos ritos litúrgicos²⁸². De fato, a assembleia litúrgica é fiel depositária da Palavra de Deus e também o sinal por excelência da presença salvífica de Cristo.

Desse modo, antes de iniciarmos o percurso teológico referente à Palavra de e sua relação com a assembleia, cabe antes apresentarmos o sentido dessa assembleia entendido como uma celebração dominical. A partir do apontamento sobre o “dia do Senhor” como momento por excelência da escuta da Palavra de Deus, poderemos perceber de que modo a celebração está intimamente ligada à Palavra de Deus.

O domingo é o dia em que a comunidade cristã se reúne em torno do Ressuscitado e ouve a sua Palavra. Diversos textos bíblicos expressam a convicção em torno do domingo²⁸³. Ao longo do ano litúrgico a Igreja nos convida a celebrar o mistério da ressurreição de Jesus a cada domingo, que é a nossa esperança, a nossa alegria e o fundamento da fé cristã. Por isso, compreender o sentido do domingo é fundamental para entender a dinâmica celebrativa ao redor da Palavra. Em função disso, o sentido do domingo era

²⁸¹ ALDAZÁBAL, J., Vocabulário básico de Liturgia, p. 43. Sobre o conceito de Assembleia: “A primeira realidade visível da liturgia cristã é a comunidade reunida, a assembleia. Em grego, essa congregação de fiéis chama-se *synaxis*. A palavra assembleia vem do latim *assimulare*, que significa juntar, de *simul*, ao mesmo tempo”.

²⁸² SPERA, J. C., A assembleia celebrante, p. 113.

²⁸³ Ap 1,9-10; At 20,7-12.

expressão evidente na comunidade primitiva, como afirma o catecismo dos primeiros cristãos:

Reúnam-se no dia do Senhor para partir o pão e agradecer, depois de ter confessado os pecados, para que o sacrifício de vocês seja puro. Aquele que está de briga com seu companheiro não poderá se juntar a vocês antes de se ter reconciliado, para que o sacrifício que vocês oferecem não seja profanado. Esse é o sacrifício do qual o Senhor disse: Em todo lugar em todo tempo, seja oferecido um sacrifício puro, porque sou um grande rei, diz o Senhor, e o meu nome é admirável entre as nações²⁸⁴.

De fato, a celebração dominical é o momento privilegiado para a renovação da Aliança do Senhor com seu povo, pois, é nela que se renova a esperança na vida eterna pelo anúncio da Palavra. Através da celebração, o Senhor nos convida a participar da sua vida divina, tornando-nos seus irmãos e irmãs. Desse modo, a assembleia é a primeira e a mais importante realidade da Igreja.

Em função disso, as Escrituras nascem da assembleia e são a Palavra de Deus para a assembleia. Com efeito, podemos afirmar que a Palavra de Deus se faz carne na assembleia dominical dos fiéis. Destarte, a celebração dominical é, portanto, a expressão de uma fé que se apoia na Ressurreição anunciada pela Palavra de Deus.

Antes de mais nada, é preciso recordar um fato fundamental para a compreensão em torno da Palavra na assembleia. Desde o início, a Igreja celebrou o Dia do Senhor e viu nele a plenitude da vida nova em Cristo. Esta celebração é expressão da comunhão da Igreja com Cristo ressuscitado e da unidade dos cristãos. Naquele dia, “o primeiro dia da semana”, o Senhor ressuscitado apareceu aos apóstolos e abriu seus corações para a compreensão das Escrituras²⁸⁵. É por isso que o domingo é chamado de Dia do Senhor na Liturgia da Palavra.

À vista disso, podemos concluir que os cristãos se reuniam de forma regular para a oração e anúncio da Palavra no “dia do Senhor”. De certo, essa compreensão sempre foi considerada como a característica mais distintiva do modo de vida da Igreja²⁸⁶. Vale destacar também que a comunidade reunida em torno do ressuscitado, reza, ouve e se alimenta da Palavra de Deus na

²⁸⁴DIDAQUÉ, 1989, p. 21

²⁸⁵Lc 24,45.

²⁸⁶At 2,42.

celebração²⁸⁷. Essa característica distintiva da Igreja é fundamental para compreendermos o lugar da Palavra de Deus na assembleia litúrgica como sinal do mistério de Cristo, ou seja, sua dinâmica sacramental. Tamanha é a importância do domingo para a Igreja que o Concílio Vaticano II retoma a centralidade do dia do Senhor como realidade expressiva da assembleia litúrgica em torno da Palavra:

Por tradição apostólica, que nasceu do próprio dia da Ressurreição de Cristo, a Igreja celebra o mistério pascal todos os oito dias, no dia que bem se denomina dia do Senhor ou domingo. Neste dia devem os fiéis reunir-se para participarem na Eucaristia e ouvirem a Palavra de Deus, e assim recordarem a Paixão, Ressurreição e glória do Senhor Jesus e darem graças a Deus que os “regenerou para uma esperança viva pela Ressurreição de Jesus Cristo de entre os mortos” (1Pd 1,3). O domingo é, pois, o principal dia de festa a propor e inculcar no espírito dos fiéis; seja também o dia da alegria e do repouso. Não deve ser sacrificado a outras celebrações que não sejam de máxima importância, porque o domingo é o fundamento e o centro de todo o ano litúrgico²⁸⁸.

A partir do documento conciliar podemos perceber a dinâmica sacramental da assembleia litúrgica reunida no dia do Senhor para celebrar a Palavra e sua ação no mundo. De fato, a proclamação das Escrituras é, pois, a primeira e fundamental atividade dessa assembleia de batizados. Com efeito, a Palavra de Deus se torna o critério de discernimento para o povo de Deus na busca de sua identidade e missão. Nela está contido o projeto de Deus para a humanidade e a história, e é ela que revela os caminhos da salvação. Além disso, a Palavra é também a força motriz que impele o povo ao encontro com Deus e com os irmãos.

De fato, a proclamação das Escrituras é, pois, a primeira e fundamental atividade da assembleia litúrgica. Com efeito, a Palavra de Deus se torna o critério de discernimento para o povo de Deus na busca de sua identidade e missão. Nela está contido o projeto de Deus para a humanidade e a história, e é ela que revela os caminhos da salvação. Além disso, a Palavra é também a força motriz que impele o povo ao encontro com Deus e com os irmãos.

A assembleia litúrgica é construída em torno da Palavra, dada a sua capacidade edificadora, significativa e purificadora²⁸⁹. Destarte, esta Palavra é significativa na assembleia porque orienta a vida e comunica a graça do mistério

²⁸⁷ CNBB, doc. 52, n 31. “O domingo é uma instituição de origem especificamente cristã. Começou com a reunião dos primeiros cristãos para celebrar a memória da morte e ressurreição de Jesus Cristo que se deu no primeiro dia da semana. A celebração do Senhor ressuscitado e a ação de graças – Eucaristia – são os elementos essenciais do domingo cristão. Os irmãos reunidos oravam, escutavam a Palavra e eram alimentados com o alimento divino – fração do pão”.

²⁸⁸ SC 106

²⁸⁹ COLA, G. C., A reunião cristã como sacramento do desígnio divino de salvação, p. 36.

da salvação. Com base nisso, a Palavra de Deus é explicada, iluminada e aplicada à vida cotidiana, de modo a tornar-se instrumento de salvação para todas as pessoas.

Mas, como é que a Palavra de Deus se torna viva na Igreja? Como é que ela se torna um alimento que nos sustenta na vida cristã? A resposta para essas indagações pode ser evidenciada na assembleia litúrgica. Assim sendo, o contexto da assembleia litúrgica é onde a Igreja celebra o evento sacramental da Palavra de Deus. Assim sendo, podemos constatar na celebração uma relação entre a assembleia litúrgica e a Palavra de Deus. De modo efetivo, as Escrituras proclamadas na celebração eucarística são Palavra de Deus, pois, Deus fala na assembleia litúrgica mediante a proclamação da Palavra.

A Liturgia é, portanto, o espaço privilegiado de encontro com Deus. É o espaço onde Deus se faz presente e nos fala, onde podemos ouvir a sua Palavra e nos alimentarmos dela. A partir da perspectiva de que a assembleia litúrgica é o ambiente privilegiado da revelação de Deus, precisamos estar atentos àquilo que se diz na celebração eucarística, pois ali a Palavra nos é dirigida de forma sacramental.

A Igreja é o sacramento da presença de Deus. Em função disso, a assembleia litúrgica é o lugar onde Deus se revela e nos fala continuamente por meio de sua Palavra proclamada. Seguramente, é neste sentido que podemos falar de uma “Liturgia da Palavra”. Com efeito, a Liturgia é celebração da Palavra de Deus. Ela é a ocasião privilegiada para que Deus fale à sua Igreja e à humanidade. Em função disso, a assembleia pode ser compreendida como o lugar onde a Palavra de Deus se torna realidade para o “hoje” da vida da Igreja.

Ademais, a assembleia litúrgica é o lugar onde o povo de Deus se reúne, forma a Igreja e é transformado pela Palavra de Deus. De fato, a assembleia é a manifestação da presença de Deus no meio do seu povo pelo sinal da Palavra. Além disso, é também onde a dinâmica da bondade e da graça de Deus são reveladas em sua máxima expressão, aquela sacramental. Em função dessa dinâmica, todos são convidados a participar da mesma ação salvífica e redentora operada pelo Cristo na força do Espírito Santo.

A assembleia litúrgica é a mais distinta forma de expressão do povo de Deus. A partir de sua realidade histórico-salvífica, o mistério de Cristo é transmitido a todas as gerações pela ação celebrativo-sacramental da Igreja

reunida em assembleia. Em uma conjuntura mais ampla, toda a vida celebrativa da Igreja contempla a realidade de uma grande assembleia convocada e reunida pelo Senhor para escutar a sua Palavra e partilhar o pão. Ao considerarmos o enorme valor teológico da assembleia, cabe ainda ressaltar o quão renomado liturgista A. G. Martimort, sobre a importância da assembleia litúrgica na Tradição da Igreja:

O fato de que os cristãos se reúnem periodicamente para a oração é julgado, desde o começo da Igreja, como característica de seu gênero de vida, pelos que o descrevem aos pagãos. Os Atos dos Apóstolos frequentemente, com insistência digna de nota, se referem à comunidade reunida em oração. Paulo faz prescrições e apresenta reprimendas relativas à assembleia (1Cor 11 e 14). Uma vez terminado o fervor da primeira geração cristã, foi preciso insistir na necessidade de se reunirem em assembleias. Os pastores não se contentam em criticar os cristãos que desertam a assembleia, mas descrevem os benefícios que podem auferir os que dela participem²⁹⁰.

Em virtude disso, tamanha é a importância dada a assembleia litúrgica nos primeiros séculos da Igreja. Sendo assim, em função do fato da assembleia ser uma realidade fundamental para a comunidade dos cristãos, não podemos deixar de salientar que essa realidade se manifesta na história aquilo que a Igreja é em sua constituição. Em função da realidade histórico-salvífica da assembleia litúrgica, o corpo místico reunido participa da experiência redentora de seu Senhor de modo único. O culto cristão, entendido como celebração da obra de salvação pronunciada por Deus no Antigo Testamento e realizada em Cristo no Novo Testamento, expressa justamente o mistério da profunda relação existente entre o Deus que convoca o ser humano e o homem que responde a esta Palavra recebida.

Compreender o significado bíblico-litúrgico da Palavra de Deus na assembleia litúrgica é essencial para entendê-lo na dinâmica do diálogo com o Criador e, mais importante, no contexto de seu plano redentor de convocar, reunir, falar e salvar o seu povo. De fato, a salvação é o processo pelo qual Deus revela a sua obra de amor, misericórdia e justiça ao redimir e reconciliar o povo. Desse modo, a Liturgia cristã é o cumprimento da salvação realizada por Cristo na sua vida terrena, especialmente no mistério pascal²⁹¹.

Esse mistério é o ponto culminante da Revelação divina. Com efeito, a

²⁹⁰ MARTIMORT, A. G., *Estrutura e Leis da Celebração Litúrgica*, p. 96.

²⁹¹ MARTÍN, J. L., *No espírito e na verdade*, p. 79.

assembleia litúrgica cristã manifesta a salvação operada por Cristo em nosso favor e na história. Nela, os fiéis participam ativamente, não apenas ouvindo a Palavra de Deus, mas também dando o seu assentimento aquilo que Deus fala para o “hoje” da assembleia reunida. Desse modo, a assembleia litúrgica é a celebração da salvação em Cristo, na qual se manifesta a história de Deus com os homens. A partir dela, Deus se faz presente e age, realizando a salvação por meio de sua Palavra. A liturgia é, portanto, a celebração da presença e da ação de Deus na história dos homens por meio da Palavra proclamada.

Em virtude do que foi mencionado nos parágrafos anteriores, podemos afirmar que a salvação é manifestada na assembleia litúrgica pela proclamação das Escrituras e a pregação da Palavra de Deus. São através desses meios que o Senhor revela a si mesmo ao seu povo continuamente na celebração. Assim sendo, a partir da história da salvação vemos que Deus estabelece uma dinâmica de encontro e proximidade com o ser humano e se revela, participando assim, da vida do seu povo²⁹².

Cabe ainda ressaltar que o centro da experiência reveladora de Deus é o próprio Senhor que se preocupa com as pessoas e não é alheio a história, mas sim, seu verdadeiro condutor. Em função disso, podemos notar que o desenvolvimento progressivo das Escrituras nos mostra que a história é um lugar onde Deus encontra-se com seu povo²⁹³. Por consequência, essa realidade nos diz como o povo se relaciona com Deus à medida que ele convoca, reuni, fala e sela uma Aliança com o povo congregado em assembleia. É a partir dessa realidade que a Palavra divina se constitui como o sentido da assembleia. Segundo a perspectiva de J. L. Martín:

Essa Palavra divina dada aos homens espera sempre uma resposta. De fato, a Palavra de Deus convoca o povo (Ex 12; 20,1-2; Ap 12) e o constitui em assembleia pascal litúrgica (Ex 12; At 1-2; 1Pd 2,1-10), sacerdócio real e povo que lhe pertence, com a missão de anunciar a todo o mundo as obras de Deus²⁹⁴.

Em razão da perspectiva apresentada pelo autor, podemos dizer que a Palavra proclamada na assembleia ecoa nos corações de todos aqueles que acolhem a salvação ofertada por Deus. Essa perspectiva nos aponta para a enorme importância do conteúdo da revelação ao longo de todos os momentos da história,

²⁹²Gn 12, 1.

²⁹³DÍAZ, J. L. S., Introdução ao Antigo Testamento, p. 66.

²⁹⁴MARTÍN, J. L., No espírito e na verdade, p. 229.

sobretudo, no prolongamento dessa revelação na assembleia litúrgica. Assim sendo, com base na abordagem de A. Nocent podemos compreender o modo pelo qual a vida da Igreja gravita ao redor da dinâmica celebrativa da Palavra na assembleia:

Assim como não se pode considerar os sacramentos como se existissem em si mesmos, sendo a Igreja apenas deles depositária, também não se pode considerar a Sagrada Escritura como exterior à Igreja. “As Escrituras fazem parte de sua substância; são uma de suas estruturas essenciais”. E na Igreja que a Liturgia da Palavra sua atualidade viva e faz, de sua proclamação, uma intervenção atual de Deus, acontecimento para a Igreja e para o mundo que ela transforma²⁹⁵.

Tendo por base o que vivos, podemos utilizá-la como o ponto de partida que nos situa na dinâmica da assembleia litúrgica e sua relação com a Palavra de Deus proclamada. Para isso ser possível, precisamos antes situar a compreensão em torno da assembleia litúrgica como sinal fundamental da Igreja. Com efeito, como nos referencia de J. Gelineau, de fato, a assembleia litúrgica “é o primeiro sinal da presença atuante do Senhor a constituir e consagrar seu povo”²⁹⁶.

Em função disso, o mistério da assembleia litúrgica nos ajuda a perceber aquilo que o Concílio expõe quando diz: “a principal manifestação da Igreja se faz numa participação perfeita e ativa de todo o Povo santo de Deus na mesma celebração litúrgica”²⁹⁷. Em razão do mistério da assembleia e da teologia Conciliar podemos intuir, de modo preciso, que esta assembleia é essencialmente mistério da presença do Ressuscitado em vista da salvação, também por meio de sua Palavra.

A assembléia do povo de Deus é o lugar privilegiado onde Deus se revela, onde os homens podem contemplar a glória de Deus e onde Deus se comunica com os homens. Com efeito, é a Palavra que convoca e reúne a assembleia. A escuta e acolhida da Palavra de Deus na celebração é o fator que dá sentido para a Aliança de Deus com o seu povo. De fato, a Palavra de Deus é o fermento que transforma a vida do povo de Deus.

A partir da relação entre a assembleia litúrgica e a Palavra, podemos perceber que no mistério celebrado se encontra a maior expressão da dinâmica em torno da Palavra de Deus. Assim, é por meio dessa dinâmica celebrativa em torno da Palavra que é comunicada a natureza da Igreja. Na esteira dessa dinâmica

²⁹⁵ NOCENT, A., A leitura da Sagrada Escritura, p. 172.

²⁹⁶ GELINEAU, J., O mistério da assembleia, p. 45.

²⁹⁷ SC 41.

celebrativa é possível afirmar o modo pelo qual a participação do povo na assembleia litúrgica manifesta a natureza Igreja²⁹⁸.

A partir disso, podemos refletir sobre uma teologia da convocação por meio da Palavra. Levando em conta a reflexão da teologia em torno da Palavra, é necessário olhar de modo mais profundo para a celebração eucarística. É necessário olhar atentamente para a forma como a Igreja se reúne e como ela deseja ser, a partir daqueles que a compõem e do que a Palavra demonstra como caminho e perspectiva para o seu prolongamento no tempo e na história.

Em outras palavras, é necessário olhar para os princípios sobre os quais se constrói a Igreja, ou seja, para a sua identidade, a relação entre “*lex orandi-lex credendi*”²⁹⁹ a fim de estabelecer uma aproximação entre a Palavra e a assembleia litúrgica³⁰⁰. Uma vez que a Igreja foi convocada pela Palavra para viver em comunhão, é preciso reconhecer que o convite à participação na assembleia litúrgica é também um convite à partilha da Palavra e do pão e, também, à abertura ao outro por meio da Palavra. Desse modo, a celebração eucarística é a máxima expressão e o testemunho de uma vida plasmada pela Palavra de Deus.

Em virtude do que foi mencionado, é correto afirmar que a Liturgia é a ação de Deus e do seu povo reunido. Por isso, a celebração da Eucaristia é a ação central e culminante de toda a celebração litúrgica. Não há assembleia litúrgica sem celebração da Eucaristia, assim como não é possível que exista assembleia litúrgica sem a convocação por meio da Palavra de Deus.

De fato, Deus é o convocador da assembleia litúrgica por meio de sua Palavra, e é ele quem nos convoca a participar dela. Em função disso, a Palavra de Deus na celebração litúrgica não é uma atividade do povo, mas uma ação de Deus realizada pelo povo.

Tomemos como paradigma da relação entre a assembleia litúrgica e a Palavra de Deus a dinâmica de convocação do povo de Israel por meio das figuras dos profetas. No Antigo Testamento, a Palavra de Deus é a voz de Deus falando

²⁹⁸ SC 21.

²⁹⁹ Essa expressão, em latim “*Lex orandi, lex credendi*”, é um aforismo litúrgico que remonta ao século V e é frequentemente citado em documentos da Igreja para enfatizar a relação intrínseca entre a Liturgia e a fé. Ela significa que a maneira como se celebra, ou seja, a Liturgia, reflete o modo como se crê. Isso destaca a importância da fidelidade à tradição litúrgica e a necessidade de evitar mudanças arbitrárias nos ritos e textos litúrgicos que possam causar dissonância com as regras da fé. A autoria da frase é frequentemente atribuída a Próspero de Aquitânia, um teólogo e escritor cristão dos séculos IV e V.

³⁰⁰ BOSELLI, G., O sentido espiritual da Liturgia, p.102.

ao seu povo. Deus falou a Israel através dos profetas, e Israel foi o único povo a ter um livro de profetas. A Palavra de Deus se constitui como um guia para a vida de Israel, orientando-os sobre como viver em conformidade com a vontade de Deus.

Dito isso, o que mais nos importa aqui é o fato da Palavra de Deus ser o princípio ativo da convocação desse povo. Essa Palavra, profundamente identificada com os acontecimentos, é uma proposta divina capaz de transformar um grupo de exilados em uma nação santa, transformando um grupo anônimo em um reino de sacerdotes e profetas. De fato, a “escuta da Palavra de Deus é o que faz de Israel o povo de Deus”³⁰¹.

A Palavra de Deus é, portanto, uma palavra que une a assembleia convocada. Ao mesmo tempo, a Palavra de Deus desperta para o sentido e a realidade para a qual o povo reunido é convocado. Com efeito, o sentido da assembleia é sere constituir-se em comunidade, uma Igreja, em sua acepção mais elementar, ou seja, o sinal sagrado da epifania de Deus no meio de seu povo. Segundo a perspectiva do liturgista J. L. Martín, podemos constatar que:

Como todo sinal sagrado, a assembléia tem um significado e é, em si mesma, um significante. O significado da assembléia é a realidade misteriosa e transcendente da Igreja, corpo de Cristo, posta no mundo como sacramento da unidade. Como significante, é um grupo humano, uma reunião de crentes que estão juntos para celebrar. Esta finalidade afeta diretamente a participação dos fiéis na liturgia (...) ³⁰².

Decerto, a Palavra de Deus é a voz que não cessa de chamar ao encontro com o Senhor. É a Palavra de Deus na assembleia que interpela a comunidade e a convida a participar de sua vida. Com base no que temos visto até o momento, podemos afirmar que essa é a vocação da assembleia convocada: ser um povo que se reúne em torno da Palavra de Deus.

Essa assembleia litúrgica, se desenvolve e se realiza na celebração eucarística dominical. É no contexto da celebração eucarística que a unidade visível criada pelo “sinal sagrado” é dirigida a todos aqueles reunidos em assembleia. De fato, a assembleia é o lugar onde Deus continuamente se revela à Igreja através de sua Palavra. A partir disso, a Igreja se torna a expressão sacramental do culto a

³⁰¹ BOSELLI, G., O sentido espiritual da Liturgia, p.107.

³⁰² MARTÍN, J. L., No espírito e na verdade, p. 208.

Deus³⁰³.

Desse modo, a Liturgia é um convite, uma convocação, para que o povo de Deus se reúna para celebrar, louvar e adorar a Deus. Assim sendo, a Liturgia é a ocasião por excelência para o povo de Deus se reunir em torno da Palavra. A própria natureza da Liturgia exige que a assembleia litúrgica seja anunciada e convocada. Além disso, ela se configura a partir de um chamado para que o povo de Deus seja reunido para um encontro com Deus.

É nessa perspectiva de convocação da assembleia litúrgica que podemos compreender a dinâmica em torno da Palavra na celebração. A assembleia manifesta o momento de encontro com Deus, onde o povo de Deus se reúne para corresponder ao chamado da Palavra de Deus, ouvir a sua voz e para experimentar o mistério da sua presença na comunidade reunida. É por isso que “o anúncio da Palavra de Deus gera a Igreja e, por isso, a assembleia litúrgica é o ambiente vital e real das Escrituras”³⁰⁴.

É em assembleia litúrgica que o povo de Deus se reúne para ouvir o anúncio da salvação e para celebrar os mistérios de salvação. Com efeito, a assembleia litúrgica é a “fonte e o cume para a vida e a missão da Igreja”³⁰⁵. Ela é a fonte porque é em assembleia que todos os membros da Igreja são convidados a descobrir a sua identidade e missão como discípulos de Cristo ao ouvirem e acolherem a sua Palavra.

Além disso, se constitui como o cume porque a assembleia litúrgica é a expressão mais completa do culto prestado a Deus e a manifestação do amor e serviço aos outros. Desse modo, podemos destacar que é por meio da Liturgia que a Igreja é conduzida a refletir sobre a Palavra de Deus, celebrar a presença de Deus na Palavra e testemunhar essa mesma Palavra ao mundo.

Em função disso, podemos considerar que pela assembleia litúrgica o homem é inserido no coração do povo convocado pela Palavra ao celebrar o mistério da salvação. Desse modo, a assembleia litúrgica encarna a obra redentora de Cristo e a manifesta sacramentalmente, por meio do sinal da Palavra, em cada celebração eucarística. Na verdade, a Palavra de Deus na assembleia é uma verdadeira epifania da manifestação de Cristo em seu corpo que é a Igreja.

³⁰³ MARSILI, S., A Liturgia, culto da Igreja, p. 150.

³⁰⁴ BOSELLI, G., O sentido espiritual da Liturgia, p.107.

³⁰⁵ SC 10.

Com efeito, a assembleia é o sinal que manifesta a salvação por meio da dinâmica salvífico-sacramental proclamada nas escrituras³⁰⁶. Assim sendo, a assembleia litúrgica é chamada a ouvir a Palavra, a meditar nela e a abrir-se a ela. Na dinâmica celebrativa da assembleia ao redor da Palavra podemos encontrar o seu caráter e a sua essência.

Levando-se em consideração aquilo que temos visto, a assembleia litúrgica é, portanto, o local por excelência onde a Palavra de Deus é ouvida, recebida, meditada e, sobretudo, celebrada. Com base nisso, cabe destacar que na assembleia a Palavra de Deus é proclamada de forma ativa e eficaz. Nela, a Palavra desenvolve-se a partir do instante em que é proclamada e escutada, e é aplicada à vida dos fiéis por meio da oração do povo. A celebração eucarística compreende o momento onde a Palavra de Deus se torna realidade.

Seguindo a perspectiva da volta às fontes, proposta pela teologia conciliar, podemos constatar que para os Padres da Igreja a assembleia litúrgica é a marca constitutiva do povo de Deus. A concepção cristã sempre entendeu que a participação nas assembleias litúrgicas eram o sinal espiritual da presença do Senhor e da epifania da Igreja.

O testemunho dos Padres evidenciava que era inconcebível não observar o preceito dominical da assembleia litúrgica. Para eles a assembleia litúrgica é o centro da vida cristã. Sendo assim, a participação na assembleia sempre foi o caminho da comunhão, oração e experiência da Palavra. Além disso, o fato de reunir-se em assembleia é também um meio de expressar alegria e admiração pela presença de Deus entre seus filhos³⁰⁷.

A respeito da assembleia litúrgica e sua relação com o sinal da Palavra, J. Gelineau aponta que sempre há sentimentos sociais e religiosos que levamos homens a se reunirem em comunidades religiosas para rezar³⁰⁸. A partir desse ponto de vista, pode-se dizer que o ato de “estar junto” é a característica predominante da composição da assembleia.

A partir da referência ao autor citado, podemos eleger como paradigma fundamental a história do povo de Israel. Através da história desse povo, Deus fala

³⁰⁶ MARTÍN, J. L., No espírito e na verdade, p. 207.

³⁰⁷ ESPOSITO, S., Manuale de Liturgia, p. 279.

³⁰⁸ GELINEAU, J., O mistério da assembleia, p. 47.

e se revela por meio de uma dinâmica única e exclusiva³⁰⁹. Suas palavras são estruturadas como leis, como revelação e promessa de vida, exigindo um assentimento existencial e comunitário na fé da comunidade reunida em seu nome. Disso deriva a essência mistérico-sacramental da assembleia litúrgica como ícone da comunhão intratrinitária³¹⁰.

Se olharmos para a narrativa da salvação que é proclamada na celebração eucarística ao longo do Ano Litúrgico, podemos perceber que ela é o sinal do contínuo desejo de Deus em convocar e reunir o seu povo. As assembleias litúrgicas são, portanto, um dos lugares privilegiados da obra de Deus na história. Nela, o Senhor reúne seus filhos dispersos, restaura a comunhão entre eles e age para compartilhar com eles a vida divina.

Segundo o pensamento de G. C. Cola, o acontecimento do Sinai é o sinal primordial da manifestação e celebração da iniciativa de Deus em associar-se às pessoas, tornando-se “o sacramento da vocação salvífica de todos os povos”³¹¹ por meio da convocação e reunião do povo em assembleia. A partir disso, podemos ver que a evidência do autor está radicada em um dado litúrgico. A assembleia é o lugar onde Deus se faz presente e age para construir a comunidade. Nela, os fiéis são chamados a partilhar a vida em comum, a escutar a palavra de Deus e a celebrar os sacramentos. É o lugar onde se vive a comunhão fraterna e a solidariedade.

Em vista do que foi dito até aqui, o caminho de compreensão da relação entre a assembleia e a Palavra pode ser identificado tanto pela jornada inspirada por Deus do povo de Israel, que escreveu o testemunho da revelação na forma de palavras humanas inspiradas, quanto pelo caráter celebrativo que é a marca distinta desse povo. De fato, essa compreensão se faz presente na reflexão de A. Beckhauser a respeito do documento Conciliar sobre a Liturgia:

Assim como Cristo foi enviado pelo Pai, assim também Ele enviou os Apóstolos, cheios do Espírito Santo, não só para que, pregando o Evangelho a toda a criatura, anunciassem que o Filho de Deus, pela sua morte e ressurreição, nos libertara do poder de Satanás e da morte e nos introduzira no Reino do Pai, mas também para que realizassem a obra de salvação que anunciavam, mediante o sacrifício e os sacramentos, a volta dos quais gira toda a vida litúrgica. [...] Desde então, nunca mais a Igreja deixou de se reunir em assembleia para celebrar o mistério pascal: lendo “o que se referia a Ele em todas as Escrituras”(Lc 24,27), celebrando a

³⁰⁹ COLA, G. C., O sacramento-assembleia, p. 19.

³¹⁰ MAQUEDA, A. L., Espírito Santo e Liturgia, p. 81.

³¹¹ COLA, G. C., O sacramento-assembleia, p. 27.

Eucaristia, na qual “se torna presente o triunfo e a vitória da sua morte”, e dando graças “a Deus pelo Seu dom inefável (2Cor 9,15) em Cristo Jesus, para louvor da sua glória”(Ef 1,12), pela virtude do Espírito Santo³¹².

A partir do que o autor expõem, podemos concluir que a assembleia litúrgica manifesta a vontade de Deus em salvar o seu povo. De fato a assembleia litúrgica manifesta, por meio de palavras e ações, a realidade da graça salvífica de Deus. Com base nisso, podemos auferir que a Palavra é viva na Igreja, pois a assembleia litúrgica é o lugar fundamental da celebração do mistério revelado. Em virtude desse teológico-litúrgico, podemos perceber que fora da dinâmica sacramental da Palavra no mistério eclesial não se pode conceber a Palavra como realidade vivificada pelo Espírito, visto que, “fora do Espírito, que vive na consciência atual da Igreja, a Bíblia é apenas letra que mata”³¹³.

A característica principal da assembleia litúrgica é a celebração em torno da Palavra proclamada e sua natureza dialogal. Em virtude disso, a Palavra se faz sempre viva a cada vez que é proclamada na celebração, pois compreende o caráter sacramental de evento da salvação. Através da realidade sacramental da Palavra, ela se torna sempre sinal eficaz da presença dinâmica de Deus, que comunica o mistério da salvação na assembleia reunida em seu nome.

Ainda é oportuno recordar que a teologia litúrgica que emergiu do Concílio Vaticano II recordou aquilo que Santo Agostinho afirmava sobre a união entre a Palavra e o elemento material como constituição do sacramento³¹⁴. A partir disso, podemos concluir que os sacramentos são a visibilização da Palavra de Deus, e, portanto, não são celebrados fora do contexto da Liturgia da Palavra. A celebração da Eucaristia é, portanto, inseparável da proclamação da Palavra de Deus.

Desse modo, é na Liturgia da Palavra que a Escritura se faz Palavra de Deus, ou seja, se faz sacramento ao ser proclamada. Dito isso, a Liturgia da Palavra precede a Eucaristia e prepara a assembleia para selar a aliança no corpo e no sangue de Cristo. É por meio da Liturgia da Palavra que a assembleia ouve e medita a Palavra. Em razão disso que podemos afirmar que na Liturgia da Palavra se proclamam os textos bíblicos que fundamentam a celebração eucarística. A partir dela, os crentes também são convidados a responder a Deus com orações e cânticos.

³¹² BECKHAUSER, A., *Sacrosanctum Concilium*, p. 21-22.

³¹³ MAGRASSI, M., *Viver a Palavra*, p. 169.

³¹⁴ AGOSTINHO DE HIPONA, *Tratado sobre o Evangelho de João* 80,3, In: AL, p. 794.

À vista disso, podemos dizer que os textos bíblicos proclamados são de extrema importância na celebração litúrgica, pois, são a base do diálogo entre Deus e o povo. A estrutura dialógica da celebração litúrgica provém da mesma natureza dialógica da intervenção de Deus na história da salvação.

Deus fala ao seu povo através da proclamação da Sagrada Escritura. Por sua vez, a assembleia responde a essa Palavra proclamada através da oração e de cânticos, como nos mostram os textos bíblicos³¹⁵. Além disso, a Liturgia da Palavra se constitui como oração e diálogo com o Deus que fala na assembleia. Com efeito, a Palavra se faz oração da Igreja, é por meio dela que a Igreja fala e responde ao chamado do Senhor. Convém ressaltar que a Igreja, na sua oração litúrgica, é uma só voz composta de muitos indivíduos, que sob a forma de assembleia, são chamados a responder ao Senhor³¹⁶.

Em vista do que foi apresentado até o momento, podemos afirmar que a Palavra de Deus é a alma da assembleia litúrgica. Ela é aquela que é proferida no contexto da celebração litúrgica, e que tem um significado especial, pois é a Palavra que comunica a ação sagrada de Deus entre os homens. De fato, pela força da Palavra que a celebração litúrgica se faz toda ela sacramental, pois, é ela que dá sentido à celebração, orientando-a para o diálogo consciente da salvação oferecida por Deus. Por isso, é importante que os fiéis estejam bem preparados para a Liturgia da Palavra, conhecendo bem o texto das Escrituras e abrindo-se a escuta atenta da proclamação.

Dessa forma, nosso olhar se volta para a linguagem litúrgica, que é por excelência, a linguagem sacramental³¹⁷. A Palavra de Deus na assembleia relaciona os gestos rituais que a acompanham ao mistério (memorial) do próprio Cristo. Com efeito, a partir da proclamação da Palavra estamos declarando que o que é proclamado se tornará realidade no “hoje” da vida da Igreja reunida em assembleia. Através da Palavra Deus se comunica com as pessoas e nos liga ao mistério de Cristo, nos libertando da escravidão do pecado e proclamando a sua salvação.

Assim sendo, é possível afirmar que “a assembleia litúrgica é lugar

³¹⁵Ex 15,1-18,21; 1Sm 2,1-10; Dn 3,26-90; Jt 16,1-16; Lc 1,46-55; Lc 1,68-79; Lc 2,29-32.

³¹⁶ AUGÉ, M., Princípios de interpretação dos textos litúrgicos, p. 198.

³¹⁷GELINEAU, J., Em nossas assembleias, p. 147.

hermenêutico originário das Escrituras”³¹⁸, como aponta G. Boselli. Desse modo, a Palavra de Deus é, pois, a que é ouvida na assembleia litúrgica e que pode ser compreendida na medida em que se aprofunda na contemplação e na oração. De fato, o Verbo feito carne se manifesta na assembleia litúrgica e abre o caminho para a acolhida e compreensão da Palavra.

É por isso que o contexto da assembleia se torna o lugar originário da hermenêutica litúrgica da Palavra de Deus e o lugar do diálogo entre Deus e as pessoas. Nesse contexto, a Palavra de Deus torna-se viva e atuante na vida dos cristãos reunidos em assembleia. Em virtude disso, o contínuo desenvolvimento litúrgico-pastoral em torno da temática da assembleia se faz necessário para o progresso celebrativo de modo que possa corresponder a uma consciência mais efetiva e plena da celebração, sobretudo da importância da Palavra como fundamento da assembleia dos convocados.

³¹⁸ BOSELLI, G., O sentido espiritual da Liturgia, p.108.

4.2

A estrutura da Liturgia da Palavra na missa como caminho de interpretação da dinâmica pastoral em torno da Palavra

A Liturgia expressa o diálogo entre Deus e seu povo. Sendo assim, o anúncio da Palavra de Deus ocupa um lugar importante e original. De fato, a Liturgia cristã ritualiza a natureza do sacrifício oferecido por Cristo a Deus Pai para a salvação da humanidade e destina-se não apenas a adorar o Senhor, mas também a transmitir a graça divina à humanidade. A partir disso, podemos compreender que a Palavra na Liturgia assume um caráter sacramental em todas as ações rituais da Igreja. Deste modo, como afirma I. H. Dalmais, a proclamação da Palavra “no seio da Liturgia possui autoridade e virtude singular e única”³¹⁹.

De fato, a proclamação da Palavra na Liturgia é a manifestação de Deus. O mistério de Cristo é a verdade que temos de conhecer na Liturgia, por meio da Palavra. Por sua vez, o mistério de Cristo é o que possibilita a unidade entre a Palavra e a Liturgia.

Em função dessa realidade, a Liturgia cria as condições ideais para a proclamação da Palavra: a escuta atenta do Deus que nos fala na celebração e pela celebração. Pois, a Palavra de Deus, que é Deus mesmo, é celebrada na Liturgia. Logo, a Liturgia é o lugar da vida espiritual e, como tal, a Palavra de Deus é lembrada e proclamada na celebração por meio dos elementos que a constituem. De fato, ela pode ser traduzida na forma de um encontro com Deus, e a Palavra de Deus é a manifestação deste encontro como realidade sacramental.

Nesta etapa de nosso trabalho iremos abordar a temática a respeito da estrutura da Liturgia da Palavra de Deus. A partir dessa abordagem, veremos como ela manifesta a dinâmica celebrativa em torno da Palavra. Além disso, será oportuno destacar também a natureza dessa estrutura como marca distinta da celebração cristã. Com efeito, a Liturgia da Palavra não é apenas uma “ante sala” do mistério celebrado, mas corresponde a unidade entre o que se celebra e de que forma se celebra.

A título de iniciarmos a discussão, vejamos o que nos diz a Constituição Dogmática *Dei Verbum*: “a Palavra de Deus é a própria fonte de tudo o que deve ser comunicado ao povo, especialmente na Liturgia”³²⁰. Com base na afirmação

³¹⁹ DALMAIS, I. H., Teologia da Celebração Litúrgica, p. 216.

³²⁰ DV, 25.

do texto conciliar, podemos dizer que a natureza dialogal entre Deus e o povo reunido aponta diretamente para o próprio Jesus, que é central no caminho bíblico da salvação. Portanto, a Liturgia da Palavra relata continuamente a presença de Cristo nos atos litúrgicos. Em virtude disso, a Liturgia é a forma de expressão e de celebração do mistério da salvação. Por meio dela, a Palavra de Deus é proclamada e celebrada, conferindo aos fiéis a graça de Deus.

Através dessa presença, sempre viva e renovada por meio da ação do Espírito de Deus, a Palavra proclamada na celebração eucarística ressoa no coração de toda a Igreja. De fato, por meio de sua Palavra, Deus convoca e reúne o seu povo. Além disso, congrega-o em assembleia para que o povo possa ouvir e proclamar a sua Palavra. Assim sendo, a Igreja recebe esta Palavra como a Palavra do próprio Jesus, dando-lhe compreensão e significado à luz do Espírito. De fato, podemos dizer que essa é a compreensão que o texto Conciliar expressa quando aborda a importância das Sagradas Escrituras na celebração eucarística:

É enorme a importância da Sagrada Escritura na celebração da Liturgia. Porque é a ela que se vão buscar as leituras que se explicam na homilia e os salmos para cantar; com o seu espírito e da sua inspiração nasceram as preces, as orações e os hinos litúrgicos; dela tiram a sua capacidade de significação as ações e os sinais. Para promover a reforma, o progresso e adaptação da sagrada Liturgia, é necessário, por conseguinte, desenvolver aquele amor suave e vivo da Sagrada Escritura de que dá testemunho a venerável tradição dos ritos tanto orientais como ocidentais³²¹.

A partir do texto Conciliar podemos vislumbrar que o Concílio foi proclamado como uma grande assembleia para ouvir e anunciar a Palavra de Deus ao mundo. A presença de quatro elementos constitutivos da Liturgia da Palavra nas diferentes famílias litúrgicas é confirmada pelos documentos oriundos da reforma do Concílio Vaticano II:

A parte principal da Liturgia da Palavra é constituída pelas leituras da Sagrada Escritura e pelos cantos que ocorrem entre elas, sendo desenvolvida e concluída pela homilia, a profissão de fé e a oração universal ou dos fiéis. Nas leituras, depois desenvolvidas pela homilia, Deus fala a seu povo, desvela-lhe o mistério da redenção e salvação, e lhe oferece alimento espiritual; e o próprio Cristo, por sua palavra, torna-se presente em meio aos fiéis. O povo faz sua essa palavra divina com os cantos, e mostra sua adesão a ela com a profissão de fé; e, uma vez nutrido por ela, na oração universal faz súplicas pelas necessidades de toda a Igreja e pela salvação do mundo inteiro³²².

³²¹ SC 24.

³²² IGMR55.

Em virtude do que foi exposto, podemos afirmar que o objetivo da Liturgia da Palavra é que os fiéis ouçam a Palavra de Deus e meditem sobre ela. Para isso, se faz necessário a proclamação das leituras bíblicas, seguida de uma homilia, na qual se explique o significado das leituras. Além disso, é importante que os fiéis cantem os salmos e hinos, de forma a meditar a palavra de Deus. Por fim, é necessário que os fiéis façam a oração da assembléia, que é a oração de toda a Igreja, e a oração do sacerdote, que é a oração de Cristo.

Com efeito, cabe ainda ressaltar que os Evangelhos contêm a história dos atos e palavras de Cristo concernentes à nossa salvação, e esses atos e palavras são centrais para toda a história humana, especialmente a vida histórica de Jesus. Outrossim, “a proclamação do Evangelho constitui o ponto alto da Liturgia da Palavra”³²³. Vale destacar também que a valorização do anúncio do Evangelho é inserida no contexto litúrgico e serve de ponto de referência para outras leituras. A proclamação do Evangelho determina a seleção de outros textos para a primeira e segunda leituras³²⁴.

De fato, o Concílio Vaticano II reafirmou que a Sagrada Escritura é a fonte primária de toda a vida cristã e deu-lhe importância central para a vida da Igreja. Ademais, o Concílio foi responsável por enfatizar o papel da Escritura no ensinamento, na vida litúrgica e na proclamação da Igreja. Além disso, podemos afirmar que o Vaticano II foi o grande responsável por fazer com que a Palavra de Deus fosse mais acessível às pessoas³²⁵. A revalorização da Palavra na Liturgia e na vida dos fiéis é um compromisso constante da vida da Igreja a partir da reflexão conciliar. De fato, o objetivo do Concílio é que a Palavra de Deus seja ouvida, meditada, acolhida e vivida na assembleia litúrgica como evento sacramental da salvação.

Em virtude disso, a reforma conciliar nos recorda que nenhum sacramento pode ser celebrado alheio à Liturgia da Palavra. É necessário observar, sobretudo, que a Escritura contém a Palavra de Deus. Retomemos como paradigma fundamental a Liturgia da Palavra indicada no Evangelho de São Lucas (Lc 4, 16-22). Ela demonstra, de forma bastante elucidativa, os elementos que compõem a dinâmica celebrativa em torno da Palavra na sinagoga de Nazaré.

³²³ IGMR 60.

³²⁴ MARTÍN, J. L., *No Espírito e na Verdade*, p. 234.

³²⁵ AUGÉ, M., *Princípios de interpretação dos textos litúrgicos*, p. 198.

O episódio da pregação de Jesus na sinagoga de Nazaré [...] é a imagem de toda Liturgia da Palavra, pois lá nos são apresentados os quatro elementos constitutivos da Liturgia da Palavra judaico-cristã: a) a leitura dos textos bíblicos canonicamente recebidos; b) os textos bíblicos são proclamados como Palavra viva de Deus para “o hoje”; c) eles são dirigidos a uma assembleia que neles reconhece a própria identidade; d) a Liturgia se realiza sob a presidência de um responsável, que testemunha a autenticidade fundamental (para a Liturgia cristã a autenticidade apostólica) do que é lido. Esta é a dinâmica, através da qual o livro que contém a Palavra de Deus transmite esta Palavra à comunidade³²⁶.

Em suma, a reflexão conciliar demonstra que a Palavra de Deus sempre desempenhou um papel muito importante na celebração eucarística ao longo da história da Liturgia. Com efeito, ela é parte integrante da vida da Igreja, pois a Igreja é a resposta do povo de Deus ao ato convocador de sua Palavra através da história. Com base nisso, a Escritura é proclamada e compreendida na sua unidade fundamental, isto é, tomando Cristo como centro e referência constante para a salvação que Deus quis realizar e que foi preparada no Antigo Testamento e realizada na encarnação e na sua vida. É precisamente a partir desse acontecimento que se compreende o novo sentido dado à história e à realidade humana.

Desse modo, através da proclamação da Palavra, Cristo está presente na assembleia litúrgica. Ademais, a Palavra de Deus desperta e nutre a fé da comunidade eclesial. Sobre isso, Bento XVI afirma que, “a celebração da Eucaristia, cuja primeira parte é a Liturgia da Palavra, constitui a fonte e o ápice de tal leitura e meditação”³²⁷.

Com efeito, isso se torna um indicador para a reflexão dos elementos que compõem a dinâmica celebrativa. Em função disso, podemos compreender a Liturgia como a epifania do mistério de Deus. Assim sendo, essa realidade celebrativa é sacramentalmente disposta e se encontra de modo vasto e articulado na relação entre a Escritura e a Liturgia. Por isso, o binômio Liturgia e Palavra configuram-se como a expressão do mistério de Deus celebrado³²⁸. De acordo com o pensamento de I. Buyst, podemos compreender os dois momentos constitutivos do mistério pascal presentes na celebração eucarística como expressão dessa realidade sacramentalmente disposta na Liturgia da Palavra presente nas celebrações sacramentais:

³²⁶ BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 108.

³²⁷ AM 150.

³²⁸ BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 18.

Na liturgia, o mistério pascal de Jesus se faz presente, em toda a sua densidade e extensão, atuando no rito litúrgico, na celebração memorial, principalmente na celebração eucarística. É o mistério da fé presente na e pela ação ritual que inclui: a narrativa e interpretação dos fatos - Liturgia da Palavra - e as ações simbólicas relacionadas com esses fatos - Liturgia sacramental³²⁹.

A esse respeito, cabe dizer ainda que, essa é a grande intuição espiritual expressa pelos Padres da Igreja, tais como: Ambrósio de Milão, Teodoro de Mopsuéstia, João Crisóstomo e Cirilo de Jerusalém³³⁰. Neste cenário, o método utilizado para a interpretação das Escrituras era também utilizado para interpretar a Liturgia. Assim sendo, a Palavra de Deus é a fonte da compreensão mistagógica e as ações litúrgicas são o “sinal e presençado próprio Cristo, mistagogia viva e fecunda para a comunidade eclesial reunida em torno deste altar”³³¹.

Em virtude disso, é correto dizer que a Liturgia da Palavra manifesta o “desenvolvimento progressivo da história da salvação”³³². De fato, ela dá testemunho da relação de Deus com o povo. Com base no que foi exposto, cabe ainda dizer que a Palavra é a expressão de um acontecimento, ao mesmo tempo que é a expressão do mistério que se esconde por trás do acontecimento³³³. Como nos aponta o grande liturgista, C. Vagaggini:

A Palavra de Deus é o primeiro e máximo sinal do qual se serve a Liturgia, seja a de instituição divina, seja a de instituição eclesiástica. Na substância mesma dos sacramentos, a palavra é o coeficiente que determina (forma) o sentido do elemento que faz as vezes da matéria determinável³³⁴.

A partir dessa consideração de C. Vagaggini, pode-se referenciar a Palavra como a expressão litúrgica que aproxima o sinal daquilo que ele significa. Desse modo, a consciência em torno do anúncio e da escuta litúrgica da Palavra sempre foi um fator determinante desde os primeiros séculos da Igreja³³⁵. Certamente, disso decorre que a celebração eucarística possui sua estrutura básica radicada na Mesa da Palavra e na Mesa da Eucaristia³³⁶. A realidade da relação entre as duas mesas pode ser notavelmente percebida nas primeiras comunidades cristãs, onde

³²⁹ BUYST, I., SILVA, J. A., O Mistério celebrado, p. 82-83.

³³⁰ MAZZA, E., A mistagogia, p. 14.

³³¹ COSTA, R. F., A centralidade da Palavra de Deus na dinâmica mistagógica, p. 123.

³³² MARTÍN, J. L., A Liturgia da Igreja, p. 157.

³³³ MAGRASSI, M., Viver a Palavra, p. 109.

³³⁴ VAGAGGINI, C., O sentido teológico da liturgia, p. 63.

³³⁵ DE ZAN, R., Os múltiplos tesouros da única Palavra, p. 10.

³³⁶ DV, 21.

os cristãos eram unânimes no “ensino dos apóstolos, na comunhão, no partir do pão e na oração”³³⁷.

Com efeito, o livro dos Atos dos Apóstolos atesta repetidas vezes que a comunidade cristã é difundida e animada pela pregação da Palavra do Ressuscitado. Decerto, a Escritura proclamada liturgicamente mostra o desenvolvimento econômico de Deus realizado no Evangelho de Jesus Cristo³³⁸. Disso decorre que a proclamação da Palavra de Deus segue o modo de proclamar e interpretar as Escrituras do próprio Cristo. Ou seja, põe em primeiro lugar o mistério da ressurreição e a partir daí explica todos os fatos e palavras que completam a história e o conteúdo da salvação³³⁹.

Com base no que foi exposto até aqui, veremos a seguir de que modo a proclamação da Palavra ocorre e o que ela significa para a assembleia que a escuta e a acolhe. Para isso ser possível, não podemos compreender a proclamação dissociada do seu ofício ministerial. De fato, a proclamação da Palavra sempre foi considerada como um ato essencial da Liturgia.

A Liturgia da Palavra pode ser compreendida como a celebração do acontecimento salvífico narrado pelas Escrituras. De tal forma que a proclamação da Palavra de Deus em várias leituras estão entrelaçadas com a sua dinâmica centrada em Cristo, com toda a sua riqueza e abertura³⁴⁰. Isso nos proporciona uma compreensão mais profunda da Escritura e de seu sentido litúrgico. De fato, ela é principalmente História Sagrada, testemunho das relações de Deus com o seu povo. Assim sendo, a Liturgia da Palavra, pela sua própria natureza, favorece sempre a comunhão. Por meio dela Deus fala à Igreja e a Igreja responde na forma de oração. Com base nisso podemos afirmar que a Palavra é a expressão do acontecimento, ao mesmo tempo que é a expressão do mistério que se esconde por trás do acontecimento³⁴¹.

A partir dessa consideração de C. Vagaggini, pode-se referenciar a Palavra como a expressão litúrgica que aproxima o sinal daquilo que ele significa. Com efeito, a Escritura proclamada liturgicamente mostra o desenvolvimento

³³⁷ At 2, 42.

³³⁸ DV 2; 4; 7.

³³⁹ MARTÍN, J. L., A Liturgia da Igreja, p. 157.

³⁴⁰ ARGÁRATE, P., A Igreja celebra Jesus Cristo, p. 96.

³⁴¹ MAGRASSI, M., Viver a Palavra, p. 109.

econômico de Deus realizado no Evangelho de Jesus Cristo³⁴². A proclamação da Palavra de Deus é sempre feita à semelhança do modo como o próprio Cristo, os Apóstolos e os Padres Igreja utilizaram as Escrituras. Assim sendo, o modo de ler e interpretar as Escrituras está fundamentado no mesmo modo de ser e celebrar a Liturgia³⁴³.

Desse modo, a proclamação da Escritura na assembleia revela assim o desenvolvimento gradual da história da salvação, que possui seu termo em Cristo e continua mediante a ação litúrgica da Igreja³⁴⁴. Com efeito, a Palavra de Deus é a “luz que orienta os passos do fiel” como apresenta o salmo 119, e, portanto, é importante que o povo ouça e receba as Escrituras com a devida reverência e respeito.

Em virtude disso, é correto destacar que o Concílio Vaticano II colocou em evidência a centralidade da Palavra de Deus para a vida litúrgica da Igreja. Em razão dessa centralidade, a proclamação da Palavra de Deus é, portanto, uma ação litúrgico-sacramental. De fato, como apresenta R. Lemos, “as leituras bíblicas são a chave da estrutura da celebração para motivar a assembleia à escuta e à compreensão da ação de Deus na vida do fiel”³⁴⁵.

Essa ação é mediada por sinais que estão sempre voltados para a dinâmica ritual da Palavra na celebração. Mas o que isso significa? Para responder a essa questão é preciso analisarmos um aspecto importante da celebração cristã: o sentido do rito³⁴⁶.

Em função disso, a relação entre rito e liturgia tem sido muitas vezes compreendida como algo externo às pessoas e que elas têm de fazer apenas por obrigações sociais ou religiosas. O rito não deve ser compreendido apenas como um conjunto de normas, mas também como uma forma de expressão e comunhão da experiência humana, pois, ele exprime certos valores fundamentais duma

³⁴² DV 2; 7.

³⁴³ MAGRASSI, M., Viver a Palavra, p. 60.

³⁴⁴ MARTÍN, J. L., A Liturgia da Igreja, p. 157.

³⁴⁵ LEMOS, R., Do rito ao anúncio da Palavra, p. 53.

³⁴⁶ ALDAZÁBAL, J., Vocabulário básico de Liturgia, p. 321-322. “Denominam-se ‘ritos’ os gestos e textos que exprimem e configuram uma ação sagrada. A palavra latina *ritus* poderá derivar do sânscrito *riti* (disposição costume, modo de se conduzir). Assinala-se com ritos a nossa atuação na ação sagrada, diante de Deus e da comunidade. Ao longo da história, a palavra ‘rito, ritos’ foi muitas vezes sinônimo de ‘Liturgia’. Com efeito, a liturgia tem muito de ritualidade, com linguagem de gestos e ações muito em consonância com o sistema cultural de um povo, e que nos ajudam a exprimir o que senti mos e celebramos. Pelo perigo de esse sentido se associar demasiado ao seu aspecto exterior ou cerimonial, atualmente preferem-se as expressões ‘celebração’ ou ‘ação litúrgica’ (SC 7.26.112).

cultura, envolvendo todos os sentidos (visual, auditivo, olfativo). Os rituais são necessários aos seres humanos pois são expressão do entendimento da realidade e, além disso, são essenciais para o universo próprio da religião. Um ritual é uma versão de um ato simbólico ou símbolo³⁴⁷. A Liturgia da Palavra faz parte deste universo ritual. De fato, ela permite-nos entrar em comunhão e diálogo com Deus por meio da dinâmica celebrativa, sobretudo pela união da palavra com os gestos litúrgicos.

É a partir disso que a proclamação da palavra de Deus e a resposta da igreja, através da liturgia da palavra, formam o eixo de toda a dinâmica celebrativa, sem subestimar a liturgia como serviço externo, comunicativo, expressivo e sacramentalmente eficaz³⁴⁸.

Esse breve panorama teológico a respeito da Palavra de Deus nos leva a considerar o Lecionário³⁴⁹, ou seja, a Bíblia litúrgica que contém a Palavra de Deus como um sinal sacramental. De fato, ele não é um simples instrumento da celebração, mas sim o sinal sacramental da presença do Senhor na assembleia litúrgica. Isso demonstra que a Palavra de Deus é a chave para a experiência litúrgica. Nesse sentido, a Liturgia da Palavra é, sobretudo, um diálogo entre Deus e o seu povo. Disso decorre que, mediante a escuta atenta e profunda da Palavra o povo de Deus é nutrido através da presença de Cristo na celebração eucarística.

Além disso, o lecionário também nos faz recordar que o ministro ordenado não celebra sozinho. Com efeito, ele é o presidente da comunidade reunida para a celebração cristã para difundir a Palavra de Deus em todas as circunstâncias³⁵⁰. A Palavra de Deus é, assim, como uma esfera de luz divina que, pela sua profundidade, ilumina a mente, eleva a alma e aperfeiçoa a vida e torna a pessoa capaz de refletir a beleza de Deus. Esta mesma Palavra é um convite para a comunhão, ao mesmo tempo que um desafio para a conversão. De fato, acolher,

³⁴⁷ FLORISTAN, C., *Prática da pastoral litúrgica e sacramental*, p. 454.

³⁴⁸ MARTÍN, J. L., *No Espírito e na verdade*, p. 189.

³⁴⁹ SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA, *O livro do leitor*, p. 191. “O Concílio Vaticano II afirma, diversas vezes, que a Igreja tem um grande amor e uma confiança inabalável na palavra de Deus. Estes dois sentimentos incitam-na a procurar, nos livros da Bíblia, o conhecimento da Verdade e o alimento espiritual da fé cristã, e levaram-na a tomar a decisão de restaurar uma leitura ‘mais abundante, variada e bem adaptada da Sagrada Escritura nas celebrações litúrgicas’ (SC 35; EDREL 2089) em geral e na missa em particular: ‘Prepare-se para os fiéis, com maior abundância, a mesa da palavra de Deus: abram-se mais largamente os tesouros da Bíblia, de modo que, dentro de um período de tempo estabelecido, sejam lidas ao povo as partes mais importantes da Sagrada Escritura’ (SC 51; EDREL 2105)”

³⁵⁰ Ef 4, 11-12.

celebrar e viver a vida no ritmo da Palavra compreende a mais profunda experiência do mistério de Cristo.

A celebração da Palavra narrada no Evangelho de Lucas³⁵¹, tem um significado muito especial para nossa reflexão, pois, o próprio Jesus intervém como leitor. As celebrações cristãs relacionam-se estreita e diretamente com os ofícios da sinagoga judaica do sábado pela manhã, como evidencia a primeira Apologia de São Justino Mártir:

E, no chamado dia do Sol, reúnem-se num mesmo lugar todos os que moram nas cidades ou nos campos, e lêem-se, na medida em que o tempo o permite, as memórias dos Apóstolos e os escritos dos Profetas. [...] Quando o leitor termina, o presidente toma a palavra para fazer uma exortação, convidando os presentes a imitar tão belos ensinamentos³⁵².

Essa compreensão litúrgica da dinâmica da Palavra serve de base para considerarmos um sentido mistagógico da dinâmica ritual em torno do Lecionário. Na conhecida perícope lucana trabalhada no primeiro capítulo de nosso trabalho, Jesus identifica-se como a Palavra de Deus, mas também como aquele que a ensina. O contexto sinagoga, como pudemos observar, é um importante referencial que ajuda a compreender a estrutura da celebração da Palavra de Deus e, sua herança proveniente do universo litúrgico judaico³⁵³.

Após a Reforma Litúrgica do Concílio Vaticano II, a proclamação da Palavra de Deus nas várias assembleias litúrgicas foram apresentadas na linguagem viva do povo, aumentando muito a compreensão bíblica para todos.. De fato, até o Concílio Vaticano II, a Liturgia da Missa era chamada de “Missa doutrinal”, e para a teologia moral bastava ouvir a Missa e entrar na Igreja naquele momento para cumprir o mandamento solene dominical³⁵⁴. É conveniente ressaltar também que o Concílio Vaticano II propôs uma ampla e necessária reforma litúrgica, proporcionando ao povo cristão o mais amplo acesso possível à Sagrada Escritura, eles expressaram com vigor na Constituição *Sacrosanctum Concilium*. Tendo em vista essa profunda reforma do lecionário proposta pelo Concílio, o documento Conciliar sobre a Liturgia assim destaca:

É enorme a importância da Sagrada Escritura na celebração da Liturgia. Porque é a

³⁵¹Lc 4, 16-22.

³⁵² JUSTINO, Apologia I, 67, 3-4, In: AL, p. 140.

³⁵³MELO, J. R., A Missa e suas partes, p. 36.

³⁵⁴ DE ZAN, R., Os múltiplos tesouros da única Palavra, p. 54.

ela que se vão buscar as leituras que se explicam na homilia e os salmos para cantar; com o seu espírito e da sua inspiração nasceram as preces, as orações e os hinos litúrgicos; dela tiram a sua capacidade de significação as ações e os sinais. Para promover a reforma, o progresso e adaptação da sagrada Liturgia, é necessário, por conseguinte, desenvolver aquele amor suave e vivo da Sagrada Escritura de que dá testemunho a venerável tradição dos ritos tanto orientais como ocidentais. [...] Seja mais abundante, variada e bem adaptada a leitura da Sagrada Escritura nas celebrações litúrgicas. [...] Prepare-se para os fiéis, com maior abundância, a mesa da Palavra de Deus: abram-se mais largamente os tesouros da Bíblia, de modo que, dentro de um período de tempo estabelecido, sejam lidas ao povo as partes mais importantes da Sagrada Escritura³⁵⁵.

Em função disso, na Palavra a presença do Senhor é enfatizada ao honrar as escrituras, especialmente o Evangelho. Tudo isso pretende representara realidade maravilhosa do anúncio da salvação na Liturgia. Através da Palavra proclamada, a verdadeira “epifania” do Senhor realiza-se na assembleia.

Em síntese, para que a Palavra seja corretamente proclamada e compreendida, deve ser pronunciada de forma clara e audível. Na Liturgia são proclamadas as leituras e, dentro delas, é anúncio das maravilhas de Deus para seu povo, possibilitando abertura e oração. Deste modo, toda a ação ritual-celebrativa da assembleia está inbuída desta dinâmica ao redor da Palavra³⁵⁶.

Com base nisso, a proclamação das leituras bíblicas é responsabilidade de todas as pessoas ali presentes, não apenas dos leitores, mas é importante destacar o canto, a oração e a pregação. Neste sentido, a proclamação das leituras é uma ação litúrgica, meditando os conteúdos da Palavra chamada para ser usada nas diversas circunstâncias que a vida oferece.

Em função disso, retomamos aqui ao texto já abordado do evangelho de São Lucas, onde o hagiógrafo nos mostra como Jesus fez essa prática de leitura das Escrituras na Sinagoga de Nazaré, dando como exemplo para que as pessoas busquem Deus de coração. De fato, as leituras são importantes para a formação das pessoas através da oração, catequese e conhecimento das Escrituras. Efetivamente, por meio delas a comunidade pode traduzir para cada contexto e realidade o caráter profundo dos textos sagrados.

Portanto, a Liturgia da Palavra está amplamente sustentada pelo testemunho das Escrituras e pela Tradição da Igreja. Desse modo, a proclamação litúrgica da Palavra sempre será considerada como um solene anúncio das maravilhas de Deus realizadas em função de seu povo. Além disso, constitui-se como um verdadeiro

³⁵⁵ SC, 24.35.51.

³⁵⁶ LG, 12.

sinal da salvação operado no “hoje” das assembleias reunidas em seu nome. Outrossim, a celebração em torno do sinal da Palavra é a expressão do agir salvífico de Deus no mistério de sua autocomunicação.

Com efeito, as celebrações litúrgicas colocam a Palavra de Deus no centro. Dessa forma, podemos compreender que a Liturgia da Palavra é central na celebração da Eucaristia. Nela, Deus se faz presente e nos comunica o seu amor por meio da proclamação da Palavra. Assim sendo, a Igreja reunida compromete-se a ouvir a Palavra de Deus e viver por ela.

Desse modo, a dinâmica celebrativa em torno da Palavra visa estabelecer um diálogo entre Deus e a assembleia. Efetivamente, essa dinâmica se baseia em estruturas orgânicas que dão sentido e motivação à presença da Palavra de Deus no centro da ação celebrativa da Igreja³⁵⁷. De fato, como afirmam L. Maldonado e P. Fernández, a Palavra na celebração se manifesta de diversos modos. Por certo, essa Palavra convoca, é eficaz, diferenciada, dinâmica e salvífica, ordenada, celebrada e proclamada³⁵⁸.

Em virtude disso, a importância do ato celebrativo de proclamar a Palavra é tão significativo que foi considerado como um dos atos fundamentais da Liturgia, de tal modo que na celebração eucarística a Palavra de Deus é feita oração por meio da proclamação. A partir disso, podemos dizer que a Igreja é a comunidade dos que crêem na Palavra de Deus e procuram viver segundo ela. De fato, esse fazer-se oração na Liturgia é algo fundamental para compreendermos a dinâmica salvífica da proclamação da Palavra, pois, dilata o coração para a ação do Espírito de Deus:

Escutadas na Liturgia, as leituras bíblicas assumem um sentido novo e mais forte do que quando lidas em outros contextos. Não têm tanto a finalidade de conhecer melhor a Bíblia, como quando é lida em casa ou em uma escola bíblica, quanto a de reconhecer aquele que se faz presente no partir o pão, de iluminar a cada vez um aspecto particular do mistério que está por se receber. Isto aparece, de modo quase programático, no episódio dos dois discípulos de Emaús. Foi escutando a explicação das Escrituras que o coração dos discípulos começou a se abrir, de modo que foram depois capazes de reconhecê-lo “ao partir o pão” (Lc 24,1ss.). A de Jesus ressuscitado foi a primeira “Liturgia da Palavra” na história da Igreja!³⁵⁹.

A partir do que vimos até aqui, podemos destacar de que modo a estrutura da Liturgia da Palavra favorece a compreensão em torno da celebração

³⁵⁷ LEMOS, R., Do rito ao anúncio da Palavra, p. 52.

³⁵⁸ MALDONADO, L., Como se celebra, p.188-194.

³⁵⁹ CANTALAMESSA, R., A Liturgia da Palavra, 2022.

eucarística. Com efeito, ela pode ser entendida através do modo pelo qual a Igreja realiza este ato litúrgico e dele participa sacramentalmente. Em função disso, a Liturgia é o momento histórico da salvação no qual toda a assembleia é santificada e salva pela Palavra. Disso decorre dizer que não há celebração eucarística sem a Palavra, assim como não há história da salvação sem a Palavra de Deus.

Desse modo, podemos dizer que a proclamação da Palavra ocupa um lugar de destaque dentro da celebração litúrgica. Disso decorre que não é suficiente a simples leitura de um texto bíblico, mas sim a proclamação que acontece dentro do contexto de uma assembleia. Em função disso, “a proclamação litúrgica da Palavra de Deus exige o exercício do ministério ou serviço da Palavra”³⁶⁰. Com efeito, a Igreja procura instituir ministros aptos ao serviço da Palavra, os quais sejam capazes de anunciá-la com fidelidade e competência. Isso revela o profundo senso de reverência ao anúncio da Palavra nas celebrações litúrgicas.

Assim sendo, vamos abordar a seguir a dinâmica ministerial da Palavra de Deus na celebração eucarística e a enorme importância do ministério do leitor como serviço de todos os batizados à dinâmica sacramental da Palavra.

³⁶⁰MARTÍN, J. L., No Espírito e na Verdade, p. 242.

4.3

O ministério do leitor e o lugar teológico da Palavra na celebração litúrgica como proposta de uma ação pastoral

Neste tópico de nosso trabalho vamos abordar elementos bastante expressivos que emergem da renovação Conciliar. São eles: a ministerialidade a serviço da Palavra na Liturgia e o “lugar teológico”³⁶¹ da Palavra na celebração. Desse modo, poderemos explorar o sentido da teologia que envolve o ministério do leitor e algumas considerações sobre o exercício dessa prática pastoral e litúrgica. Além disso, não podemos considerar o leitor a parte do “espaço” da proclamação da Palavra. Para isso ser possível, veremos também de que modo a teologia litúrgica a respeito da Mesa da Palavra configura-se como esse espaço teológico da ação da Palavra em sua expressão ministerial.

Assim sendo, podemos eleger como paradigma inicial para nossa discussão a respeito do ministério do leitor, a história do chamado profético de Isaías (6,1-13). Ela servirá de base para evidenciarmos uma “teologia do leitor” na Liturgia da Palavra. Em função da história do chamado profético de Isaías, podemos constatar que na perícopes em questão, Deus é retratado como um rei, sentado na glória de sua morada, cercado por uma corte de anjos que sempre proclama sua santidade (Is 6,1-3). Ao ouvir os clamores dos anjos, Isaías sente uma crise existencial e, acreditando em sua própria pequenez, grita: “Ai de mim, estou perdido! Sou homem de lábios impuros, e vivo no meio de um povo de lábios impuros. E meus olhos viram o Rei, Iahweh dos Exércitos” (Is 6,5).

Nota-se imediatamente na sequência que o profeta é purificado para transmitir a Palavra de Deus. Em seguida, Isaías escuta outra voz dizendo: “Quem enviarei, quem irá por nós?” (Is 6,8). Em cada corte celestial ninguém pode ir e falar em nome de Deus, exceto o pobre Isaías, que, sabendo que era sua inevitabilidade, clama: “Eis-me aqui, envia-me!” Então Deus informa ao seu porta-voz que ele é. deve declarar (Is 6,9-13). O profeta então entende que sua missão é comunicar a Palavra de Deus à sua nação³⁶².

Essa narrativa do livro de Isaías, com base na explanação de C. Giraudo, é

³⁶¹ Tratar a Liturgia como um lugar teológico (*locus theologicus*) é uma tarefa complexa. A Liturgia não é apenas o lugar teológico, mas também a fonte da teologia, sobretudo a teologia da Palavra. Não é do nosso intento explorar toda a riqueza que essa expressão traz consigo, apenas veremos de forma bastante bre o seu significado aplicado ao local onde a Palavra de Deus é proclamada, ou seja, o ambão.

³⁶² GIRAUDO, C., Ascolta, Israele! Ascoltaci, Signore, p. 51.

um texto de enorme importância para o entendimento de uma teologia do leitor³⁶³. Deus é retratado como um rei soberano, mas também como um Deus de amor que está disposto a usar até mesmo os pecadores para cumprir sua vontade. De fato, Ele tem muito a dizer porque é um rei que sabe governar e, portanto, governa seu povo com amor e sabedoria.

No entanto, Deus Pai não tem boca para falar. Desse modo, é nesse contexto que podemos perceber o papel insubstituível do profeta: “Eis-me aqui, envia-me a mim”. Dessa forma, o profeta Isaías empresta sua boca para a nunciar a Palavra de Deus. Em função disso, podemos dizer que de modo semelhante isso ocorre no caso da Liturgia da Palavra pelo ministério dos leitores.

Assim sendo, o papel do leitor é proclamar a Palavra de Deus de maneira totalmente compreensível, “com dignidade e clareza” para a assembleia³⁶⁴. O serviço do leitor consiste não apenas em ler o texto, mas sim em proclamar a Palavra de maneira que seja inteligível à assembleia. De fato, o leitor precisa ter a consciência de que a Palavra de Deus é viva e atuante e que a Igreja é chamada a fazer a sua proclamação.

Dito isso, podemos constatar que a Palavra de Deus é o alimento espiritual que o conduz à salvação. O leitor, portanto, é um agente da Palavra de Deus, que age em nome d’Ele e para o seu Reino. Com efeito, na Liturgia da Palavra ele é o sujeito da ação de Deus. Ele é chamado a ser um leitor da Palavra de Deus, que a proclama com reverência e respeito, para que os fiéis possam escutá-la e colocá-la em prática em suas vidas. Sobre o ministério do leitor na Liturgia da Palavra, assim explicita o IGMR:

“Na celebração eucarística o leitor tem um ministério próprio, reservado a ele, ainda que haja outro ministro de grau superior”. É preciso dar a devida importância ao ministério do leitor, conferido por ato litúrgico. Os que foram instituídos como leitores, se os houver, devem exercer sua função própria, pelo menos nos domingos e festas, durante a Missa principal. Além disso, pode-se confiar a eles o encargo de ajudar na organização da Liturgia da Palavra e de cuidar, se for necessário, da preparação de outros fiéis que, por designação temporânea, devem fazer as leituras na celebração da missa³⁶⁵.

Com efeito, o leitor deve aprender a proclamar a Palavra de Deus de forma clara e precisa, com a devida autoridade e reverência, para que a mensagem seja

³⁶³ GIRAUDO, C., *Ascolta, Israele! Ascoltaci, Signore*, p. 52.

³⁶⁴ PALUDO, F., *A Palavra de Deus na Celebração*, p. 168.

³⁶⁵ IGMR 51.

transmitida corretamente. Em função disso, o leitor é encorajado a perscrutar o sentido do texto que está proclamando. De fato, é um verdadeiro anúncio solene das maravilhas que Deus realizou e realiza no seio da assembleia reunida em seu nome.

Disso decorre que, antes de tudo o leitor precisa ser escutado. Em virtude dessa escuta, a Igreja utiliza o modo de proclamação da Palavra de Deus como uma expressão sacramental e pedagógica necessária para desenvolver na assembleia a capacidade de escuta da Palavra e de pô-la em prática na vida da Igreja³⁶⁶. Em conformidade a isso, há a necessidade do leitor também ser compreendido. De fato, aquele que proclama a Palavra na assembleia deve ser uma pessoa de fé, ou seja, uma pessoa que, à luz da fé, crê em Deus e segue a Jesus Cristo, Palavra eterna do Pai.

Portanto, isso significa que, ela crê na Palavra de Deus e procura viver de acordo com ela. A maneira de ser ouvido e compreendido é, antes de tudo, a de ser uma pessoa que tem fé. A fé é a virtude que nos possibilita a abertura para ouvir, compreender e seguir a Palavra de Deus. Por meio dela nos tornamos amigos de Deus, pois, reconhecemos que esta é a relação instaurada pelo diálogo salvífico na celebração eucarística.

Com base no que foi dito, cabe ressaltar um dado muito importante para o ministério do leitor que advém da renovação conciliar. Certamente, o Concílio Vaticano II sentiu a necessidade e a urgência de redescobrir o sentido dos ministérios litúrgicos como expressão da ministerialidade do povo de Deus na assembleia.

Sobre isso, em várias ocasiões o Concílio destacou a importância da participação ativa e plena nas celebrações litúrgicas. De fato, a mais expressiva observação que podemos destacar é o que nos diz o texto da *Lumen Gentium* sobre o sacerdócio ministerial e o sacerdócio comum:

Na verdade, os batizados, pela regeneração e pela unção do Espírito Santo, são consagrados para serem casa espiritual, sacerdócio santo, para que, por meio de todas as obras próprias do cristão, ofereçam oblações espirituais e anunciem os louvores daquele que das trevas os chamou à sua admirável luz (1Pd 2, 4-10). [...] O sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial ou hierárquico, embora se diferenciem essencialmente e não apenas em grau, ordenam-se mutuamente um ao outro; pois um e outro participam, a seu modo, do único sacerdócio de Cristo³⁶⁷.

³⁶⁶ LEMOS, R., Do rito ao anúncio da Palavra, p. 54.

³⁶⁷ LG 34.

Na esteira da reflexão a respeito da ministerialidade a serviço da Palavra na Liturgia, o termo sacerdócio comum dos fiéis tem sido utilizado para descrever o ensino do Concílio Vaticano II a respeito do ministério de todos os fiéis. Esse termo é utilizado para indicar o que o Concílio ensinou em vários lugares em suas constituições e decretos³⁶⁸.

É certo dizer que o sacerdócio comum dos fiéis é, essencialmente, existencial e litúrgico, capacitando os batizados a oferecer sacrifícios espirituais a Deus através da participação no culto. O caráter existencial e litúrgico é conferido pelo Batismo, onde os fiéis são chamados a serem sacerdotes, profetas e reis. Desse modo, a Igreja é constituída como um reino de profetas, de sacerdotes e de reis.

A partir disso, podemos perceber que a proclamação da Palavra de Deus é um ato litúrgico que pertence a toda a Igreja. Cada membro da assembleia é chamado a participar ativamente da proclamação da Palavra, de acordo com a sua função e estado, mas sobretudo, em função do *múnus* batisbal. Com efeito, essa é uma participação fundamental no sacerdócio de Cristo através do dom do Espírito Santo em todos os batizados. Assim sendo, a celebração eucarística é o coração e o centro da vida ministerial cristã, pois é o lugar onde a comunidade cristã se reúne e é animada pela Palavra de Deus.

Hoje, a partir da observação de algumas realidades paroquiais brasileiras, pode-se perceber com notável incidência uma expressão corriqueira em que se diz que os sacerdotes “celebram” a Missa e os fiéis apenas à “assistem”. Essa expressão da linguagem popular se constitui como uma evidência pastoral que reflete a sensibilidade de um povo marcado por uma compreensão equivocada da ministerialidade na Liturgia³⁶⁹.

Por sua vez, o Concílio Vaticano II ao retomar a teologia oriunda do Movimento Litúrgico, recupera a identidade da Igreja como povo sacerdotal³⁷⁰. A teologia Conciliar evidenciou este dado fundamental para a compreensão em torno do ministério do leitor na assembleia litúrgica. É a partir disso que queremos apresentar a relação entre o ministério do leitor e o serviço que ele realiza na

³⁶⁸ PHILIPS, G., *L'Église et son mystère* au II^o Concile du Vatican, p. 146-149. A respeito do debate sobre a nomenclatura referente ao sacerdócio comum dos fiéis foi amplamente discutido no Concílio Vaticano II, e é bem descrito por um dos principais redatores da constituição *Lumen Gentium*, o teólogo belga Gérard Philips.

³⁶⁹ VITTURI, L., *E si alzò a leggere*, p. 27.

³⁷⁰ SC, 14.

Liturgia.

A partir disso, a referência que vamos abordar converge para a relação existente entre a Palavra de Deus e a assembleia litúrgica. Sobre isso, o documento Conciliar sobre a Liturgia assim expõem:

Os (...) leitores (...) desempenham um autêntico ministério litúrgico. Exerçam, pois, o seu múnus com piedade autêntica e do modo que convém a tão grande ministério e que o Povo de Deus tem o direito de exigir. E, pois, necessário imbuí-los de espírito litúrgico (...) e formá-los para executarem perfeita e ordenadamente a parte que lhes compete³⁷¹.

De fato, o anúncio litúrgico da Palavra de Deus implica um ministério da proclamação. Na Igreja de modo geral, o leitor é instituído para proclamar as leituras da Sagrada Escritura, exceto o Evangelho, e também para proferir o salmo entre as leituras. Os ministérios instituídos destacam o desenvolvimento da vida eclesial, pois eles são responsáveis por ajudar o clero na celebração da Eucaristia, na proclamação da Palavra de Deus e na administração dos sacramentos. No entanto, é papel de todo batizado ser um anunciador da Palavra. Em função do múnus recebido no batismo os fiéis são revestidos da graça de Deus em seu caráter profético. Sendo assim, são chamados a manifestar essa realidade da fé batismal na celebração eucarística.

Além disso, os ministros são instituídos ou delegados para a proclamação da Palavra no sentido de “todos os fiéis que, pelo seu sacerdócio real, participam no único sacerdócio de Cristo”³⁷² serem anunciadores da Palavra. Nesse sentido, o ministério do leitor consiste em chamar os batizados ao seu papel de anunciadores da Palavra de Deus na Liturgia. Desse modo, na Liturgia da Palavra o leitor desempenha um papel importante na proclamação e no anúncio da Palavra de Deus perante a assembleia reunida³⁷³.

É, portanto, uma função fundamental para a vida da comunidade cristã. Em função disso, o ministério do leitor tem por função preparar os demais batizados para o desempenho desta tarefa, o que a constitui uma atividade que a torna uma missão e uma missão acima e além do chamado do dever. A preparação para este ministério inclui a formação teológica, pastoral, litúrgica e técnica para que os leitores leigos se tornem verdadeiros profetas anunciadores da Palavra de Deus, à

³⁷¹ SC 29.

³⁷² LEMOS, R., Do rito ao anúncio da Palavra, p. 55.

³⁷³ LEMOS, R., Do rito ao anúncio da Palavra, p. 56.

semelhança do profeta Isaías, como foi visto anteriormente.

Com efeito, a Igreja é também referida continuamente como um povo de sacerdotes, bem como um reino sacerdotal³⁷⁴. De fato, Paulo VI, em sua encíclica, *Sacerdotalis Caelibatus* (1967), refere-se à Igreja como um reino sacerdotal, porque a eles é dado o ofício ministerial do sacerdócio de Cristo³⁷⁵.

Desse modo, para ser um bom servidor da Palavra, é preciso que o ministro se deixe conduzir pelo Espírito Santo. Efetivamente, é indispensável a postura de humilde discípulo servidor da Palavra de Deus, pois, a partir daí, a comunidade perceberá que é a Palavra de Deus que se pronuncia por meio de sua boca. De fato, o ministro deve ter o coração atento ao que ouve e o espírito aberto para o entendimento e para a proclamação.

Além disso, é indispensável uma preparação técnica que leve em consideração os elementos necessários para a proclamação diante da assembleia. Desse modo, munido das competências necessárias e de uma profunda consciência sacramental do ato que está realizando, o fiel investido ou delegado para a essa função, será capaz de desempenhar o ministério do leitor de forma clara e eloquente.

Assim sendo, ao reconhecer o valor sacramental que a Palavra carrega em si mesma na assembleia eucarística, sua exposição tem de ser de tal forma que a comunidade perceba que está sendo instrumento de um diálogo com Deus:

Assim é que existem muitas formas de exercer o ministério da Palavra, segundo as necessidades diversas dos ouvintes e os carismas dos pregadores. Nas terras ou nos meios não cristãos, os homens são levados à fé e aos sacramentos da salvação pela mensagem evangélica; na própria comunidade cristã, no entanto, sobretudo entre os que parecem entender ou crer pouco o que praticam, a pregação da Palavra se faz necessária para o próprio ministério dos sacramentos, uma vez que são sacramentos da fé, e esta nasce e se alimenta da Palavra. Isso vale antes de tudo para a Liturgia da Palavra na celebração da missa, na qual se unem inseparavelmente o anúncio da morte e da ressurreição do Senhor, a resposta do povo que escuta e a própria oblação, pela qual Cristo confirmou em seu sangue a Nova Aliança, oblação de que participam os fiéis tanto pelo desejo como pela recepção do sacramento³⁷⁶.

Os textos bíblicos proclamados na Liturgia da Palavra pelo leitor litúrgico correspondem ao caminho de fé que a Igreja segue e ensina. De fato, essa proclamação é uma experiência de comunhão e um itinerário de salvação. Pois, o

³⁷⁴1 Pd 2, 9.

³⁷⁵SaCa, 21.

³⁷⁶PO, 4.

leitor, para cumprir o seu ofício, deve, em primeiro lugar, estar consciente da importância da sua função e do seu papel, já que, quando atua, é ele quem faz presente na assembléia a Palavra viva de Deus como acontecimento novo, único, irrepetível e de salvação.

Se o itinerário de fé que percorremos, aqui nesta terra, é a experiência de Deus que nos chama a viver seu amor, a verdadeira experiência de Deus é a sua Palavra na Liturgia. A experiência de Deus, seu chamamento, seu amor, chega até nós na Palavra que nos anunciam. A palavra ouvida, acolhida e interiorizada na celebração litúrgica é o caminho da fé e do encontro com o Ressuscitado no hoje da história.

Em função disso, a proclamação da Palavra na celebração não é uma mera ritualidade, mas sim uma proclamação em relação ao mistério celebrado, ou seja, possui o caráter de evento que opera aquilo que significa. A proclamação torna-se um ato de fé, pois, o leitor proclama a Palavra de Deus, mas também é um ato de amor, pois o leitor proclama a Palavra de Deus para o seu povo³⁷⁷. De fato, deve ser compreendida como um evento sacramental³⁷⁸.

Com efeito, pode ser considerada como uma contínua epifania, de tal forma que inclui a existência do que é proclamado na assembleia. Assim sendo, é a graça salvadora que opera na dinâmica celebrativa. Por meio desta graça, os fatos proclamados operam no homem, e a redenção da história continua viva em nossas vidas.

Disso decorre que, ao terminar a proclamação do Evangelho, o ministro diz, “Palavra da salvação” e, toda a comunidade aclama dizendo, “Glória a vós, Senhor”³⁷⁹. A proclamação da Palavra na celebração é o resultado de dois processos dominantes: o ato de ler e o ato de falar em público. No entanto, a natureza pública da proclamação exige o cumprimento de certos princípios. Quando se proclama a Palavra na Liturgia, é preciso proclama-lá com atenção e fazê-la compreensível ao entendimento da assembleia³⁸⁰. De fato, essa proclamação deve ser uma contínua e plena entrega ao texto, como se o próprio ministro fosse o principal destinatário da proclamação.

Este conceito está radicado na abertura e aceitação do mistério da Palavra

³⁷⁷ESPOSITO, S., *Itinerari di liturgia per ilterzomillennio*, p. 75.

³⁷⁸MICHELETTI, G. D., *Como proclamar a Palavra*, p. 40.

³⁷⁹IGMR, 59.

³⁸⁰DUCHESNEAU, C., *Trasmetterela Parola*, p. 17.

de Deus na vida da comunidade. Com efeito, ao celebrar a Palavra na celebração eucarística, a Igreja é convocada a celebrar a Palavra de Deus através do evento sacramental. De certo modo, todos são chamados a celebrar a vida que é transmitida em Cristo por meio do anúncio litúrgico da Palavra, transmitida pela boca de seus ministros. De fato, essa experiência celebrativa é verdadeiro caminhoda experiência com o Deus que nos fala na celebração.

Em virtude do que foi apresentado, podemos dizer que a Palavra de Deus, proclamada na Liturgia possui o caráter sacramental de suscitar a fé, operar a salvação e manifestar a vida eterna. Desse modo, a Liturgia é, portanto, o espaço privilegiado para a ação da Palavra de Deus, que atua em nossas vidas, transformando-nos e levando-nos ao encontro com o Deus que reuniu o povo pela força de sua Palavra. No contexto da celebração eucarística, a Palavra possui uma dimensão celebrativa e sacramental na medida em que produz na assembleia aquilo que ela mesma significa, ou seja, a salvação.

O texto bíblico que é elencado para a Liturgia vai além de uma leitura, ele é uma relação entre Deus e o povo reclamado por ele. Deus é o protagonista dessa relação, uma vez que é Ele que revela-se e fala ao seu povo. A Escritura proclamada na Liturgia da Palavra é, portanto, uma ação de Deus. Em virtude disso, a Liturgia da Palavra não é apenas um momento de reflexão a partir de um texto apresentado, mas é antes de tudo uma relação entre Deus e o seu povo.

É assim que Deus faz sua voz ser ouvida para que as pessoas possam ser salvas. Dessa forma, os leitores fornecem a voz pela qual a Palavra de Deus é proclamada. Deste modo, os leitores são chamados à servir a Palavra e dar-lhe voz nos atos litúrgicos. A proclamação é essencial para a fé, pois, é o meio pelo qual Deus diz ao Seu povo: “Ouçam!”. A proclamação torna-se um ato de fé, de modo que o leitor proclama a Palavra de Deus para o seu povo³⁸¹.

Com efeito, aquele que proclama a Palavra na assembleia litúrgica deve, antes de qualquer coisa, fazer da Palavra a sua. Mas o leitor serve também à comunidade a que pertence, à qual pertence e à qual anuncia esta Palavra. Eles são os mediadores entre a Palavra e a Igreja. De certo modo, o leitor é a voz pela qual a Palavra é comunicada a assembleia litúrgica. Aquele que proclama deve ser capaz de fazer a Palavra chegar a outrem.

³⁸¹ESPOSITO, S., *Itinerari di liturgia per il terzo millennio*, p. 75.

A partir dessa compreensão, aprender a rever a Palavra, a interpretá-la e a dar-lhe uma forma adequada na realidade da assembleia litúrgica é fundamental para entender o sentido da proclamação da Palavra de Deus. Em vista disso, a proclamação da Palavra deve ser feita de tal maneira que a assembleia, ouvindo aquela Palavra, se sinta atraída a ela.

De fato, a Palavra deve ser proclamada e entendida, não somente por alguns, mas sim entendida por todos. Ao refletirmos sobre essa questão do entendimento da proclamação da Palavra pode surgir a dúvida natural: Como isto é possível? Com efeito, o caminho para esse entendimento a respeito da proclamação da Palavra nos é transmitido através da simplicidade e da clareza que são próprias da celebração eucarística. Assim sendo, a linguagem da proclamação deve ser clara e acessível a todos por meio do modo como se proclama. Em suma, a Palavra deve ser proclamada de forma que a assembleia possa recebê-la, que possa entendê-la, que possa compreendê-la. Disso decorre que, quando a Palavra é proclamada de tal maneira que a assembleia não a entende e não a compreende, há uma dissonância na unidade da própria ação litúrgica.

Além dessa afirmação, que se aplica a todas as proclamações da Palavra na Liturgia, há outra característica da proclamação dos textos bíblicos durante a celebração indicado pelo Concílio. A Constituição sobre a Liturgia nos afirma que “Deus está presente em sua Palavra, porque quando as Sagradas Escrituras são lidas na Igreja, Ele fala”³⁸². Portanto, a fala do Senhor e sua presença na reunião dependem, pelo menos em parte, de como o ministro cumpre seu ofício litúrgico. De fato, é uma responsabilidade séria que exige preparação espiritual e experiência técnica. Como aponta A. Grilo:

Hoje o católico, sem perder nada da Presença eucarística, precisa fazer experiência sacramental da Palavra; isso não é só uma ideia afirmada por um professor, um bispo ou um padre, mas por questão de identidade. Portanto, se está em jogo a experiência sacramental da Palavra, quando essa Palavra é proclamada, não se pode ficar lendo um livrinho (em que está escrita a mesma Palavra proclamada), ou realizar outro ato sacramental (por exemplo, a confissão ou a reza do terço).[...] Ao proclamar a Palavra, todos os que se encontram num certo lugar, para celebrar uma liturgia da Palavra, deveriam “pender” dos lábios do ministro que lê a Palavra e cumpre um ato ministerial. Mas é Cristo que permanece o verdadeiro sujeito; por isso, cada cristão não pode, ao mesmo tempo, permitir-se controlar se aquilo que se lê é aquilo mesmo³⁸³.

³⁸²SC, 7.

³⁸³ GRILLO, A., Ritos que educam, p. 162.

A Palavra deve ser proclamada de tal maneira que a assembleia possa recebê-la. Em função disso, para uma boa proclamação é necessária a formação prévia do leitor. Essa formação em vista do exercício do ministério do leitor deve ser constante, porque ninguém é bom proclamador, senão aqueles que constantemente se formam como leitores. Mas, a formação do leitor não basta para se chegar a uma boa proclamação. É preciso que o leitor seja também um bom ouvinte da Palavra.

Desse modo, a proclamação que é feita advém da Palavra que primeiro foi dirigida de “tu” para “tu”. Só assim ela poderá ser transmitida de “Tu” para “nós”, pois, manifesta a mensagem de Deus para a comunidade. Desse modo, o leitor precisa ter o conhecimento dessa Palavra, mas precisa ser profeta, precisa ser capaz de interpretar essa Palavra de maneira que possa ser dada ao mundo de hoje.

A Palavra de Deus é o pão da vida eterna (Jo 6,51). Ela representa o alimento para a vida eterna. Durante a Eucaristia, Jesus convida-nos a alimentarmos de sua Palavra para ter a vida eterna. Essa Palavra é a própria expressão de Jesus Cristo. É Ele mesmo que se torna a Palavra e que é anunciado. Por isso, ela é também uma verdadeira comunhão com o Senhor. Aquele que proclama a Palavra na comunidade eclesial é tocado pela verdade de Deus e, como resultado, se identifica com ela.

Em função disso, encontramos na Sagrada Escritura um modelo que vale a pena ser seguido como paradigma da nossa reflexão. Trata-se da proposta que São Paulo faz aos Tessalonicenses. O Apóstolo dos gentios propõem que, ao fazerem a leitura das Escrituras, o façam com atenção e compreensão para que seja possível discernir o que é certo e o que é errado (1Ts 2,13-14). No entanto, a identificação não é apenas da pessoa com a Verdade, mas também da Verdade com a pessoa. Assim sendo, a Palavra de Deus na assembleia eucarística fala de coração a coração, ou seja, existencialmente.

Deste modo, é na Liturgia da Palavra que o povo encontra Deus no “hoje” da história. Essa Palavra é a força que convoca, reúne e santifica a comunidade, dando-lhe a identidade de filhos do Pai. Ao ser proclamada na celebração, a Palavra torna-se a semente que faz nascer os frutos da santidade e que alimenta a fé dos batizados. Assim sendo, esta Palavra “sempre viva e eficaz”³⁸⁴, está no

³⁸⁴Hb 4, 12.

centro da ação evangelizadora da Igreja como sinal de comunhão e missão, como bem recorda o Papa Francisco:

Toda a evangelização está fundada sobre esta Palavra escutada, meditada, vivida, celebrada e testemunhada. A Sagrada Escritura é fonte da evangelização. Por isso, é preciso formar-se continuamente na escuta da Palavra. A Igreja não evangeliza, se não se deixa continuamente evangelizar. É indispensável que a Palavra de Deus “se torne cada vez mais o coração de toda a atividade, eclesial”³⁸⁵.

Em virtude disso, a abordagem destacada pelo Papa Francisco em sua Exortação Apostólica é fundamental para a compreendermos o sentido da vivência evangelizadora da Igreja nos dias atuais. De fato, a Palavra de Deus deve ocupar o centro da vida espiritual e missionária da Igreja. Desse modo, o serviço ministerial pertence a todo o povo de Deus, entendido como povo profético, sacerdotal e régio.

Assim sendo, à luz dessa abordagem podemos considerar a assembléia litúrgica como evento ministerial, na qual o Espírito renova e desperta a extraordinária abundância de ministérios na Liturgia da Palavra como força propulsora da proclamação como ação ministerial. Efetivamente, isso configura-se como uma clara redescoberta do chamado ao serviço, tendo em vista servir segundo o exemplo do esposo que se tornou servo³⁸⁶.

Vale destacar também, como parte do itinerário proposto no início deste capítulo, algumas considerações sobre o lugar da proclamação da Palavra na celebração litúrgica. Outrossim, trataremos neste momento do ambão³⁸⁷, ou seja, a mesa da Palavra. Vejamos qual é o seu significado para o ato da proclamação e como ele se configura como um polo teológico fundamental na Liturgia.

Em função disso, podemos dizer que a Liturgia possui três “lugares teológicos” fundamentais. São eles: a cátedra, o altar e o ambão. Não é do nosso intento explorar profundamente o sentido teológico de todos esses elementos mencionados. Vale destacar também que partindo da compreensão que o ambão é um espaço de reflexão teológica e possui igual semelhança e dignidade que o

³⁸⁵ EG, 174.

³⁸⁶ Lc 22, 27.

³⁸⁷ ALDAZÁBAL, J., Vocabulário básico de Liturgia, p. 24. “A palavra latina *ambo* vem do grego *anabaino* (subir), que designava um lugar elevado, a tribuna, com varanda e átrio, próxima da nave, de onde se proclamava a Palavra ao povo. A evolução para dois ambões e para o púlpito foi posterior. [...] Na atual reforma, potenciou-se de novo a importância da Palavra de Deus e a sua proclamação na assembleia. Por isso, o ambão volta a ser considerado um dos três polos simbólicos e de atenção na celebração, junto com o altar e a sede do presidente”.

altar, podemos afirmar que a Palavra que se faz carne no altar também se faz anúncio no ambão, estabelecendo com isso uma relação única.

A importância da Escritura na celebração, afirmada pelo Concílio Vaticano II, estende-se necessariamente até onde ela é proclamada. A introdução do lecionário afirma que o lugar da Palavra corresponde à dignidade e evoca uma relação direta com o altar. Disso podemos concluir que a Mesa da Palavra tem uma identificação com a Mesa da Eucaristia.

Em função dessa profunda relação entre as duas mesas, é correto afirmar que “o ambão evoca o altar na medida em que o Verbo anunciado do ambão se faz ‘carne’ sobre o altar”³⁸⁸. Por isso, podemos falar precisamente de “duas mesas” - a Mesa da Palavra e a Mesa da Eucaristia.

O objetivo principal do ambão é enfatizar a palavra de Deus na Liturgia. É um local fixo, na maioria das vezes próximo ao altar, onde a Palavra de Deus é anunciada ou proclamada. É importante que o ambão seja visto como um local sagrado porque ali o leitor proclama a Palavra. Sobre isso, cabe ressaltar o que nos diz a IGMR sobre a dignidade deste local teológico:

A dignidade da palavra de Deus requer na igreja um lugar condigno de onde possa ser anunciada e para onde se volte espontaneamente a atenção dos fiéis no momento da liturgia da Palavra. De modo geral, convém que esse lugar seja uma estrutura estável e não uma simples estante móvel. Do ambão são proferidas somente as leituras, o salmo responsorial e o precônio pascal; também se podem proferir a homilia e as intenções da oração universal ou oração dos fiéis. A dignidade do ambão exige que a ele suba somente o ministro da palavra³⁸⁹.

Além disso, o ambão deve se enquadrar na estrutura arquitetônica e na estética do espaço litúrgico. Por exemplo, se o local for uma Igreja antiga, o ambão deve ser feito de materiais adequados à arquitetura da Igreja, para que não destoe do seu entorno, ou seja, o espaço celebrativo. O mesmo se aplica à estética: o ambão deve ser esteticamente agradável e simples, não apenas funcional, para que assim possa combinar com a atmosfera do espaço celebrativo.

A partir da definição de ambão como “um lugar fixo onde a Palavra de Deus é anunciada ou proclamada”³⁹⁰, podemos perceber também onde ela é adequada para seu uso, como é utilizada, as formas adequadas à celebração e sua adequação

³⁸⁸ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, O Domingo da Palavra de Deus, p.12.

³⁸⁹ IGMR 309.

³⁹⁰ OLM 32.

à arquitetura e estética dos espaços litúrgicos.

Com base nisso, podemos dizer que o lugar da proclamação da Palavra possui uma teologia. De fato, essa teologia do ambão enfatiza a centralidade do Palavra na celebração eucarística. Se assim é possível afirmar, o uso do ambão evoca o mistério da Encarnação do Verbo³⁹¹. Nele, a Palavra de Deus se aproxima da assembleia para que possamos situar-nos no horizonte sacramental da história da salvação.

Ainda convém dizer que a teologia em torno da Mesa da Palavra também enfatiza o caráter missionário da Igreja ao anunciar o Evangelho. Além disso, essa teologia expressa que Deus se revela por meio da Palavra proclamada e que a presença de Deus pode ser experimentada por meio do serviço litúrgico da Palavra. Podemos dizer que essa é a dinâmica celebrativa que torna toda a celebração litúrgica ministerial.

Em virtude dos fatos mencionados, a mesa da Palavra também pode ser entendida como um lembrete de que “a Palavra de Deus torna-se perceptível à fé através do ‘sinal’ de palavras e gestos humanos”³⁹². Pois Cristo é o caminho, a verdade e a vida. O uso do ambão é um lembrete de que devemos nos dedicar à Palavra de Deus.

Em virtude do que foi mencionado, é certo afirmar que na celebração eucarística a Mesa da Palavra possui um caráter único. Através dela, o mistério da Palavra de Deus é anunciado, proclamado e meditado por meio dos ministros que servem à dinâmica sacramental da Palavra em função de seu múnus batismal. De fato, o ambão se constitui como o lugar de onde brotam o anúncio da salvação, Palavra de vida e de esperança para o povo.

Com efeito, o ambão pode ser compreendido como o ponto de partida da Palavra para a dinâmica celebrativa. É onde o Espírito Santo se faz ouvir, e também é o lugar onde o povo de Deus se inclina para ouvir o que Deus fala. Podemos dizer que através da Palavra proclamada no ambão fluem as maravilhas de Deus como anúncio da salvação.

³⁹¹ GERHARDS, A., KRANEMANN, B., Introdução à Liturgia, p. 268.

³⁹² VD 56.

5 Conclusão

Nossa proposta de pesquisa quis estabelecer uma relação essencial entre a Palavra de Deus e a celebração eucarística. Em função disso, nosso trabalho pretendeu aproximar a realidade sacramental da Palavra de Deus da dinâmica celebrativa que compõe a celebração eucarística. É mediante a Palavra que a Igreja celebra e atualiza o mistério de Cristo no “hoje” da história salvífica. Esses dois temas são combinados em uma relação essencial. Como sabemos, é a Palavra que convoca, reúne e santifica o povo, pois nela se faz presente o próprio Cristo pela ação do Espírito Santo. Desse modo, a Igreja não vive apenas da veneração da Escritura ou da veneração do corpo de Cristo, mas de ambas, que são especialmente visíveis na celebração eucarística.

Em função da Palavra de Deus está fortemente associada à celebração eucarística, isso nos fez considerar três aspectos teológicos presentes na celebração em torno da Palavra. Em outras palavras, por meio dessa análise concluímos que é possível visualizar o significado da celebração em relação à Palavra de Deus e a inter-relação entre palavras e ações presentes no culto cristão. Desse modo, o trabalho considerou que a dinâmica da economia da salvação está contida no ato celebrativo em torno da Palavra. Assim, na celebração a Igreja alimenta-se da Palavra e do Corpo do Senhor. Nela, a comunidade eclesial experimenta e vive a Palavra em sua dinâmica fundamental, aquela sacramental. Assim, sem a experiência litúrgico-sacramental não há experiência da Palavra, e vice-versa, pois ambas estão relacionadas intimamente.

O primeiro aspecto manifesta-se na dimensão reveladora e dinâmica da Palavra de Deus na história, como exposto no segundo capítulo de nossa pesquisa. A partir disso, foi possível compreender a história da revelação como um contínuo desabrochar salvífico da ação do Deus que se revela e dá a sua Palavra. Ao que se segue a isso, podemos perceber o modo pelo qual o Deus de Israel, falando, se revela. A abordagem bíblica favorece o entendimento conexo dos eventos da história.

Na primeira parte deste capítulo, optamos por apresentar um panorama bíblico vetero e neotestamentário. Apoiado sobre estes dois pilares bíblicos é possível constatar o dinamismo e os indícios de uma sacramentalidade da Palavra

de Deus. Com isso, queremos destacar aqui que no Antigo Testamento a principal evidência desse dinamismo da Palavra é a compreensão do evento da Aliança. A partir dele outros marcos são possíveis de serem traçados, tal qual foi exposto na compreensão de Israel a respeito da relação entre a Palavra de Deus e os profetas, a criação e a sabedoria. Tais etapas da história evidenciam que a Palavra de Deus destina-se principalmente a estabelecer relacionamentos, não a transmitir verdades conceituais. Isso é especialmente importante para testemunhar o modo pelo qual o povo de Israel responde à fé na Palavra de Deus.

Em função disso, como primeira conclusão, convém lembrar que a mola mestra dessa perspectiva é a aliança. Deus estabelece um relacionamento com seu povo de pai para filho. Na Bíblia, o Pai se encontra e fala com seus filhos com amor. Podemos pontuar aqui que esse dinamismo revelador de Deus é elevado à máxima potência pela encarnação do Verbo divino na pessoa de Jesus. Desse modo, o Filho torna-se a maior expressão do Pai.

Com efeito, a Palavra do Filho é a mesma do Pai, pois nele Deus é revelado de modo único e novo, ou seja, sua Palavra adquire um rosto. Todos os atributos antes referidos ao Pai, podem ser agora vislumbrados pela Palavra e ação do Filho. Outrossim, Jesus expressa a relação com a Palavra de Deus de modo exemplar no evento da sinagoga de Nazaré. Isso é sobremaneira destacado pela análise tipológica que destacamos entre a conhecida perícopa lucana e a perícopa extraída do livro de Neemias.

O terceiro capítulo destacou outro aspecto fundamental para a nossa pesquisa. Trata-se aqui da dinâmica sacramental da Palavra de Deus na celebração eucarística. Em função disso, se pôde perceber que a sacramentalidade da Palavra se expressa de forma tripartida pela presença de Cristo na Palavra, pela ação do Espírito na Palavra e a dinâmica celebrativa em torno da Palavra.

Em vista disso, podemos constatar que a dinâmica celebrativa evidencia os elementos fundamentais da ação sacramental da Palavra de Deus. Nesse sentido, a primeira parte do terceiro capítulo destaca a teologia dos Padres da Igreja sobre a compreensão a respeito da presença de Cristo na Palavra como primeiro elemento de nossa abordagem. A partir da teologia oriunda dos Padres é possível considerarmos que a Palavra adquire o mesmo status da eucaristia. Com efeito, O protagonista da celebração é, sem dúvida, Cristo, através do Espírito na dinâmica do seu corpo eclesial.

Outro elemento que destacamos a partir para dessa abordagem é a dinâmica pneumática sobre a Palavra na celebração eucarística. Esse elemento funde-se com a compreensão sacramental da Palavra em uma contínua escuta litúrgico-existencial da Palavra. Com efeito, isso ajuda a destacar o valor performativo que a Palavra possui no seio da celebração eucarística.

Em virtude do que foi mencionado, o terceiro aspecto manifesta-se no caráter litúrgico-pastoral que a Palavra de Deus apresenta. A abordagem da Sagrada Escritura e da Liturgia ao longo da história conheceu diferentes formas de entender e priorizar seus aspectos. Atualmente, na esteira da reflexão do Concílio Vaticano II, a Liturgia é entendida como a fonte do culto a Deus e da santificação humana. Os esforços feitos desde o Concílio refletem a necessidade constante de levar a Palavra de Deus às assembléias litúrgicas, seja para preservar as Escrituras na celebração eucarística, seja na sua sacramentalidade, ou mesmo em relação à participação dos fiéis. Isso reflete a contínua necessidade de ouvir a Palavra de Deus como anúncio salvífico na celebração

Nela, é onde se faz presente a obra redentora entendida em profunda ligação com a dinâmica celebrativa em torno da Palavra. Antes de ser um ato da Igreja, a celebração litúrgica é obra da Palavra de Deus que convoca e reúne o povo ao redor das duas mesas. Desse modo, podemos considerar que a Liturgia tem sua origem no próprio Deus e em sua ação convocadora por meio da Palavra.

Levando-se em consideração esse aspecto, é possível vislumbrarmos que a ação celebrativa está fundamentalmente ligada a teologia da assembleia litúrgica. Quando a teologia litúrgica trata da celebração da Eucaristia, ensina que ela gira em torno de uma dupla mesa: a mesa da Palavra e a mesa da Eucaristia. Ambas estão intimamente relacionadas a ponto de formar um único ato de culto.

Esses dois atos compreendidos em sua unidade servem ao propósito de seguir os mandamentos de Jesus e fazer “isso” em sua memória, levando assim a assembleia a um diálogo íntimo com Deus. Em função disso, tanto a ministerialidade quanto a disposição dos elementos na celebração configuram-se como espaços teológicos de onde a Palavra de Deus é proclamada.

Por todos esses aspectos que trouxemos em nosso trabalho, é possível dizer a riqueza da *Sacrosanctum Concilium*. Além disso, é enorme a abundância dos resultados produzidos por sua aplicação. Entre eles, pode-se destacar a participação litúrgica dos fiéis de forma ativa e consciente. O enriquecimento da

doutrina e do catecismo, o uso da linguagem vernácula, a abundância de leituras das Escrituras e o aumento do senso de comunhão na vida litúrgica são esforços ainda em constante desenvolvimento pensados para se romper velhos paradigmas que . Mas a intenção de colocar a Liturgia no contexto da revelação como história da salvação é impressionante, visto que toda a obra de salvação ocorre na celebração eucarística.

Ao compreendermos a celebração eucarística como sinal e memorial do evento salvífico de Cristo, ela realiza a história sagrada na medida em que expressa, pela prodigiosa Palavra de Deus proclamada, aquilo que ela significa. Tudo isto se traduz numa ação celebrativa em torno da Palavra que, como ação do corpo eclesial, deve procurar a compreensão do que está sendo celebrado, a valorização da simplicidade, clareza e brevidade que exclua todo o tipo de repetições inúteis.

Sem dúvida, a Palavra de Deus é, portanto, a principal fonte da celebração eucarística. Se a Sagrada Escritura é compreendida como a alma da Teologia, é também possível reconhecermos a Palavra de Deus como alma da celebração. A herança deixada pelas Escrituras é de um caráter tão fundamental e central na vida da Igreja que a tarefa da celebração eucarística é também reanimá-la gradualmente. De fato, a celebração eucarística, portanto, é chamada a favorecer uma proclamação mais abundante das Escrituras, e ao mesmo tempo buscar na celebração o momento de excelência para aprofundar a Palavra e o Mistério anunciado, vivido e celebrado.

A leitura litúrgica da Escritura é tudo menos leitura. É uma ação, um fato vivo, um acontecimento. Disso é possível dizer que a Escritura na celebração torna-se Palavra e esta Palavra não é lida na celebração, ela é proclamada. Ela realiza aquilo que diz. Portanto, esta Palavra é sempre atual, porque é Palavra celebrada.

Nosso percurso de trabalho quis introduzir a dinâmica da Palavra na celebração eucarística e proporcionar um amadurecimento de sua perspectiva sacramental. Depois de séculos de obscuridade, não é de estranhar que o protagonismo da assembleia litúrgica para ouvir a Palavra de Deus ainda seja uma “novidade” que se manifesta na dinâmica celebrativa ao redor da Palavra no seio da assembleia dos batizados.

A Liturgia da Palavra é parte integrante dos ritos sacramentais. A partir do que vimos, podemos considerá-la como o evento sacramental. O tema da sacramentalidade da Palavra de Deus foi revisitado nos últimos anos, tanto no Magistério da Igreja como nas considerações teológicas provenientes do Concílio Vaticano II.

Destacamos também que por meio da Palavra celebrada, os batizados recebem a salvação e louvam a Deus com justiça. De fato, a santificação do homem e a glorificação de Deus são os dois eixos da natureza sacramental da ação litúrgica, e as Escrituras proclamadas na celebração eucarística fazem parte dessa mesma dinâmica.

Além disso, a temática em torno da sacramentalidade da Palavra talvez espere um maior desenvolvimento. Para nossa abordagem, no entanto, a base para a reforma litúrgica pós-conciliar é suficiente como material de estudo. Em vista disso, ela constitui-se um ponto de referência para a celebração do mistério pascal de Cristo à luz da Palavra de Deus na celebração eucarística.

O que apresentamos é um reflexo humilde de nossos esforços para entender o vespó de uma teologia litúrgica da Palavra de Deus a partir da celebração eucarística. Estamos cientes da incompletude que este estudo apresenta, é nosso desejo despertar constantemente um renovado interesse pela sacramentalidade da Palavra de Deus na celebração como fonte primária da Liturgia. Mesmo que essas contribuições sejam caracterizadas por diferentes limitações.

6. Referências bibliográficas

AGOSTINHO. Cartas. In: Cordeiro, J. L. (Org.) Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 944-992.

AGOSTINHO. Sermões. In: Cordeiro, J. L. (Org.) Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 993-1126.

ALDAZÁBAL, J. A Eucaristia. 4 Ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

ALDAZÁBAL, J. A mesa da Palavra I. Elenco das leituras da missa. São Paulo: Paulinas, 2007.

ALDAZÁBAL, J. Domingo, o dia do Senhor. In: In: BOROBIO, D. (Org.) A celebração na Igreja. Ritmos e tempos da celebração. São Paulo: Loyola, 2000, v. 3, p. 67-91.

ALDAZÁBAL, J. Gestos e símbolos. São Paulo: Loyola, 2005.

ALDAZÁBAL, J. Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas / comentários de J. Aldazábal. São Paulo: Paulinas, 2010.

ALDAZÁBAL, J. Instrução Geral sobre o Missal Romano. Terceira Edição. Comentários de J. Aldazábal. São Paulo: Paulinas, 2007.

ALDAZÁBAL, J. Movimento Litúrgico. In: *Dicionário elementar de Liturgia*. Prior Velho: Paulinas, 2007, p. 188-189.

ALDAZÁBAL, José. A Eucaristia. Petrópolis: Vozes, 2002.

ALDAZÁBAL, José. Instrução geral sobre o Missal Romano: comentário de J. Aldazábal. São Paulo: Paulinas, 2012.

ALMEIDA, A. J. Ministérios. In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. (Coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2015, p. 617-625.

AMBRÓSIO DE MILÃO. Abraão. In: Cordeiro, J. L. (Org.) Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 600-601.

AMBRÓSIO DE MILÃO. Apologia de David. In: Cordeiro, J. L. (Org.) Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 602. 140

AMBRÓSIO DE MILÃO. Os sacramentos. In: Cordeiro, J. L. (Org.) Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 604-613.

AMBRÓSIO DE MILÃO. Sobre os sacramentos. Livro I. São Paulo: Paulus, 1996.

ANÁFORA COPTA DE SÃO BASÍLIO DE CESAREIA. Epiclese. In: Cordeiro, J. L. (Org.) Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 1331-1333.

ASSUNÇÃO, Rudy Albino De. O Sacrifício da Palavra: A liturgia da missa segundo Bento XVI. Campinas: Ecclesiae, 2016.

ATA DOS MÁRTIRES. Ata dos Santos Saturnino, Dativo e de muitos outros mártires africanos. In: Cordeiro, J. L. (Org.) Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 686-688.

AUGÉ, M. Liturgia. História, celebração, teologia espiritualidade. 3 Ed. São Paulo: Ave Maria, 2007.

AUGÉ, Matias. Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade. São Paulo: Editora Ave Maria, 2013.

BASÍLIO DE CESAREIA. O Espírito Santo. In: Cordeiro, J. L. (Org.) Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 457-462.

BASURKO, X. De Gregório Magno a Gregório VII. In: BORÓBIO, D. (Org). A celebração na Igreja. Liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 2002. v. I, p. 84-97.

BASURKO, X. De Gregório VII a Trento. In: BORÓBIO, D. (Org). A celebração na Igreja. Liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 2002. v. I, p. 98-111.

BASURKO, X. De Trento ao movimento litúrgico. In: BORÓBIO, D. (Org). A celebração na Igreja. Liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 2002. v. I. p. 112-125.

BASURKO, X. O culto cristão na Igreja do Império. In: BORÓBIO, D. (Org). A celebração na Igreja. Liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 2002. v. I. p. 37-125.

BASURKO, X. O movimento litúrgico. In: BORÓBIO, D. (org). A celebração na Igreja. Liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 2002. v. I. p. 126-135.

BASURKO, X., “A vida litúrgica da Igreja em sua evolução histórica”. In: BOROBIO, D. (org), A celebração na Igreja. Liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 1990, v. I, p. 38-125.

BECKER, U. Fogo. In: *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 133.

- BECKHÄUSER, A. Liturgia. Iniciação à teologia. Petrópolis: Vozes, 2019.
- BECKHÄUSER, A. Os fundamentos da sagrada liturgia. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BECKHÄUSER, ALBERTO. Sacrosanctum Concilium: texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2012.
- BENTO XVI, *Audiência Geral, Sala Paulo VI, Quarta-feira, 16 de Janeiro de 2013*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2013/documents/hf_ben-xvi_aud_20130116.html. Acesso em: 16 de out, 2022.
- BENTO XVI, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Africae Munus* sobre a Igreja na África ao serviço da reconciliação, da justiça e da paz. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20111119_africae-munus.html. Acesso em: 16 de out, 2022
- BENTO XVI. Quaresma e Páscoa. São Paulo: Paulus, 2013.
- BENTO XVI. *Sacramentum Caritatis*. Sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2007.
- BENTO XVI. *Verbum Domini*. Sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2010.
- BOROBIO, D., Celebrar para viver. Liturgia e sacramento da Igreja. São Paulo: Loyola, 2009.
- BOROBIO, Dionisio et al (Org.). A celebração na Igreja I: Liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- BOSELLI, Goffredo. O sentido espiritual da liturgia. Brasília: Edições CNBB, 2014.
- BOUYER, L. Diccionario de Teología. Barcelona: Editora Herder, 1968.
- BUYST, Ione. O segredo dos ritos: ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã. São Paulo: Paulinas, 2011.
- CANTALAMESSA, RANIERO. A Liturgia da Palavra. Charis.Internacional, 2022. Disponível em: <https://www.charis.international/pt/a-liturgia-da-palavra/>. Acesso em: 30 de out, 2022
- CANTALAMESSA, RANIERO. O Mistério da Palavra de Deus. São Paulo: Editora Canção Nova, 2014.
- CASTELLANO, J. Liturgia e vida espiritual. Teologia, celebração, experiência. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.
- CELAM, Manual de liturgia: A celebração do mistério pascal outras expressões celebrativas do mistério pascal e a liturgia na vida da Igreja, São Paulo: Paulus, vol. IV, 2007, p. 303-304.

CELAM. Conclusões da Conferência de Puebla. Evangelização no presente e no futuro da América Latina. 14 Ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

CELAM. Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 6 Ed. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulinas; Paulus, 2008.

COLA, G. C. O sacramento-assembleia. Teologia mistagógica da comunidade celebrante. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2020.

COLA, G. C. A reunião cristã como sacramento do desígnio divino de salvação: teologia da assembleia litúrgica. Rio de Janeiro, 2013. 159. Dissertação. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

COLLANTES, J. La Iglesia de la Palabra. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1972.

COMPÊNDIO VATICANO II. Constituições, Decretos, Declarações. Petrópolis: Vozes, 2001.

CONCÍLIO VATICANO II. “Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a liturgia”. In: BECKHÄUSER, A., Sacrosanctum Concilium. Texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2012.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática *Dei Verbum*. In: KLOPPENBURG, B; VIER, F. (Orgs.). Compêndio do Vaticano II. Constituições, decretos e declarações. 29 Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática *Lumen Gentium*. In: KLOPPENBURG, B; VIER, F. (Orgs.). Compêndio do Vaticano II. Constituições, decretos e declarações. 29 Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição pastoral *Gaudium et Spes*. In: KLOPPENBURG, B; VIER, F. (Orgs.). Compêndio do Vaticano II. Constituições, decretos e declarações. 29 Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium*. Sobre a Sagrada Liturgia. São Paulo: Paulinas, 2013.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Presbiterorum Ordines*. In: KLOPPENBURG, B; VIER, F. (Orgs.). Compêndio do Vaticano II. Constituições, decretos e declarações. 29 Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Guia litúrgico-pastoral, op. cit., p. 18.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Liturgia na ação evangelizadora: uma leitura litúrgica das Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2015.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Liturgia: Epifania da palavra de Deus. Brasília: Edições CNBB, 2014.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Liturgia: fonte e ápice da vida e da ação da Igreja. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas. São Paulo: Paulinas, 1999.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Orientações para a celebração da Palavra de Deus. São Paulo: Paulinas, 1994.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário. Brasília: Edições CNBB, 2008.

CONSTITUIÇÃO VATICANO II Constituição Pastoral *Gaudium Et Spes*: sobre a Igreja no Mundo de Hoje. In: *Compêndio do Vaticano II. Constituições, decretos e declarações*. 31.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015, n. 106.

CORBON, J. A fonte da liturgia. Lisboa: Paulinas, 1999

COSTA, B. O Movimento litúrgico e a redescoberta da qualidade teológica da liturgia. Antônio Coelho e a dimensão teológica do Mistério celebrado. *Didaskalia didaskalia xl* (2010)2. 135-156

CUVA, A. Le sorgenti del ministero: Liturgia e diaconia. Roma, 1994.

DE ZAN, R. Os múltiplos tesouros da única palavra: Introdução ao lecionário e à leitura litúrgica da Bíblia. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

DEISS, L. A Palavra de Deus celebrada. Petrópolis: Vozes, 1998.

DI SANTE, C. Israel em oração. As origens da liturgia cristã. São Paulo: Paulinas, 1989.

DI SANTE, C. Liturgia judaica. Fontes, estrutura, orações e festas. São Paulo: Paulus, 2004.

DÍAZ, J. L. S. Introdução ao Antigo Testamento. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

DIDAQUÉ. Instrução do Senhor aos gentios. In: Cordeiro, J. L. (Org.) *Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 100-107.

ESPOSITO, S. *Itinerari de liturgia per il terzo millennio*. Napoli, 2002.

FRADE, G. Bíblia e liturgia. In: *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, Vol. 5, n. 7, jan/jun, 2011, p. 62-70.

GELINEAU, J. (Org.) *Em vossas Assembleias*. São Paulo: Edições Paulinas, 1975.

GELINEAU, J. O amanhã da Liturgia. Ensaio sobre a evolução das assembleias cristãs. São Paulo: Paulinas, 1977.

GELINEAU, J., “O mistério da assembleia”. In: GELINEAU, J. (org.), Em vossas assembleias. Sentido e prática da celebração litúrgica. São Paulo: Paulinas, 1973, p. 45-55.

GIRAUDO, C. Num só corpo. Tratado mistagógico sobre a Eucaristia. 2 Ed. São Paulo: Loyola, 2014.

GIRAUDO, C., Ascolta, Israele! Ascoltaci, Signore! Teologia e spiritualità della liturgia della Parola. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2008.

GIRAUDO, Cesare. Admiração eucarística: para uma teologia da missa à luz da encíclica Ecclesia de Eucharistia. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

GODINHO, P. S. S. Bíblia e Liturgia: A Tipologia ao serviço da Mesa da Palavra. Porto, 2013.

GONZAGA, W., A noção de verdade e de evangelho no NT. In: Atualidade Teológica, Rio de Janeiro, v.46, p. 15-37, jan./abr.2014

GREGÓRIO DE NAZIANZO. Sermões. In: Cordeiro, J. L. (Org.) Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 567-578.

HAHN, S. Letter and Spirit., New York: Doubleday, 2005.

JOÃO PAULO II, Carta Apostólica Vicesimus quintus annus no 25º aniversário da constituição conciliar “Sacrosanctum Concilium” sobre a Sagrada Liturgia. Disponível em :https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/apost_letters/1988/documents/hf_jp-ii_apl_19881204_vicesimus-quintus-annus.html. Acesso em: 16 de out, 2022

JOÃO PAULO II, PP. Carta apostólica *Dies Domini*. Sobre a santificação do Domingo. São Paulo: Paulinas, 1998.

JUNGSMANN, J. A. Missarum Sollemnia: Origens, Liturgia, História e Teologia da Missa Romana. São Paulo: Paulus, 2009.

LIMA, M. L. C. A Palavra de Deus em palavras humanas. Para ler e compreender a Escritura. São Paulo: Paulinas, 2020.

MAGRASSI, M. Viver a Palavra. São Paulo: Ed. Paulinas, 1983

MANNUCCI, V. Bíblia, Palavra de Deus. São Paulo: Paulus, 2019.

MAQUEDA, A. L. Espírito Santo e Liturgia. São Paulo: Paulinas, 2020.

MARSILI, S. A Liturgia, momento histórico da salvação. In: NEUNHEUSER, B. et alii. A liturgia: momento histórico da salvação. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 37-190. (coleção Anámnese 1)

MARSILI, S. Sinais do mistério de Cristo. Teologia litúrgica dos Sacramentos, Espiritualidade e Ano Litúrgico. São Paulo: Paulinas, 2010.

MARTIMORT, A. G. A Eucaristia. A Igreja em Oração. Petrópolis: Vozes, 1989. V. II.

MARTIMORT, A. G. et al. A Igreja em oração: Introdução à Liturgia. Vol. I: princípios da Liturgia. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

MARTIMORT, A. G. Os Sacramentos. A Igreja em Oração. Petrópolis: Vozes, 1991. V. III.

MARTÍN, J. L. A liturgia da Igreja. Teologia, história, espiritualidade e pastoral. São Paulo: Paulinas, 2006.

MARTÍN, J. L., No espírito e na verdade. Introdução teológica à liturgia. Petrópolis: Vozes, 1996, 2 volumes.

MASSARO, A. L. A celebração da Palavra de Deus à luz do Vaticano II: elementos restaurados, fonte de fé e mistério pascal de Cristo. São Paulo, 2017.

MISTRORIGO, A., Liturgia: Linee di fondamento teologico pastorale. Vicenza: Favero Editore Vicenza, 1970.

MOESCH, Olavo. A Palavra de Deus: teologia e práxis da evangelização. Petrópolis: Vozes, 1995.

MOLLAT, D. Evangelho. In: Dufour, X. L. Vocabulario de teología bíblica. Barcelona: Editora Herder, p. 274-276.

MORAES, A. J. Celebrar a Eucaristia hoje: Liturgia e Ministérios. Rio de Janeiro: Editora Nossa Senhora da Paz, 2006.

MORAES, A. J. Liturgia e Palavra: Para uma pastoral litúrgica da Palavra de Deus. Rio de Janeiro: Editora Nossa Senhora da Paz, 2010.

NETO, M. P. F. A relação entre a escritura e a celebração litúrgica: a liturgia como princípio teológico. Rio de Janeiro: Letra Capital Editora, 2019.

NEUNHEUSER, B. História da liturgia através das épocas culturais. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

NOCENT, A. A leitura da Sagrada Escritura. In: GELINEAU, Joseph. Em vossas Assembleias. São Paulo: Edições Paulinas, 1975. Páginas 171-184.

PAULO VI. Constituição dogmática Dei Verbum sobre a revelação divina. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/va-t-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html. Acesso em: 12 out, 2021.

PEREIRA, N. B. A Palavra de Deus no Vaticano II. In: Encontros Teológicos, nº 62, Ano 27, número 2, 2012, p. 95-106.

PHILIPS, G. L'Église et son mystère au II^o Concile du Vatican. Histoire, texte et commentaire de la Constitution Lumen gentium. Paris: Desclée, 1967. v. I.

PIÉ-NINOT, S. Introdução à eclesiologia. São Paulo: Loyola, 1998.

QUIRINO, A. T. Teologia da escuta: Palavra e rito na experiência litúrgico-cristã. Dissertação. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de

Janeiro. Rio de Janeiro, 2022

ROMA, Justino de. I e II apologias: diálogo com Trifão. São Paulo: Paulus, 1995.

SANTANA, L. F. R. A palavra de Deus na celebração litúrgica. In: DONDICI, G. Fecundados pela Palavra comentários à Exortação Apostólica Verbum Domini. São Paulo: Paulus, 2014, p. 81-96.

SANTANA, L. F. R. Bíblia e Liturgia: da Dei Verbum à Verbum Domini. ATeo, Rio de Janeiro, v. 21, n. 56, p. 243-263, mai. /ago.2017

SANTANA, L. F. R. O culto cristão como experiência do Espírito Santo na fé e na vida: Liturgia no Espírito. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2015.

SCHMAUS, M. A fé da Igreja,

SZENTMÁRTONI, M. Introdução à teologia pastoral. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

TABORDA, F. O Memorial da Páscoa do Senhor: Ensaio litúrgico-teológico sobre a eucaristia. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

VAGAGGINI, C., O sentido teológico da liturgia. São Paulo: Loyola, 2009.

VITTURI, L. E si alzò a leggere: Riflessioni sulla proclamazione della Parola. Venezia: Marcianum Press, 2009.